

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE – PPGELS

NADIR DE SOUZA LÉDO AGUIAR

**“NA MINHA COMUNIDADE NÃO TEM NADA. É UM FIM DE MUNDO!”:
HISTÓRIA LOCAL, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE JOÃO
BARROCA**

CAETITÉ/BA

2024

NADIR DE SOUZA LÉDO AGUIAR

**“NA MINHA COMUNIDADE NÃO TEM NADA. É UM FIM DE MUNDO!”:
HISTÓRIA LOCAL, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE JOÃO
BARROCA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus VI*, como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Ensino, Linguagens e Identidades

Orientador: Prof. Dr., Jairo Carvalho do Nascimento

CAETITÉ/BA

2024

A227h

Aguiar, Nadir de Souza Léo.

“Na minha comunidade não tem nada. É um fim de mundo!”:
História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca. /
Nadir de Souza Léo Aguiar, 2024.

147f.

Orientador (a): Dr. Jairo Carvalho do Nascimento.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia,
Programa
de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS,
Caetité - Ba, 2024.

Inclui referências. 105-114.

1. História local - Memória. 2. Identidade e patrimônio. 3. Educação
patrimonial. 4. Ensino. I. Nascimento, Jairo Carvalho do. II. Programa
de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS. III.
T.

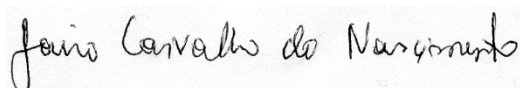
CDD 907

NADIR DE SOUZA LÉDO AGUIAR

“NA MINHA COMUNIDADE NÃO TEM NADA. É UM FIM DE MUNDO!”: HISTÓRIA LOCAL, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE JOÃO BARROCA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE – PPGELS – DCH VI – UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em 10 de junho de 2024, com nota 10,0.



Prof.º Dr.º JAIRO CARVALHO DO NASCIMENTO
Orientador – PPGELS – UNEB – DCH – Campus VI
Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia



Prof. Dr. NIVALDO OSVALDO DUTRA
Examinador Interno – UNEB – DCH – Campus VI
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Prof.ª Dr.ª MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ
Examinadora Externa – UFRB
Doutora em História pela Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e à minha família pela existência em minha vida.

A meu pai “Zeca do Vilão” (*in memoriam*), que sempre nos incentivou com as histórias dos folhetos de cordel que trazia da feira. À minha Tia Elisa (Tiá) (*in memoriam*), que, sentada fiando em sua roda de fiar, prendia nossa atenção com suas histórias e causos de nossos ancestrais. À minha mãe, “Dona Rosa”, mulher de uma história forte e exemplo de superação. Suas narrativas de vida nos inspiram a não baixar a cabeça e a acreditar que a gente pode.

À minha família (Lédo Aguiar): Bárbara (Binha), Gabriela (Gai), e Wilton (Tim). A Tim, pela parceira nos momentos difíceis, pela linda história e família que construímos juntos. À Gai e à Binha, por terem vindo completar as nossas vidas e nos ensinar a amar incondicionalmente. E à Blue (a gata/pet de minha filha), que chegou em nossas vidas para fazer parte de nossa família no difícil momento da pandemia, ajudando-nos a manter a sanidade e nos trazendo momentos de alegria. Por muitas vezes esteve ao meu lado, ou melhor, na minha frente (sentada às vezes em cima do teclado), mas mostrando que estava ali, junto de mim, dando-me força para continuar. Relutei em colocar homenagem à Blue, mas tantas vezes ela me pareceu mais humana do que tantos humanos e foi minha companheira de escrita da dissertação do início ao final.

Aos colegas professores colaboradores da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro, que tão prontamente aceitaram participar de nossa pesquisa. Sobretudo à Diana, que nos incentivou e esteve em nossa visita de reconhecimento, e à Edineusa, que colaborou também com oficinas de produção textual e estava toda entusiasmada nas visitas que fizemos.

À Gabriela Lédo, pela primeira correção de texto para qualificação e depois a edição do documentário, com algumas orientações. Às minhas colegas do CETEP: Dulce, pelos momentos de partilha e escuta; Leila, pelos momentos de partilha, escuta, pelos livros emprestados e sobretudo pelas leituras atenciosas da dissertação, dando-nos algumas sugestões valiosíssimas; Rose, pela escuta e partilha; e à Nara Dantas, pelos momentos de risadas que me proporcionava com os vídeos cômicos que mandava via *Instagram* (nós duas tentando distrair e recarregar as energias para a escrita).

À UNEB, universidade de minha formação inicial e que, agora, através do PPGELS, me deu espaço para desenvolver esta pesquisa. E aos professores do programa que contribuíram com minha formação.

Aos professores Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra, que foi meu professor na graduação e, agora, junto com a Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz, fizeram contribuições valiosíssimas para a pesquisa, não apenas no momento da qualificação, mas também da defesa.

Ao meu orientador, professor Dr. Jairo Carvalho do Nascimento pelo acolhimento ao meu projeto, por toda orientação, pela paciência com os meus momentos de dificuldades na escrita e, sobretudo, pelo entendimento das sensibilidades e das dificuldades do momento pandêmico. Esteve junto comigo dando todo suporte, orientação e apoio necessários. E depois, na produção do vídeo, visitou a comunidade conosco participando do momento cultural, religioso e social que estava acontecendo no dia da Festa de Santo Antônio.

Agradeço imensamente aos meus alunos colaboradores, **A QUEM DEDICO ESTE TRABALHO**. Inspiraram-me e contribuíram do início ao final da pesquisa e na produção audiovisual. Vocês estarão gravados em minha memória e nas memórias de muitos através de nosso produto. Agradeço, ainda, a todas as pessoas da comunidade de João Barroca que nos receberam com carinho e nos contaram suas histórias.

Enfim, agradeço as forças do bem!! Cheguei a acreditar, por várias vezes, que não iria dar conta devido a tantos percalços que enfrentei nesta trajetória, mas não andamos sozinhos: muitos seguraram em minhas mãos.

A todo(a)s, minha gratidão!!

Mariana & Brumadinho

Mariana, Brumadinho
Mariana, Brumadinho
Mariana, Brumadinho
Mariana, Brumadinho

Uu, uu, uu

Em busca de minerais
Toneladas de minerais
Mataram milhões de animais
Milhares de vidas morreram

O profeta falou e o meu povo alertou
Centenas de vidas morreram

O profeta falou e o meu povo alertou
Centenas de vidas morreram
Dois rios morreram
E a lama avançou qual dilúvio infernal

Acidente não foi
Sabiam que não
Mas tinham que produzir
Tinham que produzir

Mariana, Brumadinho
Profetas falaram
Mas os grandes não ligaram!
Profetas falaram
Mas os grandes não ligaram!
Profetas falaram
Mas os grandes não ligaram!

[...]
Cientista falou
E o meu povo alertou
E a fauna e a flora morreram
Dois rios morreram
E a lama avançou qual dilúvio infernal
[...]

Padre Zezinho

Em memória dos mortos em Brumadinho e Mariana

RESUMO

A presente dissertação é resultado de um estudo que investigou a comunidade de João Barroca, distrito de Brejinho das Ametistas, em Caetité-BA, a partir da relação e da valorização das categorias de memória, identidade e patrimônio, na perspectiva de entender tais categorias no fortalecimento de laços de pertencimento social daquela dada comunidade, ao tempo em que se busca na escola, a partir da contribuição da História Local e da Educação Patrimonial, as possibilidades concretas para se efetivar a compreensão dessa comunidade, conhecendo sua história e seus sujeitos. A necessidade de trabalhar educação patrimonial e a preocupação dos estudantes com o futuro de sua comunidade, após a exploração de minério de ferro, levaram a este estudo. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa dialogou com diversos autores no sentido da promoção de debates e da compreensão, de nossa parte, de determinadas categorias de análise usadas na dissertação, tais como memória, identidade, patrimônio, educação histórica, dentre outras (Pollak, 1992; Ricoeur, 2007; Hall, 2005; Silva, 2014; Barca, 2007; Rüsen, 2012). Do ponto de vista metodológico, utilizamos procedimentos como produção de dados através de questionários online, entrevistas semiestruturadas e, a partir das categorias memória e identidade, desenvolvemos um trabalho com a metodologia da história oral e propostas didáticas baseadas na perspectiva teórico-metodológica da Educação Histórica (Aula Oficina), um videodocumentário como produto educacional, fazendo registros da história do lugar. Tanto as propostas de oficinas como o documentário se configuram como produtos educacionais que contribuirão para o ensino e aprendizagens mais significativas. Os dados coletados permitiram concluir que a discussão sobre memória, patrimônio e história local são importantes para fortalecer o pertencimento dos sujeitos e para a aprendizagem histórica.

Palavras-chave: história local; memória; identidade; ensino; educação patrimonial.

ABSTRACT

The present dissertation is a result of a study which aimed to analyze João Barroca's community, district of Brejinho das Ametistas in Caetité - BA, with the relationship and appreciation of the categories of memory, identity and patrimonial, on the perspective to understand such categories in strengthening ties of social belonging to that given community, while seeking at school, based on the contribution of Local History and Patrimonial Education, as concrete possibilities to achieve an understanding of that community, knowing its history and issues. The need to work on patrimonial education and the students' concern for the future of their community, after the exploration of iron ore, led to this study. From a theoretical point of view, this research dialogued with several authors in order to promote debates and understanding, on our part, of certain categories of analysis used in the dissertation, such as memory, identity, patrimonial, historical education, among others (Pollak, 1992; Ricoeur, 2007; Hall, 2005; Silva, 2014; Barca, 2007; Rösen, 2012). From a methodological point of view, we used procedures such as data production through online questionnaires, semi-structured interviews and, based on the categories of memory and identity, we developed a work with the oral history methodology and didactic proposals based on the perspective of theoretical-methodological approach to Historical Education (Workshop Class), a documentary video as an educational product, recording the history of the place. Both the workshop proposals and the documentary constitute educational products that contribute to more meaningful teaching and learning. The data collected allows us to conclude that the discussion about memory, heritage and local history is important to strengthen the subjects' belonging and historical learning.

Keywords: local history; memory; identity; education; patrimonial education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caetité no mapa da Bahia.....	41
Figura 2 – Mapa do município de Caetité	42
Figura 3 – Vista da barragem de João Barroca com casa e torres eólicas ao fundo.....	46
Figura 4 – Vista frontal da capela e Santo Antônio em dia de missa.....	48
Figura 5 – Procissão de Santo Antônio	49
Figura 6 – Capela de Santo Antônio.....	49
Figura 7 – Produção de xirinha da cozinha industrial	51
Figura 8 – Mapa de atuação da Bamin e seus impactos ambientais.....	52
Figura 9 – Trecho da estrada de ferro (FIOL), de Brejinho a João Barroca.....	58
Figura 10 – Reunião representantes da população de João Barroca e Araticum com a prefeitura de Caetité (fevereiro de 2022).....	60
Figura 11 – Nascente do Riacho Pedra de Ferro	61
Figura 12 – Área de APP.....	62
Figura 13 – Sistema de abastecimento de João Barroca.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desastres em Mariana e Brumadinho: síntese da tragédia	53
Quadro 3 – Plano de Aula – Aula Oficina 1	87
Quadro 4 – Plano de Aula – Aula Oficina 2	88
Quadro 5 – Plano de Aula – Aula Oficina 3	91
Quadro 6 – Plano de Aula – Aula Oficina 4	94

LISTA DE SIGLAS

ALMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais

BAMIN – Bahia Mineração

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CDA – Coordenadoria do Desenvolvimento Agrário

CEB – Comunidade Eclesial de Base

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DCRB – Documento Curricular Referencial da Bahia

EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos

FIOL – Ferrovia de Integração Oeste Leste

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

INB – Indústrias Nucleares do Brasil

INEMA – Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

MAM – Movimento Pela Soberania Popular na Mineração

MG – Minas Gerais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MINFRA – Ministério da Infraestrutura

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PPGELs – Programa de Pós-graduação em Ensino Linguagens e Sociedade

PPGeo – Programa de pós-graduação em Geografia

PPP – Projeto Político Pedagógico

SEPROMI – Secretaria da Promoção da Igualdade Racial

SMEC – Secretaria Municipal de Educação de Caetité

UESB – Universidade do Sudoeste da Bahia

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: DIMENSÕES E CONCEITOS PARA O CAMPO DA PESQUISA HISTÓRICA.....	20
1.1 Memória e história: breve discussão teórica	20
1.2 Identidade e história: o lugar cultural e a ideia de pertencimento.....	28
1.3 Articulação conceitual com o <i>lócus</i> da pesquisa.....	33
2 COMUNIDADE JOÃO BARROCA: HISTÓRIA LOCAL E MEMÓRIAS EM JOGO	39
2.1 Historicizando o <i>lócus</i> da pesquisa	39
2.1.1 Comunidade João Barroca: de fazenda a povoado	44
2.1.2 Mineração e luta pela vida e território	52
3 PRÁTICAS DOCENTES E O PAPEL DA ESCOLA NO ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	65
3.1 Dialogando com os nossos colaboradores	66
3.2 Questões metodológicas	77
3.2.1 Questões metodológicas e sequências didáticas	84
3.3 Atores sociais em cena	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	115
ANEXO B – CORDEL SOBRE O GARIMPO NA SERRA DO SALTO.....	121
APÊNDICE A – TCLE PROFESSORES.....	125
APÊNDICE B – TCLE OFICINA	128
APÊNDICE C – TCLE – MORADORES DE JOÃO BARROCA	131
APÊNDICE D – TALE – MENORES	134
APÊNDICE E – DIREITO DE USO DE IMAGEM E VOZ.....	136
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO – DOCENTES	137
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO – ESTUDANTES	139
APÊNDICE H – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	141
APÊNDICE I – CORDEL.....	145

INTRODUÇÃO

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”*
Paulo Freire

Há alguns anos, venho trabalhando com educação patrimonial com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio e, quando peço para falar sobre a história do lugar onde eles moram, a maioria apresenta afirmações negativas, com pouca relação de pertencimento: *“Na minha comunidade não tem nada, é um fim de mundo!”*. Essa fala é recorrente, principalmente se este lugar é a zona rural. Somada a essa inquietação minha, enquanto professora de História, incluímos aqui a preocupação dos estudantes da Escola Municipal Clemente Ferreira de Castro e de moradores de João Barroca, no ano de 2019, em função da atuação da Bahia Mineração¹ (BAMIN) na região, representada em outra fala de um estudante: *“Tenho medo do que vai acontecer com João Barroca”*.

Este estudo tem por objetivo investigar a comunidade de João Barroca, distrito de Brejinho das Ametistas, em Caetité-BA, buscando relacionar e valorizar as categorias de memória, identidade e patrimônio, ao tempo em que busca na escola, a partir da contribuição da História Local e da Educação Patrimonial, as possibilidades concretas para se efetivar o conhecimento dessa comunidade, conhecendo sua história e seus sujeitos. Também lança olhares sobre o empreendimento da exploração de minério de ferro que está localizado no limite entre os municípios de Caetité e Pindaí, afetando a comunidade de João Barroca. Assim, propusemo-nos a investigar em que medida a preservação da memória local e do patrimônio ambiental contribui para fortalecer os laços de pertencimento social de uma dada comunidade? E como o resultado desta pesquisa pode contribuir para uma aprendizagem significativa no âmbito do ensino na rede municipal de Caetité, a partir de sugestões de sequências didáticas a serem aplicadas em sala de aula? Estas são nossas principais questões de pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento característico de um estudo de campo, tendo como *locus* a comunidade João Barroca, área rural localizada no Território de Identidade do Sertão Produtivo, no Estado da Bahia. Esta pesquisa foi desenvolvida com pessoas dessa comunidade, com os professores da Escola Municipal Vereador Clemente

¹ A Bahia Mineração S/A – BAMIN é uma mineradora brasileira subsidiária da mineradora cazaque *Eurasian Natural Resource Corporation*. Atua na exploração de minério de ferro e logística na Bahia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bamin>. Acesso em: 12 jun. 24.

Ferreira de Castro e com estudantes dessa escola que, no ano 2019, quando houve a submissão do projeto ao Mestrado em Ensino Linguagem e Sociedade do PPGELS, cursavam o 8º e 9º anos (residentes na comunidade rural de João Barroca). Optamos por continuar com esses alunos, mesmo eles tendo concluído o Ensino Fundamental e Médio, pelo fato de terem sido eles que levantaram a inquietação e o medo com a situação que estava vivendo em sua comunidade com a proposta de construção da barragem de rejeitos. Esse foi um dos motivos que nos levou à escrita do projeto inicial. No entanto, outros estudantes da mesma comunidade foram convidados a participar de nossa pesquisa. Neste texto, usaremos pseudônimos para nos reportarmos às falas de nossos colaboradores respeitando os princípios da privacidade e da confidencialidade na pesquisa, previstos na Resolução CNS n. 510/2016. Com exceção do documentário que, pela sua própria natureza audiovisual, exige a visualização dos sujeitos participantes. Todos, no entanto, foram devidamente informados dos objetivos da pesquisa e assinaram termo de autorização do uso de imagem e da voz.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fizemos uso de registros através do trabalho com história oral, registros fotográficos e audiovisuais, que se desdobraram no produto educacional; o documentário *Comunidade João Barroca: cultura e memória*. Concentramo-nos na escolha dos temas que poderíamos abordar no documentário, tratando a memória principalmente através da cultura, das festas, do trabalho, dos artistas do lugar, não deixando, contudo, de abordar as lutas pela terra, água e sobrevivência dos moradores da comunidade estudada, tendo em vista que: “Não é possível preservar a memória de um povo sem, ao mesmo tempo, preservar os espaços por ele utilizados e as manifestações quotidianas de seu viver” (Tomaz, 2010). A historiografia oficial sempre se preocupou com a história do vencedor. Assim, é nossa responsabilidade ouvir aqueles que foram invisibilizados ao longo de sua história.

Nesse sentido, acreditamos que o produto educacional proposto, associado ao texto dissertativo, contribuirá para sanar parte do problema do público-alvo mapeado na descrição, haja vista que registra elementos da cultura, do trabalho e da organização social da comunidade. Entramos em contato, juntamente com os alunos, com a memória coletiva e individual através da proposta de trabalho que compreendia entrevistas aos moradores sobre a história de João Barroca, com o intuito de produzir um videodocumentário, apresentado como produto da pesquisa, que foi realizado sob a nossa direção, com apoio de outros profissionais da área. Essa produção contribui, ainda, para reforçar as relações de pertencimento do grupo a partir do conhecimento sistematizado de sua história e do sujeito como produtor de memória. Acreditamos que o estudante participando diretamente das questões que estão postas em sua

comunidade se sentirá parte dela e responsável por propor soluções aos problemas enfrentados, inclusive participando das filmagens, das entrevistas na condição de colaboradores da pesquisa.

A proposta foi de fazer registros da história com recursos simples, como os celulares dos próprios estudantes, incentivando-os ao uso de tecnologias com fins pedagógicos. Foram pesquisadas as redes de sociabilidades estabelecidas entre os moradores da comunidade, bem como a relação com as comunidades vizinhas. Não foi possível realizar entrevista com a empresa responsável pela exploração de minério (a Bahia Mineração – BAMIN), mas conseguimos registros da resistência de moradores com o empreendimento na comunidade e no entorno, bem como com a construção da Ferrovia de Integração Oeste-leste-FIOL, que tem relação direta com a exploração de minério de ferro na região, e sobretudo as experiências construídas no cotidiano dos sujeitos residentes na comunidade.

A identificação com a temática estudada está imbricada em minha formação enquanto filha de sertanejos. Passei minha infância ouvindo meu pai contando as histórias dos folhetos de cordel (em nossa casa, na zona rural, tinha um couro de boi que servia de tapete com um cesto de palha cheio de folhetos de cordel) e, quando ele contava algumas histórias, ficávamos atentas e querendo ouvir mais. Minha mãe e minha tia contavam não só muitas histórias dos antepassados da família, mas também histórias de “visagens” e assombrações. Cresci aprendendo a gostar de ouvir histórias e sobretudo de ouvir os mais velhos contá-las. Minha mãe, além de fonte de inspiração pessoal, serve de fonte pedagógica e, vez por outra, é requisitada e participa junto com meus alunos de alguns projetos realizados em meu trabalho com temáticas relacionadas ao patrimônio e à memória. Acredito que aí está a raiz de meu interesse em ouvir as narrativas populares.

Há 25 anos, iniciei minha carreira como professora concursada de História na rede estadual e municipal de ensino, mas já havia tido duas experiências como professora contratada anteriormente. Passamos momentos difíceis no início da carreira, principalmente na estrada em época de chuva, e também alguns riscos no momento da construção do asfalto que leva a Brejinho. O asfalto “chegou” no contexto da exploração de minério de ferro na região. Nesta pesquisa social, abordaremos alguns elementos que mudaram o ritmo de vida e a dinâmica de relação com o lugar a partir da presença da BAMIN. As transformações não se resumem à construção de um asfalto, mas à realidade que o poder do capital pode configurar.

A história do lugar em que trabalho é muito instigante e fascinante. É a terra do cantor Waldick Soriano² e das ametistas, realidade que já proporcionou movimentos de pessoas vindas

² Waldick Soriano foi um cantor e compositor brasileiro, ícone da música romântica popular, pejorativamente chamada brega. Nascido no distrito de Brejinho das Ametistas, em Caetité, Bahia, filho de Manuel Sebastião

de outras regiões em busca do minério. Agora, Brejinho das Ametistas, já com asfalto, torres eólicas, estrada de ferro em construção e exploração de minério de ferro, continua com gente vinda de toda parte. Com tantas mudanças, foram ampliadas as preocupações com a responsabilidade ambiental, social, entre outras, e também os temas para estudos se multiplicaram, e os sujeitos sociais desse entorno vêm passando por muitas lutas nos últimos anos. Falar do passado, mas também de uma história do presente é nossa preocupação. A história do distrito amplia-se através dos interesses dos pesquisadores em falar das comunidades que fazem parte desse distrito e de que tem seus filhos estudando na Escola Municipal Clemente Ferreira de Castro, a qual estou lotada. A história local será narrada através dos olhares de seus sujeitos.

Neste estudo, as categorias Memória, Identidade e Educação Patrimonial, do ponto de vista teórico-metodológico, foram úteis para a condução do problema da pesquisa (Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Stuart Hall, dentre outros). A perspectiva da história oral foi tomada como referencial metodológico para trabalhar a história local. Há uma influência da educação libertadora de Paulo Freire, especificamente na dimensão da reflexão sobre a prática educativa e da autonomia e capacidade criadora do saber do estudante. Como um dos objetivos de nossa pesquisa é discutir a relação da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro (Brejinho das Ametistas) com propostas didáticas direcionadas para a produção de atividades com a história local e patrimônio, a perspectiva teórico-metodológica da Educação Histórica (Isabel Barca) também contribuiu para esta pesquisa, a partir da proposta de trabalho com fontes históricas.

O projeto desta pesquisa, pertencente à Linha 1, Ensino, Linguagens e Identidades, foi submetido à banca examinadora para qualificação e aprovado em 14 de dezembro de 2021. Após a qualificação, atendendo aos preceitos éticos da Resolução nº 466/ 2012, e da Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde do Brasil, ele foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa – CEP/UNEB. O projeto passou por quatro versões recebendo parecer “pendente”, visto que a proposta de produto e temas que seriam abordados nele poderiam colocar em risco a integridade das pessoas que participassem. Em cada versão, foram feitas várias adaptações até chegar à versão aceita pela comissão. Foi aprovado na quinta versão sob o Parecer Consubstanciado número 5.983.362, emitido em 4 de abril de 2023.

A maior dificuldade que encontramos nesta pesquisa foi o período da pandemia, visto que ela nos impediu de trabalhar de acordo com o que foi planejado, dificultando a ida a campo

Soriano, comerciante de ametistas no distrito de Brejinho das Ametistas, em sua cidade natal. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldick_Soriano. Acesso em: 5 mai. 2024.

e até mesmo as leituras e escrita por eventuais problemas de desmotivação, entre outros enfrentados no período. No entanto, apesar de a pandemia ter passado, continuamos enfrentando problemas decorrentes dela e de outras naturezas. O processo de análise e aprovação do conselho de ética entra no rol de dificuldades enfrentadas. A insistência em fazer o produto idealizado juntamente com nossos estudantes nos levou a um desgaste e desânimo chegando ao ponto de querer desistir da proposta. Graças à persistência de nosso orientador, conseguimos levar adiante.

Utilizamos alguns instrumentos de produção de dados, como entrevistas gravadas em vídeos e áudios, questionários pela plataforma *Google Forms*, e, além disso, recebemos material de arquivo pessoal de nossos colaboradores, como fotografias e vídeos, além de informações complementares via aplicativo *WhatsApp*. Os participantes assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de Autorização para Uso de Imagem e da Voz. A direção da escola Clemente Ferreira de Castro assinou o termo de autorização institucional da coparticipante.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com roteiros prévios, mas que foram fluindo de acordo com a conversa com o entrevistado, pois “o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que, no fundo, são a verdadeira razão da entrevista” (André; Ludke, 2020, p. 39). Complementamos com os questionários, que são instrumentos estruturados, e que, devido às circunstâncias relacionadas ao tempo disponível e ao que desejávamos com o público que respondeu, foram um instrumento satisfatório. Além disso, foram feitas as transcrições das entrevistas para análise minuciosa do material e, a partir daí, a escolha do que poderia ser usado no documentário e o que iria ser usado na dissertação.

Após a produção dos dados da pesquisa, iniciamos a organização e a interpretação crítica deles. Para o processo de leitura, de análise e de interpretação dos dados produzidos, seguimos as orientações metodológicas de Laurence Bardin (1979), que aborda sobre as diversas maneiras de analisar um conteúdo, e de Maria Cecília de Souza Minayo (2016), que se debruça sobre a análise temática. Bardin indica ao pesquisador dar um tratamento ao material de pesquisa considerando algumas etapas, tais como: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Minayo, por sua vez, propõe uma análise qualitativa dos dados e, na fase da ordenação e organização do material, pontua ser “preciso investir na compreensão do material trazido de campo” (2012, p. 264), apoiando-se nos verbos compreender, interpretar e dialetizar e nos substantivos experiência, vivência, senso comum e ação. Assim, seguimos os passos de ordenação, de tipificação e da interpretação propriamente dita.

Nesta pesquisa, os dados obtidos pelos questionários do *Google* foram reunidos e analisados a partir de conteúdos que se relacionavam e agrupavam em determinada categoria de análise. Nas entrevistas, o processo de análise seguiu as etapas de transcrição, leitura exploratória e ordenação, sendo o material separado por categorias, unidades de registros de acordo com a finalidade de nosso estudo. Foi necessário assistir a todo o material gravado para fazer o processo de minutagem e decupagem para o videodocumentário. Essa atividade já contribuiu para a análise e interpretação dos dados. A descrição e a análise dessas categorias encontram-se nos capítulos 2 e 3 desta dissertação, tendo sempre a consciência de que se trata de uma análise provisória.

No corpo da dissertação, como já ressaltamos, usamos nomes fictícios. Utilizamos o nome verdadeiro apenas quando a pesquisa pedia e o entrevistado tivesse assinado o termo de uso de imagem e voz para o filme (nos casos em que o conteúdo do filme estava presente no texto com a fala de algum entrevistado). Fizemos a opção, também, pelo uso do termo estudante ao invés de aluno, por entender que, pela própria etimologia da palavra, ele se adequa melhor ao que foi pensado para nossa pesquisa.

Do ponto de vista do delineamento, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de campo, pois o nosso principal instrumento de produção de dados foi fornecido pelas pessoas. De acordo com Antônio Carlos Gil

[...] estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes [...] um levantamento a ser realizado em determinada comunidade [...] a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores. (2008, p. 57).

Esta dissertação está dividida em três capítulos. Atentando-nos para a importância da memória e da identidade para o trabalho com a história local, procuramos, no primeiro capítulo, analisar essas categorias e, do ponto de vista teórico metodológico, compreender como tais conceitos são úteis para a condução do problema da pesquisa. Fizemos um levantamento de autores essenciais na discussão dessas duas categorias e procuramos dialogar com o nosso objeto de pesquisa.

No segundo capítulo, procuramos historicizar a comunidade de João Barroca, elaborando uma breve história dessa localidade, uma contextualização local e regional. Concomitante a isso, utilizamos autores que estudam história local para nos ajudar a entender como trabalhar com essa modalidade da história. Procuramos, também, relatar a presença da mineração no local e os impactos causados na região.

No terceiro capítulo, discutimos a relação da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro (Brejinho das Ametistas) com propostas didáticas direcionadas para a produção de atividades com a história local e educação patrimonial. Apresentamos algumas propostas de trabalho com fontes históricas, a partir da perspectiva da educação histórica, e detalhamos o processo de construção do produto educacional, o documentário sobre a comunidade, que buscou contar a história da comunidade através das memórias dos sujeitos e atores sociais.

A relevância desta pesquisa, enfim, consiste em proporcionar aos sujeitos colaboradores o protagonismo na construção de memórias com a participação na pesquisa e na produção do videodocumentário, assim como a possibilidade de aumentar os laços de pertencimento com a comunidade local. Mostra-se relevante, ainda, pela possibilidade de contribuir com a ressignificação do ensino de História em outras escolas de Caetité e região, com algumas propostas de trabalhos com fontes históricas, bem como o documentário produzido sobre a comunidade estudada.

1 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: DIMENSÕES E CONCEITOS PARA O CAMPO DA PESQUISA HISTÓRICA

“Que diacho de coisa importante aconteceu em Javé?”

– perguntou Antônio Biá.

“Pois a maneira de saber é ouvindo nossa gente contando as tais histórias.”

– respondeu Zaqueu.

O diálogo entre Antônio Biá (carteiro) e Zaqueu (mascate), personagens do filme *Narradores de Javé*, nos faz refletir sobre a importância da memória para a preservação da história dos lugares. Ao ouvir as pessoas contarem suas memórias, os registros dessas histórias se ampliam, seja através do que os ouvintes conseguiram absorver e guardar, seja por intermédio dos escritos registrados pelos pesquisadores, vamos constantemente construindo outras memórias.

Este capítulo tem por objetivo fazer uma análise teórica de dois conceitos importantes para a História: memória e identidade. Trata-se de um capítulo de contextualização teórica-historiográfica. A operacionalização de tais conceitos é útil para o pesquisador: essas noções de memória e de identidade ajudam a compreender a dinâmica social e cultural da comunidade de João Barroca. O capítulo está dividido em três partes. Inicialmente, faremos as discussões acerca de memória a partir das concepções de Maurice Halbwachs, com o conceito de “memória coletiva”, e Paul Ricoeur, discutindo a sua contribuição para o conceito de memória. Outros autores serão mobilizados para contribuir com este debate. Em seguida, pretendemos discutir identidade a partir dos estudos de Zygmunt Bauman e Stuart Hall. Da mesma forma, recorreremos a outros autores para fortalecer essa discussão. Visitaremos, ainda neste capítulo, algumas pesquisas no âmbito da história oral e local que foram muito significativas para a elucidação de questões acerca do campo empírico estudado.

1.1 Memória e história: breve discussão teórica

O interesse pelos estudos da memória é antigo, remonta aos filósofos gregos, ainda que a concepção de memória varie ao longo do tempo, visto que os conceitos são polissêmicos e além de polissêmica “a memória é transdisciplinar” (Gondar, 2005, p. 13). Além disso, o campo de interesse da memória é interdisciplinar e isso a torna objeto de estudo de

pesquisadores de diferentes formações. Jacques Le Goff coloca que “A memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas” (1990, p. 407). François Dosse também aborda essa característica interdisciplinar da memória:

A memória plural; fragmentada, hoje ultrapassa, de todos os lados, "o território do historiador". Instrumento maior do vínculo social, da identidade individual e coletiva, ela se encontra no centro de um verdadeiro jogo e espera do historiador que ele lhe devolva, tarde demais, o sentido, à maneira da psicanálise. (2003, p. 290).

Além de falar da interdisciplinaridade nos estudos da memória, Dosse chama-nos a atenção para a importância dos estudos da psicanálise, tema que falaremos no próximo tópico, quando trataremos da noção de identidade.

Um dos principais estudiosos da memória foi o sociólogo francês Maurice Halbwachs. Discípulo de Émile Durkheim, ele criou o conceito de memória coletiva a partir dos estudos sobre memória no início do século XX, avançando na concepção que Durkheim tinha de memória ligada à questão material, e situou a memória no âmbito do coletivo. O autor fala da memória como interação do sujeito no coletivo. Na discussão sobre o esquecimento pelo desapego de um grupo, ele sugeriu que a memória seria capaz de criar identidades:

Desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capaz de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. Poderíamos dizer, também: é preciso que desde esse momento não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte. (Halbwachs, 1990, p. 28).

Nesse sentido, para Halbwachs, a memória individual é quando nos lembramos sem a ajuda de outras pessoas, de impressões das quais não falamos com mais ninguém. Para que a memória coletiva aconteça, vista por ele como uma reconstrução do passado, é preciso de uma comunidade afetiva. Assim,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (Halbwachs, 1990, p. 34)

Pode-se observar, nesse raciocínio do autor, dois termos que ele deu relevância: a memória como reconstrução do passado e a defesa do ponto comum, ou seja, da coesão social.

“A concepção de memória de Halbwachs supõe um mundo com fronteiras bem assentadas” (Dodebei; Gondar, 2005, p. 8).

Algo que coaduna com o nosso pensamento é a ideia de que é grande a influência coletiva na memória individual: “Os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são os de domínio comum [...] é por podermos nos apoiar nas memórias dos outros que somos capazes, a qualquer momento e quando quisermos, de lembrá-los” (Halbwachs, 1990, p. 49). No entanto, no que concerne ao esquecimento, parece que ele está atrelado à memória individual. Assim, “por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós” (Halbwachs, 1990, p. 49).

O esquecimento, por sua vez, é um tema recorrente entre os autores estudados quando se fala em memória, visto que se trata de um elemento considerável nessa discussão. Outro importante estudioso dessa temática é o filósofo francês Paul Ricoeur, que escreveu o livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007). Autor de uma vasta obra, deu contribuições para a fenomenologia e à hermenêutica. Ele coloca que o dever da memória é o de não esquecer e há, ao mesmo tempo, uma incapacidade de tudo narrar, “assim como é impossível lembrar-se de tudo é impossível narrar tudo” (Ricoeur, 2007, p. 455). Ricoeur vê a memória como canal de reapropriação do passado histórico. Destarte, a relação entre história, memória e esquecimento é contínua: “O esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado como uma de suas condições” (Ricoeur, 2007, p. 435). Em uma conferência proferida em 2003, ele faz uma autocrítica em relação a esses conceitos que foram expostos na primeira versão (em francês, em 2000):

A memória, segundo esta construção linear, era vista simplesmente como matriz da história [...]. O esquecimento era, neste caso, tratado sobretudo como uma ameaça para a operação central da memória, a reminiscência, a *anamnesis* dos gregos, e, logo, como um limite da exigência do conhecimento histórico de providenciar uma narrativa que ligue os acontecimentos passados [...]. O que proponho hoje, é deslocar o ponto de vista adotado [...]. Este deslocamento dar-me-á oportunidade de extrair certos problemas cruciais que dizem manifestamente mais respeito à recepção da história do que à sua escrita, para os trazer à luz. As questões em jogo dizem respeito à memória, já não como simples matriz da história, mas como reapropriação do passado histórico por uma memória que a história instruiu e muitas vezes feriu. (Ricoeur, 2003, p. 1).

Os estudiosos demonstram uma preocupação muito grande em dissociar memória e história. Nessa mesma conferência, Ricoeur afirma que, com a história cultural, deslocamos da

memória como matriz da história à memória como objeto da história. Apesar de serem conceitos diferentes, eles estão interligados.

Ricoeur é historiador, biógrafo de François Dosse e, dentre outros intelectuais, dedica-se a temas como historiografia, estruturalismo e biografias e recentemente tem voltado sua atenção à História do Tempo Presente. "É possível viver, mesmo viver feliz, quase sem nenhuma memória, como o demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem o esquecimento" (Nietzsche apud Dosse, 2003, p. 296). Dosse postula que "essa atitude tem o mérito de valorizar o necessário esquecimento, mas, levada ao extremo, pode ser fonte de patologias profundas da memória e, portanto, da identidade" (Dosse, 2003, p. 296), visto que a memória é um elemento importante na construção da identidade.

Voltando ao ponto da relação entre memória e história, François Dosse faz uma crítica à preocupação dos estudiosos em dissociar memória de história de maneira radical. "Os recentes estudos da história social da memória demonstram a que ponto essa oposição canônica entre história e memória não é pertinente" (Dosse, 2003, p. 284), questionamento esse que também já havia sido feito por Halbwachs.

Destacamos, aqui, um historiador importante da terceira geração da Escola dos Annales; o francês Jacques Le Goff, que se dedicou aos estudos da Idade Média ocidental. Em sua obra *História e memória* (1990), o teórico tece comentários sobre os vários tipos de memória. Nesse contexto, o autor argumenta que o aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva:

A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável [...]. A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita (depois de tentativas sobre osso, estofado, pele, como na Rússia antiga; folhas de palmeira, como na Índia; carapaça de tartaruga, como na China; e finalmente papiro, pergaminho e papel). (Le Goff, 1990, p. 372-374).

O autor destaca, ainda, a memória como elemento essencial para a construção da identidade e pontua, também, que a memória é um instrumento e objeto de poder:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades

históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990, p. 368).

Da mesma geração de Le Goff, na Escola dos Annales, o historiador francês Pierre Nora é outro estudioso das categorias de memória e de identidade. Referência entre os historiadores franceses contemporâneos, é conhecido por cunhar o termo “lugares de memória” em seus estudos. Em um texto já clássico, *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993), ele apresenta algumas considerações sobre o conceito de memória, a dissociação entre história e memória e a discussão dos lugares de memória que foi citada acima. Dissociando memória e história, Nora faz as seguintes considerações:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; o que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora, 1993, p. 9).

Os lugares de memória (museus, arquivos, cemitérios, festas, associações etc.) nascem de um sentimento de que não há memória espontânea. Esses lugares de memória são lugares rituais que podem ser físicos ou não, material ou imaterial. Para Nora, fala-se tanto em memória porque ela não existe mais e, criamos, assim, lugares de memória para compensar essa perda. Ele afirma que o dever da memória é o de lembrar. Ao trabalhar com o conceito de memórias subterrâneas – aquelas memórias que não aparecem, que são clandestinas, que se materializam de forma marginal –, ele explana, ainda, que o fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história.

Trabalhando memória a partir da reflexão sobre a identidade social em situações limites, o historiador e sociólogo austríaco Michael Pollak, por seu turno, busca referendar seus estudos em Halbwachs a partir do conceito de memórias coletivas:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. (Pollak, 1989, p. 4).

O silêncio é visto por ele muitas vezes não como esquecimento, mas como “resistência que a sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Pollak, 1989, p. 5). O autor acha que o termo “memória enquadrada”, usado por Henry Rousso, é mais adequado do que memórias coletivas. Além disso, os “rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais; monumentos, museus, bibliotecas, etc.” (Pollak, 1989, p. 10), e esse trabalho de enquadramento da memória é feito pelos historiadores.

Nesta pesquisa, usaremos a categoria memória para trabalhar com a história oral. Por muito tempo, a historiografia deu um grande valor ao documento escrito. Mas com a Escola dos Annales houve uma ampla renovação na concepção de documento, ampliando a sua noção. Na ampliação da noção de fontes históricas, a história oral passa a ser valorizada. No entanto, apesar do uso da história oral como fonte histórica, ainda há críticas em relação à sua utilização como método apoiado na memória, alegando a existência de muitos riscos em relação a esse tipo de fonte. Para Michael Pollak,

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (Pollak, 1992, p. 207).

Sobre a importância da história oral em uma história da memória, Henry Rousso também faz crítica aos que dizem que o historiador seria vítima da “testemunha”. Para ele, ou falando espontaneamente ou sendo interrogado por um historiador, o indivíduo “não falará senão do tempo presente, com a sua sensibilidade do momento” (Rousso, 2006, p. 98). E que essa versão, além de ser legítima, deve ser reconhecida e é importante para o historiador do tempo presente.

Alistair Thomson (1997) também compartilha da crítica aos historiadores tradicionais, ressaltando que os documentos textuais também são seletivos e tendenciosos. Em uma conferência registrada na Revista Projeto História da PUC-SP, em 1997, pontua que os historiadores da história oral, tentando defendê-la e usando-a “apenas como outra fonte

histórica para descobrir ‘como aconteceu realmente’, levou-a ao descaso. Não percebiam que as chamadas ‘distorções’ da memória, embora talvez representassem um problema, era também um recurso” (Thomson, 1997, p. 52). O autor, assim como alguns pensadores citados acima, está fazendo a defesa para que nos interessamos pelos silêncios que, se tivermos um olhar atento, podem nos dizer muito.

Thomson é professor de História da Universidade de Sussex no Reino Unido. Ele ressalta que, a partir da década de 1980, os historiadores começam a se influenciar por uma tendência da história oral no momento em que as novas abordagens sobre reminiscências pessoais e relatos coletivos, incluindo ele próprio, foram se consolidando, “desenvolvendo métodos de entrevista e abordagens analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências e da identidade” (Thomson, 1997, p. 54). Ele desenvolveu uma pesquisa e aplicou esses métodos com os trabalhadores australianos veteranos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os Anzacs. Interessante uma parte de sua fala na qual ele pontua que as reminiscências dos soldados se confundiam com a lenda dos Anzacs. Quando ele ouvia os entrevistados, era como se tivesse “ouvindo a leitura o script do filme de guerra australiano *Gallipoli*” (Thomson, 1997, p. 55). Ao invés de apenas contestar a lenda, objetivo inicial, o autor se propôs a compreender como e por que ela influenciava ou não os ex-combatentes. Para Thomson, as memórias que escolhemos mudam ao longo do tempo, assim:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. [...]. Entretanto, essas histórias de vida raramente conseguem proporcionar um domínio completo e satisfatório das ameaçadoras experiências do passado. Nossas tentativas de compor um passado nunca são inteiramente bem-sucedidas, e o resultado é uma ansiedade não-resolvida e identidades fragmentadas e contraditórias. A composição, por ser baseada em bloqueios e exclusões, nunca é plenamente alcançada; é constantemente ameaçada, abalada, desperdiçada. Sentimentos e impulsos reprimidos se manifestam ou são " Descarregados" (atravessando sorrateiramente as barreiras da coerência consciente) de formas específicas-sonhos, erros, sintomas físicos e piadas-que permitem vislumbrar os dolorosos e fragmentados significados pessoais ocultos. Às vezes os historiadores orais ouvem as narrativas, mas descuidam-se desses significados. (1997, p. 57-58).

No trecho acima, o autor usa o conceito de composição. Nas descrições das experiências com os entrevistados, ele pontua que a maneira como o entrevistado lida com a entrevista tem a ver com as reminiscências trazidas à tona, e às vezes o desconforto vem de “lembranças sobre as quais eles não haviam composto histórias ‘confortáveis’” (Thomson, 1997, p. 60). De situações como essas vêm os silêncios que devem ser interpretados pelo pesquisador, e, além

disso, deve-se ter cuidado, também, com as questões relacionadas à ética. Sobre isso o autor salienta que às vezes precisamos interromper as perguntas pelo fato de a entrevista estar sendo muito penosa para o entrevistado. Ainda que essas perguntas sejam importantes para a pesquisa, precisamos estabelecer uma relação de respeito e de compreensão com o entrevistado.

O trabalho com a história oral se aproxima mais do cotidiano do aluno e o faz refletir, a partir das problemáticas locais, acerca de temas de uma realidade mais ampla, dando, assim, mais significado ao trabalho desenvolvido em sala de aula, aproximando os saberes construídos ao longo da história e tornando-os protagonistas na construção do conhecimento. O trabalho com as novas tecnologias, que os jovens dominam muito bem, tem que ser feito com responsabilidade para que dela não sejamos vítimas, ideia que coaduna com o pensamento de Philippe Joutard, em seu texto *Desafios à história oral do século XXI*, fruto de uma conferência no *X Congresso Internacional de História Oral*, realizado no Rio de Janeiro. O historiador francês Philippe Joutard chama a atenção para o uso das novas tecnologias em favor da história oral e na interpretação dos silêncios:

Como interpretar o silêncio e o esquecimento? Para nos ajudar, é indispensável a análise da totalidade do documento: hesitações, silêncios, lapsos. Assinalemos, ainda, o interesse da gravação em vídeo, que permite capturar também gestos e expressões. Inútil dizer, estamos todos convencidos de que o documento original é a gravação e que a transcrição não passa de acessório, não podendo substituir a audição de fitas gravadas ou, ainda melhor, a visão dos videoteipes. (Joutard, 2000, p. 35).

No entanto, o autor pontua que a tecnologia, ao mesmo tempo em que cria possibilidade de precisão no trabalho com a história oral, também pode se apresentar como um desafio, haja vista que as gravações em vídeos podem revelar, também, os constrangimentos dos entrevistados. Mais uma vez voltamos à questão da ética pois a técnica “vale apenas pela utilização que lhe dão os homens e as mulheres. É preciso, de novo, estarmos atentos às suas limitações e conhecê-las bem, para que delas não sejamos vítimas (Joutard, 2000, p. 42). A relação entre história oral e identidade é outro desafio apontado por Joutard:

A memória é um elemento constitutivo da identidade. Assistimos, hoje, ao crescimento da força de todas as identidades, de sexo, de grupo, de religião, de nações, o que seria uma reação à globalização e a uma certa uniformização cultural (ao menos superficial). Numerosos empreendimentos de história oral participam deste crescimento de força, que eles exprimem e reforçam, alternando-se como causa e consequência do movimento identitário. Este fortalecimento das identidades, perfeitamente compreensível, pode ser a melhor ou a pior das coisas. Porque há identidades abertas e identidades fechadas e, sejamos realistas, espontaneamente a identidade se fecha, porque defende o que acredita ser sua "integridade", reage contra tudo que lhe parece

estrangeiro, é exclusivista, e o perigo da xenofobia e do racismo não está distante. É em nome da memória e da identidade que os protestantes e católicos irlandeses vêm se matando, há décadas, e que ocorreram os enfrentamentos que conhecemos na antiga Iugoslávia. Foi em nome das identidades nacionais que houve as primeiras grandes hecatombes do século XX – refiro-me à Primeira Guerra Mundial. (Joutard, 2000, p. 43).

De acordo Lucília Neves, a metodologia da história oral é fundamental para a produção do conhecimento histórico, isto é, para a pesquisa histórica:

É uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva. (2000, p. 112).

Ainda falando sobre a memória como elemento importante para se criar as identidades, revisitamos Michael Pollak, que aponta:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoal. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (1992, p. 201).

Nestes termos, os alunos entraram em contato com a memória coletiva e individual através da proposta de trabalho com entrevistas aos moradores sobre a história de João Barroca com o intuito de produzir um videodocumentário da comunidade a partir da ideia do filme *Narradores de Javé*, realizado sob a nossa direção, pensando em fazer registros da história com recursos simples como os celulares dos próprios alunos, incentivando-os a fazer o uso de tecnologias para fins pedagógicos.

1.2 Identidade e história: o lugar cultural e a ideia de pertencimento

Foi dito acima que vários autores reforçam a importância da memória para a construção das identidades. Assim, vamos partir dos estudos de Zygmunt Bauman e de Stuart Hall para discutirmos o conceito de identidade. A categoria identidade, a exemplo de memória, também é um conceito polissêmico. Hall (2005) coloca que tal categoria é complexa e pouco compreendida na ciência social contemporânea.

O jamaicano radicado em Londres, Stuart Hall, foi um dos fundadores dos estudos culturais britânicos e é reconhecido por ampliar os objetivos dos estudos culturais para lidar com as categorias raça e gênero. Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), o pesquisador faz uma análise da crise de identidade na pós-modernidade (ou seja, a falta de uma identidade única, sólida) a partir de um resgate histórico de três concepções: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e da concepção do sujeito “pós-moderno”. Mostrando como a concepção de sujeito foi mudando ao longo do tempo de um “‘sujeito’ do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (Hall, 2005, p. 46). Dessa maneira, o autor situa o surgimento da política de identidade após os anos 1960, com o surgimento de vários movimentos sociais, com ênfase para o movimento feminista, que levantaram suas bandeiras específicas, com a crise das organizações políticas de massa, haja vista que os movimentos anteriores não davam conta de pautas tão específicas.

Hall utiliza o conceito de representação para explicar as culturas nacionais, que, por sua vez, constroem as identidades nacionais, visto que essas identidades não são coisas com as quais nascemos, e sim construídas ao longo do tempo.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (veja *Penguin Dictionary of Sociology: verbete “discourse”*) [...]. Como é contada a narrativa da cultura nacional? Dos muitos aspectos que uma resposta abrangente à questão incluiria selecionei cinco elementos principais: Em primeiro lugar há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular[...]simbolizam ou representam as experiências compartilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação [...]. Em segundo lugar, há a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade. A identidade nacional é representada como primordial. [...] uma terceira estratégia discursiva é constituída por aquilo que Hobsbawm e Ranger chamam de *invenção da tradição* [...]. Um quarto exemplo de narrativa da cultura nacional é a do mito fundacional: uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” [...]. A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de *um povo ou folk puro, original*. (Hall, 2005, p. 50-55).

Partindo do princípio de que não existe uma cultura original, um povo puro, tentar promover essa unificação é o exercício de poder. Nesse sentido, ao fazermos nossas pesquisas, vale refletir acerca de nosso papel nas discussões das identidades dos grupos estudados. Será

que estamos dando abertura para que os sujeitos falem de si mesmos? Que representação dos grupos estudados estamos ajudando a reproduzir? Será que estamos respeitando as especificidades dos grupos pesquisados ou estamos querendo encaixá-los em um modelo hegemônico? O reconhecimento da diversidade deve ser associado a uma visão crítica ao processo de poder, pois a cultura hegemônica a vê como uma ameaça.

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (Hall, 2005, p. 59).

Hall faz uma crítica a esse pensamento unificado das culturas nacionais dizendo que “deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Entretanto as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas.” (2011, p. 61-62). Sendo assim, enquanto pesquisadores e profissionais da educação, temos o dever de proporcionar espaços de discussão para uma proposta de revisão do que está posto, de ouvir de maneira respeitosa os sujeitos partícipes de nossa pesquisa.

Ao tratar do papel da globalização na “descentração” do sujeito, ele destaca que “os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ entre pessoas que estão bastante distantes no espaço e no tempo” (Hall, 2001, p. 74). Segundo o autor, apesar de as identidades nacionais permanecerem fortes, identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes e pode estar acontecendo uma nova articulação entre o “global” e o “local”. Ele coloca como uma das possíveis consequências da globalização o fortalecimento das identidades locais ou o surgimento de novas identidades.

Em ensaio cujo título é *Quem precisa de identidade?*, publicado na obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2014), organizada por Tomaz Tadeu da Silva, Hall retoma o tema da identidade partindo dos estudos de Freud, Lacan, Althusser, Foucault e Judith Butler. Destacamos, aqui, seus comentários sobre a análise de Butler, filósofa pós-estruturalista estadunidense e uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e teoria *queer*, acerca da identidade. Segundo Hall, “a crítica interna que Butler faz da política de identidade feminista e de suas premissas fundacionais questiona a adequação de uma política representacional cuja base é a universalidade e a unidade presumíveis de seu sujeito-a categoria unificada sob o rótulo de ‘mulheres’” (Souter apud Hall, 2014, p. 129). Hall cita uma parte na qual a autora sugere os limites da política de identidade, em que “as identificações pertencem ao imaginário; elas são os esforços fantasmagóricos de alinhamento,

de lealdade, de coabitações ambíguas e intercorporais [...]. As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstruídas” (Souter apud Hall, 2014, p. 130). E finaliza dizendo que o argumento de Butler, apesar de inconcluso, demonstra que a questão da identidade é um tema muito importante e que “só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a saturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos” (Hall, 2014, p. 130).

Na mesma obra citada, no parágrafo anterior, Tomaz Tadeu da Silva escreve sobre *Produção Social da Identidade e da Diferença*. O autor brasileiro atua na área da Educação, com ênfase em Teoria Pós-Crítica do currículo e dos estudos culturais. Nesse capítulo, ele faz uma crítica ao “multiculturalismo” por reduzir a questão da diversidade e diferença a uma questão de respeito e tolerância.

Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e diferença. Mas será que as questões da identidade e a diferença se esgotam nessa posição liberal? E, sobretudo: essa perspectiva é suficiente para servir de base para uma pedagogia crítica e questionadora? Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia em um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (Silva, 2014, p. 73-74).

A partir do trecho, podemos observar que essa prática curricular centrada na diversidade pode levar ao esvaziamento da problematização das questões das diferenças, pois há uma generalização das questões e esvaziamento das discussões. Um exemplo muito recorrente na educação e nas redes sociais é a distorção da discussão do termo raça. Sabemos que não existem raças do ponto de vista genético, estudos científicos já provaram isso. Mas, para entendermos e discutirmos o racismo, precisamos utilizar o termo raça do ponto de vista histórico e sociológico, com o objetivo de reforçar que a presença do racismo tem a ver com a permanência de um pensamento ligado às raças que foi sendo enraizado ao longo de nossa história.

Outro teórico importante para as discussões de identidade é o sociólogo polonês Zigmunt Bauman. Ele faz uma crítica à pós-modernidade ao longo de sua obra, diagnosticando as angústias desse período como o individualismo, a insegurança etc. Para ele, não estamos na pós-modernidade, mas em uma fase da modernidade denominada por ele de líquida. O grande desafio dessa época é ter que escolher entre segurança e liberdade, pois ambas não acontecem

ao mesmo tempo. Visitamos duas de suas obras: *Comunidade* (2003) e *Identidade* (2005), obras que dialogam entre si. Apresentaremos a seguir os dois conceitos discutidos nas obras supracitadas.

A “comunidade” é um lugar confortável e aconchegante, porém é algo inacessível, visto que ela fica no âmbito das aspirações, pois as pessoas desejam liberdade e segurança ao mesmo tempo. Assim, “não ter comunidade significa não ter proteção”; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados” (Bauman, 2003, p. 10). Dessa maneira, se quisermos ter segurança, temos que renunciar à liberdade e vice-versa. O mundo das tecnologias, das câmeras digitais, pode ser um exemplo: a pessoa perde a liberdade em nome da segurança; em contrapartida, podemos ter a liberdade de sair pelas ruas, mas, principalmente no Brasil, nada nos assegura que teremos a garantia necessária de voltarmos para casa sem sofrermos alguma violação do nosso direito de ir e vir. O autor continua dizendo que

A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale a escravidão (e, além disso, sem uma injeção de liberdade acaba por ser afinal um tipo muito inseguro de segurança); e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado (e no limite, sem uma injeção de segurança, acaba por ser uma liberdade muito pouco livre). (Bauman, 2003 p. 24).

Dada essa dificuldade de conciliação entre liberdade e conforto, gerando um colapso na comunidade, surge a identidade apresentada pelo autor como substituta da comunidade. “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante a curto prazo [...] torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade” (Bauman, 2005, p. 35). E como fica a imposição de uma identidade? A identidade é sempre uma escolha?

Permita-me comentar que a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Um dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mais não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (Bauman, 2005, p. 44).

Além disso, Bauman ressalta a característica de identidade como um conceito contestado. “As batalhas da identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) de segregar, isentar, excluir” (Bauman, 2005, p. 85). Uma questão levantada por ele é como fazemos para “alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade” (Bauman, 2005, p. 48). Se conseguíssemos isso, compreenderíamos melhor o mundo em que vivemos.

Destarte, da mesma maneira que é imprescindível estudar a relação entre memória e esquecimento, também é importante estudar a relação entre identidade e diferença: “Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (Silva, 2014, p. 75-76). Importante ressaltar também que “a identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2014, p. 76). Não são algo dado, nós estamos constantemente construindo a identidade e a diferença no seio da sociedade e nas relações sociais que estabelecemos. Sobre isso Woodward (2000, p. 56) afirma que as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. Ele destaca, também, o inconsciente dizendo que sua descoberta teve grandes impactos sobre as teorias da identidade e da subjetividade.

Anteriormente, chamamos a atenção para a preocupação de François Dosse com os estudos da psicanálise. Assim como Kathryn Woodward, François Dosse discute a importância da psicanálise para os estudos da memória e da identidade. Dosse nos apresenta os ensinamentos que a psicanálise traz através de suas teorias que são sugestivas para a história. Ele cita a prática psicanalítica, na qual o analisado fala deixando aflorar seu inconsciente chegando a sua identidade pessoal. Outro ensinamento “é o caráter ferido da memória cujos mecanismos complexos tendem a recalcar os traumatismos sofridos e as lembranças muito dolorosas” (Dosse, 2012, p. 287). Podemos trazer essa experiência para o ofício do historiador que trabalha com história oral, onde devemos ter uma escuta respeitosa para com os nossos entrevistados ou colaboradores e também ficarmos atentos ao elemento do esquecimento que está relacionado diretamente à memória, como já foi sinalizado na discussão sobre memória no tópico anterior.

1.3 Articulação conceitual com o *locus* da pesquisa

Ivani Fazenda (1994) aborda sobre o quanto é necessária a construção da pesquisa a partir da identidade do pesquisador, neste caso da pesquisadora. O trabalho com história oral

da comunidade está imbricado na identidade do/a professor/a de História e do/as estudantes, que terão o foco de sua pesquisa e estudos aproximados da realidade. Falando sobre a importância da prática interdisciplinar, a autora ressalta que:

Não é mais possível permanecer na formação de um educador especializado numa única e restrita direção. Esse educador terá que adquirir “olhos de águia” que permitam a ele enxergar numa grande angular, porém, com agudez e precisão milimétricas que permitam convergir ao alvo correto. Esse treino do olhar em múltiplas, porém precisas direções, consubstancia-se num real exercício de interdisciplinaridade. (Fazenda, 1994. p. 134).

Nessa perspectiva, procuraremos ter esse olhar em múltiplas direções, pois as demandas do campo empírico exigem que nos preocupemos com o cultural, com o étnico, com o ambiental, com o histórico, com o político e com o fazer pedagógico dentro dessas nuances.

Manuel Castells, sociólogo espanhol, dedicou parte de seus estudos aos impactos das tecnologias de informação na sociedade. Em *O poder da identidade* (1999), o autor afirma que “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade comunal” (Castells, 1999. p. 79). Assim, é comum as pessoas buscarem se associar a algo com que se identificam e traz essa sensação de pertencimento, valorização de si e do grupo, como é o caso da comunidade de João Barroca da qual falaremos no próximo capítulo de forma mais detalhada.

Manuel Castells estuda movimentos sociais urbanos, mas podemos identificar as suas definições e caracterizações em outros tipos de agrupamento, a exemplo da comunidade rural estudada, como a afirmação da identidade local através dessas organizações coletivas. Ele explica o surgimento dos movimentos urbanos da seguinte maneira:

Isso ocorreu principalmente porque diante do fracasso dos movimentos e políticas proativas (por exemplo o movimento trabalhista, os partidos políticos) na luta contra a exploração econômica, a dominação cultural e a repressão política, não restou outra alternativa ao povo senão render-se ou reagir com base na fonte mais imediata de autorreconhecimento e organização autônoma: seu próprio território. Assim, surgiu o paradoxo de forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo estruturado por processos cada vez mais globais. Houve a produção de significado e identidade: minha vizinhança, minha comunidade, minha escola, minha árvore, meu carro, minha praia, minha capela, minha paz, meu ambiente. Contudo essa foi uma identidade defensiva, uma identidade de entrincheiramento no que se entende como conhecido contra a imprevisibilidade do desconhecido e do incontrolável. Subitamente indefesas diante de um turbilhão global, as pessoas agarram-se a si mesmas: qualquer coisa que possuíssem e o que quer que fossem, transformou-se em sua identidade. (Castells, 1999, p. 80).

O autor pontua que a própria existência do movimento já produziu um significado para a memória coletiva da comunidade. Quando pensamos nesta pesquisa com o seu título evocando a memória dos moradores de João Barroca, já planejávamos que ela tivesse um olhar cuidadoso para com o papel da memória. Alessandro Portelli nos ajuda a fundamentar isso quando levanta a discussão sobre a importância da memória como sinal de luta, de resistência. Afinal, foi a partir de questionamentos de alunos moradores da comunidade sobre a situação em que eles estavam vivendo que surgiu a ideia do projeto. Desta forma, Portelli argumenta:

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. Nisto é que temos trabalhado constantemente. De um lado, construindo arquivos e fico feliz por Verena ter mencionado isso, porque se trata de um recurso inestimável para que a memória não seja esquecida; de outro, insistindo no fato de que a memória é um processo, algo que está acontecendo agora, do qual todos participamos. (Portelli, 2000, p. 69).

Alessandro Portelli, italiano e professor de literatura norte-americana, é um dos principais representantes da história oral no mundo. A ideia de memória como processo, destacada no parágrafo acima, perpassa sua obra. No ano de 1997, o autor já defendia esse pensamento, bem como a preferência do uso do termo memória individual:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são- assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como as vozes- exatamente iguais. (Portelli, 1997, p. 16).

Defendendo a ideia da história oral como diferença, o autor dá preferência pelo uso do termo memória individual, evitando usar “memória coletiva”. Apesar de afirmar que a memória se vale de instrumentos socialmente compartilhados, ele coloca que devemos ter cautela com seu uso, pois assim respeitamos a singularidade das lembranças dos indivíduos.

Estudos anteriores sobre a região mostram como os conceitos de memória e de identidade são importantes para entender a história do lugar, podendo aflorar o sentimento de

pertencimento tão necessário para a valorização da história, a preservação cultural e ambiental do lugar onde se vive.

Em sua dissertação de mestrado, Nivaldo Osvaldo Dutra, professor de História da Universidade do estado da Bahia – UNEB – *Campus VI*, estuda as comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira na região do Médio São Francisco. O autor analisa os conflitos pela posse da terra, os modos de vida e os sentimentos de pertencimento a esse território. Conforme Dutra, “a reconstituição das origens é possível de ser retomada a partir de trabalhos que utilizam a relação entre história e memória” (2007, p. 24).

Desde o século XIX, há registros sobre a história de Brejinho das Ametistas em função de sua riqueza mineral; “*As bellas amethystas*”, foi assim que os viajantes Spix e Martius definiram o minério oriundo das minas de Brejinho das Ametistas quando passavam pelo Alto Sertão da Bahia no início do século XIX”³ (Cotrim, 2015, p. 1). Em artigo recente, a autora analisou o contexto de descobrimento e exploração das Ametistas, bem como as relações comerciais movidas pela mineração de Brejinho das Ametistas nos primeiros anos do século XX em Caetité, realizadas por grandes comerciantes locais e imigrantes alemães.

No panorama atual em que a região está envolta com questões ligadas à exploração de riquezas (a exploração de ametistas está em declínio no momento), como a energia eólica, o minério de ferro, a construção da Ferrovia de Integração Oeste-Leste-FIOL, há uma preocupação muito grande dos moradores e pesquisadores locais com os rumos que esses empreendimentos podem trazer, no sentido das consequências para a natureza e também para as culturas locais.

Em seu trabalho de conclusão de curso na graduação, a pesquisadora Maria Luíza Lina Souza (2015) retrata a desapropriação e a relocação de comunidades negras em função do empreendimento da Bahia Mineração com a exploração de minério de ferro nas comunidades de Palmito e Antas, vizinhas do nosso campo empírico. Trabalhando com o conceito de território, a autora mostra como a desterritorialização provocada pelo empreendimento trouxe marcas indeléveis de ordem psicossocial para os sujeitos da pesquisa: “A fragmentação das relações cotidianas e da relação com a terra contribuiu, para agravar ainda mais muitos dos problemas de saúde dessas pessoas” (Souza, 2015, p. 24).

³ O artigo “*As bellas amethystas*”: *Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)* faz parte do primeiro capítulo da monografia defendida pela autora Carla Graciela Chaves de Castro Cotrim, em 2014, na Universidade do estado da Bahia (UNEB), *Campus VI*. Esse estudo é aprofundado no Mestrado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, em 2017.

Se quisermos promover a autonomia do educando, devemos estimular a sua capacidade inventiva, incentivando a curiosidade, a pesquisa, apontando caminhos para intervir na sociedade. Paulo Freire afirma que a reflexão sobre a prática é uma relação dialética, na qual, a partir da autoavaliação entre o fazer e o pensar sobre o fazer, podemos melhorar a nossa prática educativa (2015, p. 39), ressaltando, assim, a importância da relação teoria/prática. É necessário que o professor possa se debruçar em pesquisas atuais sobre educação para poder intermediar um trabalho que atenda às demandas educacionais dos jovens do século XXI. Acontece que ficamos sobrecarregados com atividades do labor de professor e esquecemos que a nossa profissão pode ser objeto de estudo e, se assim fizermos, poderemos enriquecer a prática pedagógica. Somado a isso, há uma pouca vontade política das instituições educacionais em incentivar e fortalecer a formação continuada do professor de Educação Básica.

A psicóloga Ecléa Bosi, em sua obra *Memória e sociedade: Lembrança de velhos* (1979), destaca o caráter de experiências vividas dessas memórias, pontuando que:

Sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (Bosi, 1979, p. 22).

Ao propormos um trabalho no qual os/as estudantes e moradores/as da comunidade possam participar como entrevistador/as, estamos querendo, entre outras questões, inseri-los em um universo de protagonismo em que possam desenvolver a experiência do saber ouvir, que valorizem e tenham respeito pelas memórias dos velhos que guardam experiências importantes para a história da comunidade. Devemos promover a articulação da História local com a História Oral, pois os estudantes poderão conhecer a história local através dos relatos orais das pessoas da comunidade, compondo uma história diversificada.

Selva Guimarães Fonseca, em seu artigo *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*, analisa as dificuldades relacionadas à história local e pontua as possibilidades das fontes orais no trabalho pedagógico. A autora ressalta, ainda, que “estamos vivenciando, desde as últimas décadas do século XX, um movimento de se repensar a História, as metodologias e as práticas de ensino” (Fonseca, 2006, p. 125). Apesar disso, ainda existem muitas dificuldades em materializar essa realidade que foi pontuada pela autora e um desses problemas são as fontes disponíveis aos professores que são documentos institucionais que preservam a memória da elite. Consideramos, assim, que o trabalho com

História oral ampliará as memórias das pessoas que compõem uma dada sociedade, principalmente dos grupos subalternizados.

A opção por história oral se dá pela vontade de ouvir as histórias e vivências dos moradores: “As fontes orais não são uma alternativa às fontes escritas; são outro tipo de fonte, não apenas necessária, mas imprescindível para fazer história” (Garrido, 1992/93, p. 48). Por tratarmos da história do tempo presente e história local, a história oral ou o trabalho com fontes orais para fazer história, como defende Garrido, se torna imprescindível. E como conhecer a história de um lugar? “Pois a maneira de saber é ouvindo nossa gente contando as tais histórias”. Então vamos começar.

2 COMUNIDADE JOÃO BARROCA: HISTÓRIA LOCAL E MEMÓRIAS EM JOGO

A memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores como para o ensino.

Circe Bittencourt

Neste capítulo, traçamos algumas considerações acerca da comunidade João Barroca, elaborando uma breve história desta localidade, uma contextualização local e regional. Ele está dividido em duas partes: na primeira, consta o histórico de formação da comunidade inserindo-a no contexto local; e, na segunda parte, trouxemos um pouco da presença da mineração no local e região, bem como tratamos da importância das articulações sociais pela preservação da vida e do território. Em constante diálogo com a epígrafe acima, utilizaremos a memória para trabalhar a história local e apresentar possibilidades de reflexão sobre a realidade em que o estudante vive.

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno, é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais (Barros, 2013). O trabalho com a História Local contribui para que o estudante tenha uma aprendizagem com sentido, que seja contemplada a história dos sujeitos que foram invisibilizados ao longo do tempo. Carlos Henrique Barros (2013) e Vilma Barbosa (2006) nos falam da importância de termos em mente a questão identitária ao se escolher trabalhar com História Local.

2.1 Historicizando o *locus* da pesquisa

O município de Caetité⁴ está localizado na região Sudoeste da Bahia, a 645 km da capital, na microrregião da Serra Geral com a população de 52.012 pessoas segundo Censo do IBGE de 2022. O atual Prefeito do município é o Sr. Valtécio Neves de Aguiar (PDT), tendo como Vice-Prefeito o Sr. *Walmique da Trindade Silva (Solidariedade)*. Caetité é uma palavra de origem indígena, da língua tupi, que significa “mata da pedra grande”, fazendo referência ao

⁴ Além da sede, possui quatro distritos com as seguintes distâncias desta: Brejinho das Ametistas, a 24 km; Caldeiras, a 60 km; Maniaçu, a 28 km; Pajeú, a 26 km. Além disso, alguns povoados de maior importância se destacam, como Anguá, Campinas, Juazeiro, Santa Luzia e Umbuzeiro. Disponível em: <https://caetite.ba.gov.br/a-historia/%22%20/h> Acesso em: 31 jan. 2024.

que hoje chamamos de “Pedra Redonda”, próxima à fazenda Santa Bárbara⁵. Estabeleceu-se como núcleo de catequese desde o século XVII e foi elevada a freguesia em 1754 com o nome Freguesia de Santana. Em 1810, alcança o título de Vila, emancipando-se de Rio de Contas com o nome de Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité. Em 5 de abril de 2024, Caetité completou 2014 anos de elevação à Vila. “Pela importância e significado desse fato histórico, a Câmara de Vereadores de Caetité, fixou o dia cinco de abril como data da emancipação política de Caetité” (IBGE). Em 1867, a Vila é elevada à categoria de cidade com o nome Caetité.

De uma cidade símbolo da educação na região e de agricultura familiar, Caetité passa a ser conhecida nacionalmente e até internacionalmente pela existência e exploração de uma variedade de minérios como ametistas, urânio, minério de ferro e também de bons ventos; exemplo disso é a implantação do Complexo Eólico do Alto Sertão⁶. Desde o começo da década de 1990, tivemos a implantação das Indústrias Nucleares do Brasil (INB) para exploração de urânio e, mais recentemente, a instalação da Bahia Mineração (BAMIN) com dois grandes projetos: a mina Pedra de Ferro e Porto Sul (complexo portuário que será construído no município de Ilhéus) e a FIOLE – Ferrovia Oeste Leste com parte da estrada de ferro (trecho 1), que escoará o minério passando por Caetité, arrematado em leilão pela BAMIN. Com toda essa conjuntura, podemos ressaltar que Caetité passou por períodos de escassez de recursos hídricos, amenizada com as águas da adutora do São Francisco, e por devastação ambiental, bem como o atrofiamiento da agricultura familiar. Essa preocupação está presente em matéria do portal EcoDebate.

Não existe utilidade pública na mineração, o principal atingido pelas empresas minerárias não tem poder de consumo daquilo que é produto da mineração, a mineração não é a única, quiçá a principal saída para o desenvolvimento de uma região. A mineração é de interesse privado, interesse de uns poucos e

⁵ Fazenda Santa-Tombada pelo IPAC, a edificação é um exemplo raríssimo de casa de fazenda do tipo períptero incompleto com mirante. Acredita-se que se trate de construção da segunda metade do século XIX. As casas perípteras surgiram no Recôncavo no início do século passado, mas só se popularizaram na metade do mesmo. Edifícios deste tipo são muitos raros no Sertão. A casa já pertenceu a Joaquim Manoel Rodrigues Lima, primeiro governador eleito por sufrágio direto na Bahia. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/caetite-casa-da-fazenda-santa-barbara/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

⁶ O Complexo Eólico do Alto Sertão é o nome que recebeu o conjunto de complexos de produção de energia eólica na região baiana da cidade de Caetité, e que constitui o maior complexo dessa modalidade energética na América Latina. Situado nas cidades de Caetité (onde se concentra a maior quantidade de aerogeradores), Guanambi, Igaporã, Pindaí, Licínio de Almeida e Urandi os complexos Alto Sertão I, II e III possuem uma capacidade conjunta de produção de 1.113,2 gigawatts. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_E%C3%B3lico_do_Alto_Sert%C3%A3o>. Acesso em: 31 jan. 2024.

muitos desses poucos nem conhecem Caetité, pouco se importam com o povo de Caetité. (Ecodebate, 2011).

Nesse sentido, a exploração de minério não acolhe a mão de obra local, sendo necessário muitos buscarem alternativas de sobrevivência, como o trabalho no corte de cana em outras regiões.

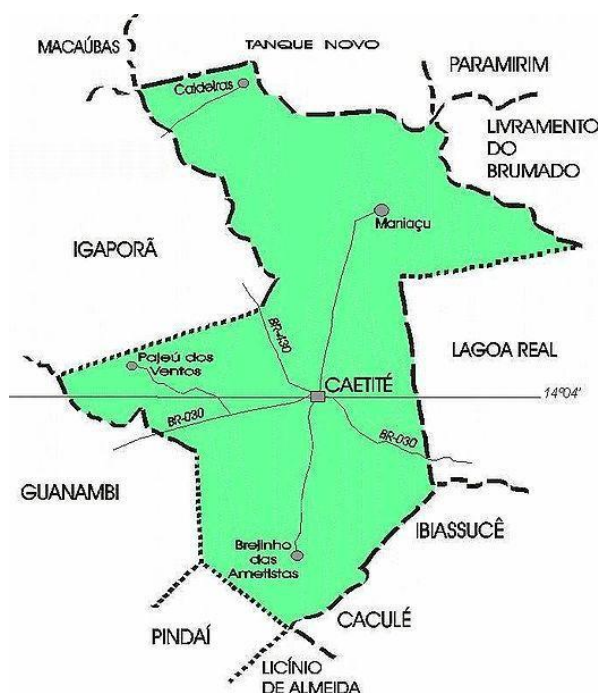
Há 27 km, ao sul da sede de Caetité, encontra-se o distrito de Brejinho das Ametistas, pertencente a esse município e local histórico por sua exploração de ametistas que data do início do século XIX e por ser a terra natal do cantor e compositor Waldick Soriano, conhecido nacionalmente pelas músicas românticas de sucesso que fez parte de sua carreira, a exemplo de: *Eu, não sou cachorro não*, *Paixão de um homem*, *A dama de vermelho* e *Tortura de amor* (Nascimento, 2023). No momento atual, a exploração de ametistas está em fase de declínio, depois do último período de expansão que ocorreu entre os anos de 2001 e 2006.

Figura 1 – Caetité no mapa da Bahia



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bahia_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 31 jan. 2024.

Figura 2 – Mapa do município de Caetité



Fonte: André Koene, 2007. Disponível em:
<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MapaCAETIT%C3%89.jp>. Acesso em: 31 jan. 2024.

A comunidade de João Barroca, *locus* de nossa pesquisa, fica a 14 km do distrito de Brejinho das Ametistas. Ela integra esse distrito e compõe as localidades de Araticum, Flores, Cachoeira, Rancho do Meio e Casa da Roda, totalizando aproximadamente 480 pessoas distribuídas entre 160 famílias, conforme dados fornecidos pela Associação dos Amigos da Comunidade de João Barroca e Araticum. A localidade da fazenda Flores é formada, em sua maioria, por pessoas negras. As três pessoas mais velhas da comunidade são Oscar Fernandes Pereira, com 92 anos, João Ribeiro Ciriaco, com 94, e Maria Neves Gomes, com 96 anos de idade. As três, aproximando de um século de idade, ainda estão lúcidas, segundo alguns entrevistados. No entanto, não conseguimos entrar em contato com essas pessoas.

“Aí essas localidades que eu falei, a gente frequenta elas, todas elas, como se fosse uma família [...]. João Barroca se tornou sede como se fosse uma sede de uma escola, de uma escola grande, como se fosse uma sede um município ou uma unidade de saúde que aquelas pequenas ia até numa unidade de saúde [...]. O povo de de Regapé, vinha de Flores, vinha de outros cantos estudar em João Barroca. Hoje João Barroca já leva essas crianças de todos essas localidades para o distrito de Brejinho e assim sucessivamente de Brejinho até Caetité quando os alunos necessitam de um estudo mais elevado aí sim tem que ir pra Caetité. Tanto eles vem buscar informações na sede que é onde tem a igreja católica, tem o prédio que era da escola, que é da associação, que é da comunidade, como tem também a sede da associação que tem as

informações, aí eles vem, todas as localidades vem buscar suas informações nesse lugar, participar de eventos, de festas, de... de festas juninas, festa do padroeira, vem visitar, vem participar de reizado, participar de várias coisas... trabalho!! Como esse ano mesmo a gente teve um trabalho muito importante aqui com a limpeza de uma barragem que trouxe muito benefício para a comunidade [...]. Foi muito importante da comunidade participou de tudo por causa que foi através da comunidade foi que a gente conseguiu essas horas de máquina foi feito isso. Então as localidades, todas elas são beneficiadas com esse grande projeto que foi feito.”⁷

Na fala acima, o nosso colaborador nos conta como é a relação entre João Barroca e as outras localidades do entorno, mostrando-nos que há uma articulação entre os espaços através das várias demandas sociais.

“A localidade que se chama Flores [...] tem muita gente preta... (morena ou preta?) negra né? Tem muitas pessoas negras. Hoje já tem muitas pessoas brancas porque no decorrer dos anos foi casando com pessoas mais claras, pessoas pardas e aí foram ficando mais claras. Mas ainda tem muitas pessoas negras [...] é a origem que nós tem: pessoas descendentes que veio da África para permanecer aqui no Brasil. E tem hora que às vezes não é tão bem vista pelos portugueses.”⁸

O Sr. Joaquim Ferreira nos fala sobre a presença de pessoas negras na localidade Flores, que faz parte de João Barroca. Segundo outro entrevistado, Flores tem 90% de sua população formada por pessoas negras. Ele contou 30 casas, não sabendo dizer exatamente a quantidade de pessoas: *“nas Flores tem mais ou menos 16 casas, tem pessoas lá bastante parda, eu não sei se se considera negra, né? Tem isso né? Que as pessoas às vezes pode não se considerar negra né?”* (Naldo Pires). Houve vontade por parte da pesquisadora de visitar a localidade Flores para entender melhor a relação de pertencimento étnico, entre outras questões, mas devido a todas as problemáticas e entraves enfrentados no percurso desta pesquisa, como fora relatado anteriormente, ficamos apenas com a sede da comunidade de João Barroca. No entanto, temos vontade de conhecer melhor a localidade Flores em estudos futuros.

⁷ Joaquim Ferreira, 72 anos. Entrevista concedida à nossa colaboradora S. M. L. Pereira em: 14 jan. 2024.

⁸ Idem.

2.1.1 Comunidade João Barroca: de fazenda a povoado

João Barroca⁹

Meu Deus, criador!
 Não sei por onde começar
 As histórias que conheço
 Em versos não dá para narrar
 O lugar é bem pequeno
 Mas tenho muito o que falar
 XXXXXXXXX
 Os mais antigos me disseram
 Como foi dado o nome
 Seu primeiro morador
 Da Barroca era esse homem
 O seu nome ao lugar foi empregado
 Depois de erguer a capela
 Podemos iniciar o batizado
 XXXXXXXXX
 Conhecido por João Barroca
 Homem de muito significado
 Depois da homenagem
 O cabra teria se mandado
 Comunidade João Barroca Araticum
 Já com o nome oficializado
 XXXXXXXXX
 Um lugar de muita história
 De cultura e de lazer
 Aqui em João Barroca
 Se tem muito a aprender

⁹ Trecho do cordel feito na oficina de produção textual sobre a comunidade de João Barroca pela professora de Língua Portuguesa, Edineusa Cruz da Escola Clemente Ferreira de Castro, no ano de 2023.

Quem já veio, vem de novo
 Quem não veio quer conhecer
 [...]

Xxxxxxxx

Vou terminar assim
 Falando das amizades
 Pois aqui em João Barroca
 Não reina a falsidade
 Uma coisa eu afirmo
 Só tenho amigos de verdade

Xxxxxxxx

Por isso que eu gosto daqui
 Simplicidade no viver
 Alegria no falar
 Histórias de prazer
 Obrigada por me prestigiar
 Eu só tenho a agradecer.

No poema acima, realizado pelos alunos em oficina de produção textual, é relatada a origem do lugar relacionado à figura mítica de João Barroca, que deu nome à localidade e está presente na memória popular:

“Foi o primeiro morador dessa região. Chamava João. Ele veio de um lugar que chamava Barroca. E como ele tinha vindo desse lugar, ele morou aqui e quando o pessoal vinha passar nesse lugar e falava: você vai pra onde? Vou pra casa de João. Qual João? João da Barroca. Quer dizer que era um homem que tinha vindo da Barroca. E por isso ficou conhecido com o nome de João da Barroca.”¹⁰

Segundo Joaquim Ferreira (2024), o João Barroca não teria deixado descendentes, apenas o apelido, que foi herdado pelas pessoas que compraram suas terras. Não tendo uma datação certa. As pessoas da comunidade sempre se referem a alguns fatos dizendo que “foi no tempo da escravidão”. A filha de Antônio (que teria comprado as terras de João Barroca) está viva, com 95 anos, e se chama Maria Neves Gomes. Toninho da Barroca teria vendido parte

¹⁰ Joaquim Ferreira, 72 anos. Entrevista concedida à nossa colaboradora S. M. L. Pereira em: 14 jan. 2024.

das terras para o marido de Maria, seu genro. Vejamos mais detalhadamente no depoimento abaixo:

“O João Barroca, o morador, não deixou familiar nenhum aqui vivo com família nenhuma. Aqui na comunidade o povo que tem herdou dele somente apelido, nem sobrenome não era [...]. O que eu conheço os mais velhos que moravam aqui era Antônio e ao apelido Toninho Barroca. [...] depois ele vendeu [...], uma parte da propriedade para um genro e a outra parte para outro fazendeiro que tinha aqui na comunidade pra ‘quele’ pessoal daquele casarão que tinha lá em Regapé [...], Toninho Barroca mudou pra ‘quele’ lugar que chamava Antas e o genro dele ficou Mané de João Barroca porque comprou a propriedade de João Barroca e assim as outras pessoas por causa do nome de João Barroca teve, que fundou a comunidade de João Barroca. O casarão de Regapé foi feito pelos escravos e os escravos pegou essa madeira de outra casa que foi feita há mais de 300 anos. Ainda tem filha viva do Tonino Barroca. Conheci ele, eu menino. Conheci, mas ele morando fora que ele vendeu para os vizinhos e para o genro que o genro ficou sendo dono da sede da fazenda, na própria casa do Toninho.”¹¹

Figura 3 – Vista da barragem de João Barroca com casa e torres eólicas ao fundo



Fonte: Fotografia da autora, 2019.

Em 1985, João Barroca se torna Comunidade Esclesial de Base¹² João Barroca Araticum. Para efeitos religiosos e sociais, usa-se o nome conjugado: *Comunidade João Barroca Araticum*; criando-se uma identidade entre as duas localidades. O Sr. Napoleão Pires nos conta como foi que João Barroca se tornou uma CEB:

¹¹ Joaquim Ferreira, 72 anos. Entrevista concedida em: 10 abr. 2024.

¹² Comunidade Eclesial de Base (CEB) são as pequenas comunidades religiosas que fazem parte de uma paróquia. Surgiram no final da década de 1960, incentivadas pela Teologia da Libertação, onde líderes religiosos resolveram organizar leigos e leigas através da Comunidade Eclesial de Base.

“[...] da comunidade eclesial de base que (pausa) foi a primeira que criou aqui, foi criada lá no Araticum. Aí um dia eu cheguei na missa na igreja de Santana quando D. Alberto chegou aí e apresentou a irmã Hilda. Aí, é... eu fui... aí agora irmã Hilda que apresentou D. Alberto no palácio Episcopal. Aí eu perguntei Luiz Benevides, Luiz Benevides é meu parente. Perguntei como é que eu falava com o bispo? Ele falou: moço pode ir lá no palácio episcopal nove horas da manhã que ele tá lá. Eu cheguei lá pedi ele pra fazer a comunidade em João Barroca... [...] Aí agora, quando pensou que não, eu recebi uma carta aqui, do correio, vêi de Brejinho pra mim ir no Araticum, D. Alberto que mandou a carta (risos)... pensa bem pro cê ver... aí quando cheguei lá, eu fui me apresentei [...]. Ele falou eu vou lá em João Barroca ver o povo de lá e marcou pro outro domingo... pra outra semana ele vim aqui. Chegou aqui nós fez a reunião aqui, o povo falou: nós quer a comunidade aqui. Aí ele disse: então vamos fazer um negócio: conjuga João Barroca e Araticum (risos) entendeu? D. Alberto que fez isso (risos) E agora nós ficou: João Barroca e Araticum.”¹³

A Associação dos Amigos da Comunidade de João Barroca e Araticum, fundada em vinte e dois de novembro de 1987, já teve seis presidentes, alguns sendo reeleitos por até seis mandatos. Segundo o seu atual presidente, o Sr. Nestor Rocha, a associação tem como objetivo “acompanhar os sócios na pecuária e agricultura, encaminhar projetos para os órgãos públicos e informar os sócios sobre seus direitos e deveres”. O papel que a associação de moradores desempenha é muito importante no processo de resistência e das reivindicações para a comunidade.

“A Associação... foi igual eu te falei: estava lá em Brasília na nova Constituinte, eu conheci o que é o valor de uma associação. E aí eu vi a importância das pessoas divulgando. Eu fui procurar alguém para me informar, quando eu vi as pessoas da região, do estado tudo. Pedrinho de Lagoa Real, foi quem me falou como é que era. Eu procurei ele. E eu vi as outras pessoas procurando ele. Até que ele me atendeu. Quando eu falei: eu sou de Caetité, aí agora ele virou a frente pra mim e veio do meu lado (risos). Porque Lagoa Real era distrito de Caetité. Depois da associação que virou... é... município, mais era distrito. Aí Pedrinho falou comigo: cê vai em Lagoa Real que eu te dou o estatuto, uma cópia do estatuto [...] chegou lá ele me deu o estatuto, me explicou tudo como é que eu fazia. Aí eu cheguei aqui fui com o vereador Nestor; Nestor era vereador nesta época. Nós levamos na câmara e vereadores de Caetité e publicou [...]. Aí falou: agora tem que publicar no diário federal. Aí aquele... eu esqueci moço, faz muito tempo, aquele que é deputado federal do PC do B? (interlocutora: Haroldo?) Haroldo Lima (risos): vai em Brasília tal dia e me procura na federação aí eu fui na federação. Fiquei dois dias na federação mais só que com a ordem que ele deu, a autorização, ele não tava lá mas lá eu comia, bebia e dormia esperando ele. Chegou nós foi lá ele publicou federal. A associação nossa: municipal, estadual e federal. Foi desse jeito!”¹⁴

¹³ Napoleão Pires, 72 anos. Entrevista concedida em: 15 jan. 2024.

¹⁴ Idem.

O Sr. Napoleão Pires demonstra, ainda, muito entusiasmo quando se lembra de sua militância para que João Barroca conseguisse os espaços de representação social, religiosa, política e econômica. Reconhece a importância da contribuição das pessoas da comunidade para essas conquistas ao longo do tempo. Ele nos conta, acima, quais foram os trâmites para conseguir criar uma associação na comunidade, ação de muita articulação política e organização social que trouxe benefícios e vem representando o povo do lugar há quase quarenta anos.

Em 1990, foi construída a capela de Santo Antônio, padroeiro da comunidade, espaço de concentração dos festejos religiosos. Festas são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais, como afirma Francisco Júnior (2015, apud Mazoco, 2007). A festa de Santo Antônio acontece todo ano no mês de junho, iniciando com o novenário no dia primeiro e encerrando no dia 13 de junho, com a missa solene em louvor a Santo Antônio. Apesar de todo ano ter um festeiro, toda a comunidade colabora na organização do evento que culmina em outras práticas culturais, como o almoço coletivo e o leilão, seguido de um forró. O leilão ajuda a custear os gastos com a festa. Além dos festejos de Santo Antônio, a comunidade celebra a Semana Santa e os festejos do Natal também.

Figura 4 – Vista frontal da capela e Santo Antônio em dia de missa



Fonte: Jairo Carvalho. Arquivo pessoal, 2023.

Figura 5 – Procissão de Santo Antônio



Fonte: Jairo Carvalho. Arquivo pessoal, 2023.

Por ocasião dos festejos natalinos, os grupos de reisados tomam corpo iniciando as apresentações do Reis de Natal, tocado nos dias 24 e 25, e no dia 1 de janeiro à meia noite se inicia o Reis do ano, terminando no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis, momento em que há uma ladainha e depois a folia de Reis. Essa festa mistura elementos religiosos e profanos com as contradanças presentes no Reis de gaita. Já o Reis de viola é mais cantado. Segundo Macedo ([s.d]), apesar de terem influências portuguesas, as “Folias de Reis brasileiras” foram formadas por uma grande diversidade de costumes, que se diferenciam das folias de Portugal. Estes elementos estão presentes em alguns instrumentos utilizados e as danças que caracterizam as contribuições indígenas e africanas.

Figura 6 – Capela de Santo Antônio



Fonte: Fotografia de Dércio Pires, 2019.

De acordo com relatos de Dércio Pires (2024), no espaço da igreja, os mais jovens aprendem com os mais velhos a tocar alguns instrumentos como timbal, pandeiro e triângulo: *“Têm as pessoas mais velhas que ainda estão passando pra gente sanfona, violão, viola. Tem até o terno de reis mesmo as pessoas que tocam no terno de reis, toca na igreja”*. Esse espaço, além de desempenhar atividades religiosas, também se apresenta como espaço cultural.

Em 2010, João Barroca recebe o título de povoado. Então, para efeitos religiosos, usa-se comunidade, mas para efeito de documentação é povoado, como está “no talão de luz, por exemplo” (Mara Gomes, 2024). O Sr. Napoleão Pires nos conta como se deu esse processo de transformação de fazenda em povoado, explicando quais as providências necessárias para ter um status de povoado e possíveis benefícios adquiridos para a comunidade.

“Nós tá com a comunidade perfeita. Inclusive, pra combinar direitinho... olha: aqui mudou o nome de fazenda como povoado. Porque nós conseguiu essa energia aqui, não foi fácil. Teve que botar o nome aqui povoado e quando nós botou povoado, nós ainda não tinha quadra, mas nós colocamos que tinha. Tinha uma quadrinha de jogar bola sem... (risos) sabe como é que é: na terra limpa, aí construiu a quadra, tem o grupo escolar antigo, tá lá para fazer reunião, tem a sede da associação [...] tem o clube da associação [...]. Tem a casa de farinha [...]. Tá entendendo? A barragem [...]. Mas, de qualquer sorte, aqui ficou denominado povoado por causa dos benefícios que veio, tá entendendo?”¹⁵

Em retorno ao proferido por Manuel Castells (1999), a tendência que as pessoas têm em se agruparem em organizações comunitárias gera, ao longo do tempo, um sentimento de pertença, e podemos perceber esses elementos na comunidade de João Barroca. Observando a necessidade de se agrupar em algum movimento de interesse comum, como as festas e as celebrações da comunidade, a organização em associação de moradores da comunidade e a organização das mulheres na cozinha industrial surgem como estratégias de sobrevivência.

Depois de um curso de culinária oferecido pela panificadora Chispan (empresa de Caetité), as mulheres de João Barroca, que participaram dessa formação, resolveram se organizar na casa de uma delas para começar a produção. Tempos depois, fizeram um projeto e apresentaram à BAMIN pedindo a construção de uma cozinha industrial no terreno doado pelo pai de uma delas. No início era um total de vinte mulheres e, hoje, são dez sócias.

“Um dos motivos de eu mim... é... ter a motivação de entrar foi minha mãe pois ela trabalhava lá também e aí agora as vezes eu ia quando tinha muita encomenda, eu ia ajudar elas à parte, para ajudar mesmo, e aí eu mexendo, ajudando eu gostei e aí resolvi ser também uma sócia. E hoje em dias eu trabalho na cozinha [...]. Eu sou uma das mais novas que tá lá dentro, isso

¹⁵ Napoleão Pires, 58 anos. Entrevista concedida à nossa colaboradora Bárbara Pires em 15 jan. 2024.

está me inspirando muito a fazer os bolos, pois é uma experiência que eu vou ter para a vida toda. É... eu vejo assim: as outras meninas trabalhando também a gente sente muito orgulhosa né? pois é umas mulheres batalhadoras, pois no começo elas começaram dentro de uma casa da que hoje é presidente e foi crescendo ao pouco e isso é muito orgulho para nossa comunidade pois as mulheres, elas foi crescendo com força e com garra.”¹⁶

Acima, nossa colaboradora nos conta sobre o protagonismo das mulheres da cozinha industrial e a inspiração que a levou a ser sócia, ainda tão jovem. A Associação de Mulheres de João Barroca e Adjacências é toda documentada e tem uma produção muito diversificada, divulgando seus serviços nas redes sociais, com uma produção voltada principalmente para atender, hoje, a demanda local. Segundo nossas entrevistadas da cozinha industrial, havia um público mais amplo na região, mas depois da pandemia diminuiu concentrando-se mais na demanda local. Hoje “até a própria Bamin mesmo pega o lanche para servir lá, eles dão prioridade pra gente tá fazendo essas entregas” (Joana Caldas, 45 anos, 2024).

Figura 7 – Produção de xiringa da cozinha industrial



Fonte: Fotografia da autora, 2024.

“[...] Participar desse projeto pra mim é uma vitória porque olhar para trás como a gente começou e olhar como a gente está hoje é uma vitória muito grande, me sinto muito orgulhosa. Nós temos o apoio da Bamin, temos o apoio do terceiro setor também, que nos ajuda né e eu tenho esperança da gente expandir mais no futuro não ser só um complemento pra nós né, para nossa vida, mas ser algo maior, ser uma conquista maior pra gente. Eu espero que a gente venha a se expandir em relação ao negócio, né? a nossa produção.”¹⁷

¹⁶ Bárbara Pires, 18 anos. Entrevista concedida em: 29 jan. 2024.

¹⁷ Dóris Cerqueira, 36 anos. Entrevista concedida em: 29 jan. 2024.

A fala de Dóris Cerqueira, em entrevista concedida à pesquisadora no espaço da cozinha industrial, mostra a importância da perseverança diante das dificuldades enfrentadas, bem como o poder da articulação e entender como buscar as responsabilidades das empresas que atuam no lugar. Foi através da articulação política dessas mulheres que foi possível a construção e aparelhagem de uma cozinha industrial na comunidade.

2.1.2 Mineração e luta pela vida e território

Nas proximidades de João Barroca, foi iniciada a exploração do minério de ferro pela Bahia Mineração (BAMIN), empresa que teve sua licença de exploração renovada e, apesar de ter mudado o método de alteamento¹⁸, ainda deixa muitos moradores temerosos das consequências da exploração de minério para a natureza e seres humanos do entorno. A BAMIN atua em Caetité desde 2007 com o projeto Mina Pedra de Ferro, e a mineradora já está em operação. O mapa abaixo, da Comissão da Pastoral da Terra, mostra as áreas impactadas pelas ações da BAMIN. Nele consta a comunidade de João Barroca.

Figura 8 – Mapa de atuação da BAMIN e seus impactos ambientais



Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2014.

¹⁸ A Lei nº 14.066/2020 alterou a Lei nº 12.334/2010, que estabelece a Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB), acrescentando importantes determinações específicas para barragens a montante: “Art. 2º-A. Fica proibida a construção ou o alteamento de barragem de mineração pelo método a montante. Fonte (ver matéria): https://www.gov.br/anm/pt-br/assuntos/barragens/boletim-de-barragens-de-mineracao/report_trimestral_mai_2023_descaracterizacao_publicacao_v2.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

As cidades mineiras de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, foram vítimas de uma tragédia ambiental anunciada com o rompimento de barragens de rejeitos da mineradora multinacional Vale S.A. Passados 08 anos do desastre em Mariana (2015) e quase 5 anos do de Brumadinho (2019), não podemos esquecer as consequências para os municípios e localidades próximas. A impunidade e o descaso com as vítimas continuam nos mostrando como que funciona a relação com a natureza e os seres humanos no processo de exploração das mineradoras multinacionais que atuam no Brasil e servem de alerta para a necessidade de se fazer uma exploração com medidas mais seguras para o meio ambiente, para a população local e para os funcionários que atuam nas empresas.

Quadro 1 – Desastres em Mariana e Brumadinho: síntese da tragédia

CIDADES	DATA	Nº DE MORTOS	Nº DE CORPOS NÃO ENCONTRADOS	IMPACTOS AMBIENTAIS	RIOS E REGIÕES AFETADAS
Mariana	5.11.2015	9	-----	62 milhões de metros cúbico de rejeitos de mineração	Rio Gualaxo, rio Carmo e rio Doce
Brumadinho	5.01.2019	72 pessoas (com os bebês que estavam no útero de duas mães)	3	12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração	Bacia do rio Paraopeba, represa de Três Marias e em comunidades de São Gonçalo do Abaeté e Três Marias que são banhadas pelo São Francisco.

Fonte: Quadro construído pela autora com base em pesquisa nos sites Uol (2023), Almg (2023) e Quintão (2021).

A tabela acima é um resumo, em número e por alto, das tragédias de Mariana e Brumadinho, visto que é difícil de mensurar em pouco espaço as consequências desses dois desastres ecológicos, humanos e sociais acontecidos há poucos anos. Além das dezenas de pessoas mortas em Mariana e das centenas mortas em Brumadinho, temos as aldeias indígenas afetadas, danos ao patrimônio ambiental, à fauna e à flora, contaminação dos recursos hídricos, enfim, danos à vida. No ano de 2019, após o desastre em Brumadinho, a Assembleia Legislativa

de Minas Gerais aprovou a Lei 23.291 que proíbe a construção de barragens de alteamento a montante e determina a adoção de tecnologias mais seguras (ALMG, 2021). No entanto, após o desastre de Mariana, a mesma assembleia havia aprovado um decreto que "flexibilizava" (grifo nosso) o licenciamento ambiental para torná-lo mais célere na concessão de licenças para a mineração" (Zhourri, 2018) e da mesma forma andava a legislação a nível federal, naquela época, flexibilizando as normas para mineração no Brasil. O cenário mostra, de um lado, o crescimento do investimento em exportações de "commodities como plataforma para o chamado desenvolvimento" (Zhourri, 2018), e, de outro lado, a resistência dos grupos atingidos por esses empreendimentos, de ativistas, entre outros.

Em fevereiro de 2019, quarenta dias após o desastre em Brumadinho, alguns moradores de João Barroca viajaram com um ônibus organizado pelas Cáritas¹⁹ e CPT para o local, com o intuito de verificar de perto a catástrofe e saber realmente qual risco eles estavam correndo com a implantação da barragem de rejeitos nas proximidades da comunidade. Foram dois jovens estudantes, duas mulheres e dois senhores representando a comunidade João Barroca. Fábio Santos nos dá maiores detalhes:

“A visita foi bem rápida, mais deu pra conhecer um pouco sobre o lugar. A viagem foi organizada pelo movimento MAM. Visitamos o local onde se localizava a barragem, tivemos contato com algumas pessoas que moravam ali naquele local. Conhecemos também onde foi montado um ponto de resgate e alguns locais onde foi mais atingida pela lama, visitamos também um acampamento dos sem-terra. Lembro que tivemos um momento de conversa com eles, onde contam que depois do rompimento da barragem as coisas ficaram um pouco difíceis pra eles pois a água do rio que eles utilizavam, pra praticamente tudo, no dia a dia foi contaminada pelo minério.”²⁰

Após o retorno de Brumadinho, aconteceram “alguns momentos de caminhada em algumas cidades como Caetité, Guanambi e Pindaí”, como forma de manifestar a insatisfação da população dessas cidades com a atuação da BAMIN na região. Nem a comunidade de João Barroca, nem as outras vizinhas e tampouco as outras cidades afetadas pelo empreendimento da BAMIN são as mesmas após a chegada da mineração. Durante esses anos, a comunidade de João Barroca, junto com os órgãos ambientais e outras comunidades e cidades citadas acima,

¹⁹ A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Camara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As orientações do Concílio Vaticano II marcaram a ação da Cáritas que, desde então, vive sob os valores da pastoralidade transformadora. A Cáritas é um organismo da CNBB e possui uma rede com 198 entidades-membros, 13 regionais e 4 articulações. Disponível em: <https://caritas.org.br/historia>. Acesso em: 13 jun. 2024.

²⁰ Fábio Santos, 20 anos. Entrevista concedida em: 20 fev. 2024.

participaram da luta contra a exploração desenfreada. O movimento contra a barragem começou desde 2007 e se fortaleceu após o desastre de Brumadinho. No entanto, depois da pandemia, deu uma arrefecida, de acordo com relatos de Fábio Santos.

Os impactos desse empreendimento vão desde os desastres que podem acontecer no futuro, como toda a desestruturação social, patrimonial e ecológica causada durante o processo de licenciamento. A exemplo disso, temos as comunidades negras tradicionais de Palmitos, pertencente a Caetité e Antas (Antas Velhas), próxima de Palmito, mas pertencente à cidade de Pindaí, que já foram atingidas diretamente com a desterritorialização de sua população para a realização do empreendimento. Além disso, existem outras comunidades que serão atingidas direta e indiretamente pelo empreendimento (João Barroca, Açoita Cavallo, Curral Velho etc.).

Duas comunidades, Anta Velha e Palmitos, já foram completamente destruídas pelo processo, ainda não tiveram a totalidade de suas famílias reassentadas, e aquelas que já o foram não estão satisfeitas com a qualidade de vida do novo local de moradia, que não lhes confere a possibilidade de cultivar a terra e garantir o seu sustento. (Mapa de conflitos, [s.d]).

No relato acima, tem-se um exemplo de racismo ambiental²¹ sofrido por essas comunidades, que nos faz refletir sobre o papel da mineração de cumprir apenas o interesse do capital internacional e que coloca as comunidades sem opção de escolha e encurraladas em seu território, não lhes sobrando alternativa à investida desse capital, como podemos observar na fala do Sr. Manuel Ferreira dos Santos, retirado do site Mapa de conflitos: “*Eles [empresa] disseram que se eu não vendesse iam me deixar no meio [do projeto]*”²².

Algo similar aconteceu com os habitantes da comunidade negra de Riacho das Pedras, em Rio de Contas (BA), na construção da barragem Luiz Vieira, como nos conta Antônio Cláudio Barbosa,²³

O fato é que com o começo das obras da Barragem em 1978 as comunidades foram informadas de que Barra e Bananal não seriam atingidas a ponto de alagar, porém ambas perderiam uma faixa de terra fértil que era usada por elas, para plantio, esta perda ocorreria nas épocas de alagamento. Já a comunidade Riacho das Pedras, seria alagada tornando impossível a permanência dos

²¹ O racismo ambiental (ou racismo meio ambiental) é um termo usado para descrever situações de injustiça social no meio ambiental em contexto racializado, ou seja, nas quais comunidades pertencentes a minorias étnicas, como as populações indígenas, negras e asiáticas, são particularmente afetadas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo_ambiental Acesso: 29 mar. 2024.

²² Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-comunidades-quilombolas-e-agricultores-familiares-lutam-para-garantir-territorio-e-meios-de-subsistencia-contra-mega-empreendimento-de-mineracao/>. Acesso: 9 abr. 2024.

²³ Antônio Cláudio Barbosa defendeu sua Dissertação de Mestrado com o título: *Debaixo d'água: a inundação da Comunidade Quilombola de Riacho das Pedras*, em Rio de Contas Bahia, no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade – PPGELS, UNEB – Campus VI, Caetité, no ano de 2021.

moradores. Todos foram forçados a sair mediante ao pagamento de uma indenização (essa era a teoria). Os habitantes das outras duas comunidades seriam agraciados com alguns projetos que visava à compensação para quem ficou. Como se a perda sócio cultural secular destes povos fosse passível de compensações. (2021, p. 65).

Na tentativa de reparação, no caso de Antas e Palmitos, foi construído um livro por uma famosa empresa de audiovisual com uma estética perfeita, por sinal. Nesse material, foram registradas as memórias do ex-habitantes de Antas e Palmitos com o título *Relicários de sonhos: memórias de água, de terra e de vida* (2023). Exemplares foram entregues em algumas escolas de Caetité. Ao analisá-lo, tivemos um sentimento de lástima e nostalgia dada as circunstâncias de sua produção e autoria da obra. *Relicários de Sonhos* poderia ser melhor batizado, em nossa opinião, como *Memórias desterritorializadas*. Na apresentação da obra, deparamo-nos com a seguinte informação:

Se existe um lugar dos sonhos, um lugar de terra fértil, com fontes de água doce e de vida em comunidade, esse lugar encontra-se na memória do povo de Antas e Palmito, preservado agora nesse relicário [...] a primeira impressão que se tem é que não passa de miragem, mas, por meio de um olhar mais atento, percebe-se uma riqueza que há muito estava escondida. Entre os gerais da região, duas comunidades singulares, com forte ligação e amplo respeito pela natureza. Famílias que praticamente não tiveram influência externa e souberam, através dos anos, preservar seus saberes, costumes e, principalmente, sua cultura. Conhecer essas famílias e seus costumes só foi possível com a chegada da Bamin na região [...] o registro da memória de Antas e Palmito surgiu como condicionante do processo de licenciamento ambiental da mina. (Alves; Brito, 2023, p. 6-7).

As condicionantes de reassentamento das famílias e a construção de um material de registro da memória das comunidades não dão conta de suprir o vazio deixado pelo processo de desterritorialização nas condições em que aconteceram. Toda degradação socioambiental é irreparável e não é compensada por nenhum lucro, visto que o empreendimento está a serviço do capital estrangeiro e não poupa as relações sociais que estão estabelecidas nas diversas comunidades e regiões onde se pretende instaurar. Os avanços para o Estado são muito desejados no sentido de colocá-lo no ranking nacional de arrecadação de minério, mas para a população diretamente afetada há uma desestruturação ambiental, territorial, econômica e social. A população da cidade, que não é diretamente afetada e que pode conseguir algum emprego, talvez não perceba o quão é devastador esse empreendimento para as comunidades do entorno. As populações afetadas têm a dificuldade de sair de seu território ou conviver com a exploração. Situação confirmada por Fernanda Rodrigues em sua dissertação:

Os relatos dos antigos moradores das comunidades de Antas e Palmito, que foram expropriados de suas terras e realocados para o distrito de Guirapá – Pindaí, mostram os aspectos degradantes que estes tem sofrido após a 3ª realocação. Pois, retirados das terras em que estabeleciam o trabalho de plantio e criação de animais, foram “confinados em lotes de 4 hectares de terra” com escassez de água e o comprometimento de suas atividades, enquanto trabalhadores camponeses. (2019, p. 36-37).

Com o título *A tragédia fástica do capital no campo: mineração e conflitos por terra e água nas comunidades camponesas de Caetité e Pindaí – Bahia* (2019), Fernanda Rodrigues pesquisou “os conflitos por terra entre as comunidades camponesas dos municípios de Caetité e Pindaí com a mineradora Bahia Mineração (BAMIN)”, dissertação defendida no programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Este e outros estudos são importantes para entender a dinâmica desse empreendimento na região, bem como registrar a história de luta desses povos.

Retomando o que foi dito no capítulo anterior, a identidade está sendo forjada na comunidade João Barroca. Uma nova identidade está sendo construída por conta do processo de mineração. Dialogamos mais uma vez com Antônio Cláudio Barbosa sobre isso:

A Barragem inundou os Quilombos, apagou de certa forma, um bocado da memória, dificultou a vida daqueles que já estavam ali antes das águas chegarem, mas ao menos algo positivo se precisa tirar dos piores momentos. A Barragem provocou o povo das Comunidades que se uniram como nunca e assim ajudou no processo de Certificação das Comunidades e na titulação das Terras, uma centelha de luz para tanta escuridão. Mesmo assim, reiteramos que este trabalho é para ajudar a não esquecer o que foi feito e como foi feito. A Barragem mudou definitivamente a vida deste povo de forma negativa e violenta. (2021, p. 66).

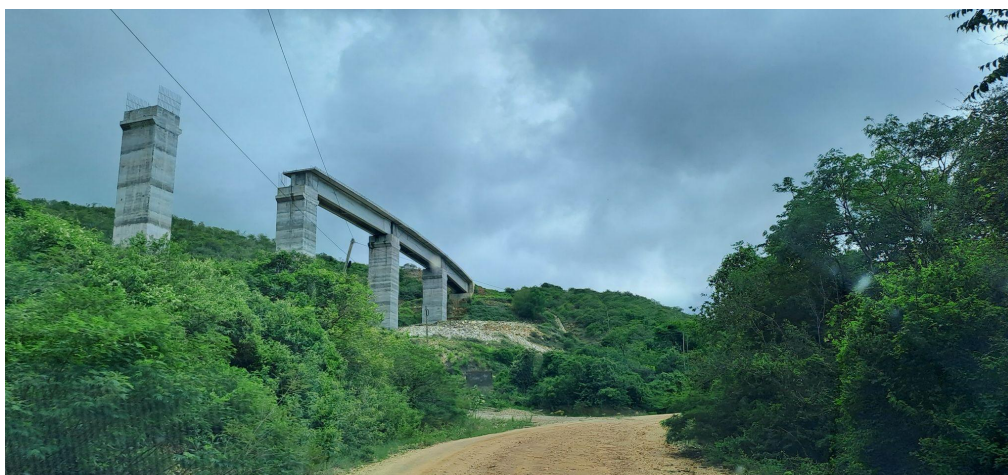
São dois processos em estágios diferentes, visto que o estudo de Antônio Cláudio Barbosa se dá algumas décadas após a construção da barragem Luiz Vieira e, no caso da comunidade pesquisada, João Barroca, o processo está em curso. Ainda não temos elementos suficientes para entender a complexidade da identidade cultural e social, mas já percebemos ela se construindo nas práticas sociais e políticas em defesa de seu território e espaços de sobrevivência. O caso da cozinha industrial é um exemplo de mulheres que buscaram apoio e ressignificam suas práticas para sobreviverem.

Segundo informações do site da BAMIN, a empresa usará o processo de filtragem *Dry Stacking*, que é o empilhamento a seco. Nesse caso, fica evidente a importância da luta e resistência das comunidades locais para que a empresa fizesse uma exploração que não fosse tão danosa para o meio ambiente. De quando começamos nosso interesse por esse objeto de pesquisa algumas coisas mudaram graças a essa atuação das comunidades afetadas pelo

empreendimento da mineração na região. De início, seria uma barragem de rejeitos pelo método a montante, depois seria a construção a jusante e, agora, segundo informações do site da empresa, terá rejeitos de empilhamento a seco. Mas o clima de insegurança da população ainda continua, visto que “o empilhamento a seco tem o pó que acaba estragando os pastos e chegando até as casas” (Rodrigo Ramos, 2024). No momento, a empresa está levando os carregamentos da produção em caminhões até Licínio de Almeida para, através da ferrovia de lá, escoar a produção, até a conclusão das obras da ferrovia.

Não podemos passar por este trabalho sem falar da Ferrovia de Integração Oeste Leste (FIOL) que, apesar de não ser nosso objeto de estudo, está diretamente ligada ao projeto de exploração de minério de ferro da BAMIN, que vai desde a exploração, beneficiamento ao transporte e, conforme informação do site da empresa: “O Trecho 1, conhecido como FIOL I (entre Caetité e Ilhéus), terá 537 km, foi adquirido em um leilão. A BAMIN assinou o contrato de concessão (35 anos) com o Ministério da Infraestrutura (MINFRA) em setembro de 2021” (BAMIN)²⁴. Esse empreendimento é mais uma obra que chegou com o discurso do desenvolvimento e acaba trazendo transtornos para as comunidades locais, como nos afirma um ex-morador de Curral Velho, vizinho de João Barroca.

Figura 9 – Trecho da estrada de ferro (FIOL), de Brejinho a João Barroca



Fonte: Fotografia da autora, 2024.

“Os rumores sobre as obras da FIOL naquela região de Curral Velho começaram há quase 15 anos, por volta de 2010. Mas as obras em si começaram por lá um pouco depois, por volta de 2012. A partir daí, aquela região nunca mais foi a mesma. Há uma faixa de desmatamento de 80 metros de largura, cortando ao meio aquelas comunidades. As estradas que sempre percorríamos, já não são mais as mesmas, agora tem desvios. Os morros que faziam parte da paisagem, agora foram cortados para serem nivelados, locais

²⁴ Disponível em: <https://www.bamin.com.br/nossos-negocios/> Acesso em: 9 abr. 2024.

foram aterrados ou foram construídas pontes. Pessoas que moravam em suas casas, tiveram que mudarem de local, mesmo que indenizadas, ainda há um impacto. Há todo um conjunto de situações afetadas, há a parte ambiental, pois as obras promovem uma destruição grande. Há um impacto social enorme também, onde muda totalmente a vida das pessoas. Quando ainda morava em Curral Velho, minha casa era próxima das obras, então tinha grande poluição sonora, muita poeira e havia também muito lixo, pois minha casa era próxima a construção de uma ponte, e a concentração de trabalhadores era grande, havia muito lixo jogado próximo.”²⁵

Podemos observar que essas fontes, a fotografia de um trecho da FIOLE e logo abaixo a fala de um ex-morador, corroboram com o que afirmamos anteriormente sobre a transformação da vida dessas pessoas, que tiveram que sair ou quando possível se adaptarem ao caos provocado pelas obras. No caso acima, ele já tinha saído, mas seu avô continuou lá e, como as obras passaram pela casa dele, houve uma indenização por conta de sua construção e foi construída outra casa mais afastada da estrada, mas ainda próxima ao local, haja vista que ali é seu terreno. Ele nos conta com muito saudosismo sobre as reuniões de Natal, São João e Páscoa que aconteciam no antigo casarão de seu avô e que hoje, sem nenhum vestígio, ficaram apenas as memórias.

Em reunião realizada em 2022, registrada na Figura 10, “a comunidade denuncia o avanço da mineração sobre as nascentes, e luta por regularização fundiária, infraestrutura e valorização da agricultura familiar”²⁶. Percebe-se que, apesar de a mineradora afirmar que há um compromisso com uma atuação responsável e fornecimento sustentável de minério de ferro, a denúncia da comunidade aponta que a população fica à deriva dos interesses e do poder do capital. Os moradores denunciaram na referida reunião, segundo artigo da CPT Bahia, os desmandos e abuso de poder da empresa e a situação de vulnerabilidade em que se encontra a população, como citado abaixo:

A comunidade também denuncia a apropriação indevida de um território tradicional, inclusive área que contém 27 nascentes que abastecem mais de 300 famílias diretamente e outras centenas indiretamente. Nos últimos anos a comunidade foi, inclusive, proibida de usar um poço artesiano essencial para a sobrevivência da população. Diante disso, foi encaminhada ainda reunião entre o Prefeitura, INEMA, CDA, SEPROMI, Ministério Público e Bahia Mineração para debater sobre as questões ambientais que afetam a região e a comunidade, como proteção das nascentes do Riacho Pedra de Ferro, única fonte de água da região, visto que a BAMIN insiste em implantar a barragem de rejeitos de minério, mesmo sabendo de todos os riscos que isso apresenta para a população. (CPT Bahia, 2022).

²⁵ João Matos, 25 anos. Entrevista concedida em: 3 mar. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://cptba.org.br/populacao-de-joao-barroca-e-araticum-apresenta-reivindicacoes-em-reuniao-com-a-prefeitura-de-caetite/>. Acesso: 9 abr. 2024.

Figura 10 – Reunião representantes da população de João Barroca e Araticum com a prefeitura de Caetitê (fevereiro de 2022)



Fonte: <https://cptba.org.br/populacao-de-joao-barroca-e-araticum-apresenta-reivindicacoes-em-reuniao-com-a-prefeitura-de-caetite/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Além disso, foi reconhecida, desde 2017, a existência das comunidades tradicionais de fundo e fecho de pasto na região, onde outrora em liberdade se fazia uso da criação extensiva de animais nas áreas comuns que hoje estão ameaçadas pelo avanço da mineração em locais onde o bioma tem um valor imensurável para a sobrevivência da população local, destacando a importância da preservação das nascentes. A participação, nesse processo, da CDA²⁷ (Coordenadoria do Desenvolvimento Agrário) e da SEPRMI (Secretaria da Promoção da Igualdade Racial) foi importante, pois são órgãos que têm assessoria jurídica e conseguiram comprovar que na comunidade havia mata, que era área de APP²⁸, segundo nos informou o Sr. Rodrigo Ramos: “*Depois do processo na justiça, no ano de 2022, o juiz deu ganho de causa recomendando que a Bamin não mexer na área*” (2024). No entanto, ele se queixa que precisaria de uma pressão do governo do Estado para impedir o avanço da exploração, mas eles “*sempre favorecem as empresas, se a gente tivesse o poder público do lado nosso era bem mais*

²⁷ Hoje se tornou SDA – Secretaria do Desenvolvimento Agrário.

²⁸ Área de Preservação Permanente (APP) – Conforme definição da Lei n. 12.651/2012, Área de Preservação Permanente é uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>. Acesso em: 2 mai. 2024.

fácil. Na verdade, as secretarias e o poder público é sempre do lado deles. A corda hoje sempre quebra do lado mais fraco” (Rodrigo Ramos, 2024).

O Riacho Pedra de Ferro é responsável pelo abastecimento de mais de 3 mil famílias nos municípios de Caetité, Pindaí e Licínio de Almeida. Além disso, o Riacho se manteve perene nos últimos 10 anos, mesmo no período de seca. Por estar localizado no semiárido e inserido no Polígono das Secas, evidencia-se a necessidade de preservação dessa fonte hídrica. (Rodrigues; Silva; Nunes, 2017, p. 9).

Figura 11 – Nascente do Riacho Pedra de Ferro



Fonte: Fotografia de Rodrigo Ramos, 2018.

Dando sequência à narrativa de Rodrigo Ramos, podemos entender melhor como se deu a ação da BAMIN:

“Eles adquiriram áreas por perto e foram lá e possaram das outras. Você sabe né que gerais não tem documento e eles cercaram e colocaram placa :proibido caçar, pescar e entrada de pessoas. Pode dizer que eles grillhou os gerais. Não deixou nem a gente entrar [...] a gente tinha barragem lá dentro, poço artesiano, lá perto da mata eles entraram lá e não deixaram nem a gente

ver. Alegaram que não tinha área de APP, que tinha só duas casas, tiraram foto de duas árvores mais secas e conseguiram a licença deles.”²⁹

Figura 12 – Área de APP



Fonte: Fotografia de Rodrigo Ramos, 2018.

A comunidade João Barroca, através da Associação de Moradores, reivindica o acesso à água que fora prejudicado com as atividades da empresa, como nos conta, em entrevista, o nosso colaborador da comunidade:

“Em 1988 a gente fez uma barragem muito pequena lá na pedra de ferro, onde é a Bahia Mineração hoje e vinha água abastecida por gravidade aqui em João Barroca. Aí por volta de 2002 eles perfuraram uns poços artesiano pra fazer pressão, aí quando chegou uma base de 2005, a água da barragem secou. E aí a gente tinha um poço artesiano que vinha aberto pela prefeitura e a água era bombeada pelo motor a diesel. Aí [...] em 2012, nós conversou aí com a prefeitura e a empresa (Bamin) e fizemos um acordo dela abrir um poço e instalar para comunidade e aí essa água vem do poço artesiano do rio da Cachoeira com um sistema de energia elétrica.”³⁰

²⁹ Rodrigo Ramos, 53 anos. Entrevista concedida em: 1 mai. 2024.

³⁰ Idem.

Figura 13 – Sistema de abastecimento de João Barroca



Fonte: Fotografia de Rodrigo Ramos, 2018.

A fotografia acima mostra o reservatório de água que abastece a comunidade João Barroca. A comunidade Cachoeira resistiu e continuou usando o poço artesiano que está dentro da propriedade que hoje é da BAMIN. Quanto ao poço da comunidade João Barroca, mesmo com a resistência da população, houve interferência política local, na época, e eles construíram reservatório puxando água da comunidade Cachoeira. “*Nós não aceitou, mas eles tinha feito essa troca [...] a gente precisando da água, o que eles fez a gente aceitou*” (Rodrigo Ramos, 2024). A nossa preocupação inicial ainda está presente entre os moradores, como certificamos na fala de outro entrevistado da comunidade. As ações da BAMIN na região podem colocar em risco, além dos bens materiais, os bens histórico-culturais.

Já é de conhecimento geral que a nossa comunidade está em constantes conflitos seja com a mineradora, seja pela água, seja pela própria terra. E aí a gente não sabe as perspectivas de futuro como vai ser, se vai se manter essas tradições e se essa comunidade vai continuar se seguindo da maneira que tá.³¹

Depois do período interrompido pela pandemia, retornamos e observamos espaços delicados para tocar na questão. Lembramos da fala do membro do Conselho de Ética e Pesquisa da UNEB: “*esse povo tem poder*”. Esse poder pode ser demonstrado num emprego arranjado para alguns membros da comunidade, para alguns apoios às demandas de outros. Tudo isso talvez possa prejudicar, e compreendemos isso, a luta contra a exploração da mineração no lugar: “*nós não brigamos com a mineradora, estamos dialogando para conseguir nossos direitos*” (Rodrigo Ramos, 53 anos, 2024). Ele nos conta como o período da pandemia acabou favorecendo a empresa e também como está a produção hoje.

³¹ Naldo Pires, 25 anos. Entrevista concedida em: 15 jan. 2024.

“A peça fundamental que eles tiveram foi a pandemia, porque naquela época não tinha as audiências, fechou tudo né? Mas só que eles ficou trabalhando, [...] eles aproveitou que os órgãos de justiça estava fechado e eles [...] desmatando e fazendo o que eles queriam, mas só que o produto agora barateou e exportar de caçamba ficava caro, ai dispensaram o povo e deu uma parada agora. Disse que vai esperar a ferrovia terminar para acelerar o minério.”³²

Caetité, Pindaí, Malhada, Licínio de Almeida são os principais municípios que compõem a área afetada pelo projeto Mina Pedra de Ferro da empresa BAMIN (Bahia Mineração). A resistência da população fez a empresa rever o seu projeto inicial e apresentar outra proposta de barragem. Já o site da prefeitura relata a visita de seus representantes à mina da BAMIN em 2021 com muitas expectativas positivas:

Atualmente, a Mina Pedra de Ferro produz dois milhões de toneladas de minério por ano e terá a sua capacidade de produção de minério ampliada com importantes ações realizadas pelo Governo do Estado na região de Caetité. As obras como a construção do Porto Sul, em Ilhéus, podem fazer com que essa capacidade aumente para até 18 milhões de toneladas por ano. Com isso, além de gerar mais emprego e renda para os caetiteense, resultará em mais investimento e arrecadação para o Município, que impulsionará a construção de um novo tempo em Caetité. (Caetité, 2024).

O poder público não leva em conta o prejuízo na produção agrícola e a diminuição do território, que é um patrimônio para os moradores daquelas comunidades. A mineração no Brasil, assim como em nossa região, não é um empreendimento de utilidade pública, ela serve ao capital neoliberal e causa danos de diversas ordens às populações locais, ao ambiente, havendo a necessidade de um vigiar constante para que vidas de todas as espécies sejam preservadas. Realidade percebida claramente pelas populações atingidas, como relatou Rodrigo Ramos anteriormente. O trabalho com a Educação Patrimonial e História Local desenvolvido na escola pode contribuir nessa luta e ajudar na preservação de memórias, reconstrução e valorização de identidades.

³² Rodrigo Ramos, 53 anos. Entrevista concedida em: 1 mai. 2024.

3 PRÁTICAS DOCENTES E O PAPEL DA ESCOLA NO ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

*“Mas na profissão, além de amar, tem de saber.
E o saber leva tempo para crescer.”*

Rubem Alves

Li a frase usada na epígrafe, pela primeira vez, em uma homenagem feita ao dia dos professores em uma das escolas em que trabalho. Ela me encantou à primeira vista e de lá para cá sempre reflito sobre a sua profundidade e o despertar necessário para nós educadores. Assim como o nosso papel de educador, quais caminhos temos trilhado, os que ainda não percorremos e quais precisamos trilhar para que os saberes que chegam à escola, e inclusive o nosso, possam crescer e transformar-se, bem como as condições reais que temos para tanto.

A unidade de ensino, denominada Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro foi construída em 2006, ano da morte do ex-vereador, Sr. Clemente F. de Castro, que era filho e morador do distrito de Brejinho das Ametistas. Assim, no ano de 2007, a escola foi inaugurada recebendo seu nome em homenagem à memória e à história desta personagem tão importante para Brejinho das Ametistas. Neste ano, os estudantes e professores que estavam lotados na Escola de 1º Grau Joaquim de Brito Gondim foram transferidos para a recém-inaugurada escola, e o antigo espaço, pertencente ao Estado, passou a acolher as turmas de Ensino Fundamental I durante o dia e a extensão do CIEC, na época Tereza Borges de Cerqueira, com o Ensino Médio. A Unidade Escolar localiza-se na Rua da Ladeira, S/N, em Brejinho das Ametistas, distrito de Caetité/BA, distante 26 km da sede deste município (PPP, 2018. p. 7). A escola Clemente Ferreira de Castro oferece aos seus estudantes a etapa da Educação Básica: o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e a modalidade EJA (Educação de Jovens, Adultos e Idosos). Conta com um total de 11 professores, entre efetivos e contratados. Entre os discentes, são 155 alunos matriculados. Possui 4 salas de aula, uma biblioteca, um amplo espaço externo murado, com a quadra de esportes fora dos muros da escola.

Neste capítulo, discutiremos a relação da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro (Brejinho das Ametistas) com propostas didáticas direcionadas para a produção de atividades com a história local e a educação patrimonial. Para tanto, foram

respondidos questionários pelo *Google Forms* pelos professores e pela diretora desta unidade de ensino. Além disso, desenvolvemos algumas oficinas com os estudantes colaboradores de nossa pesquisa e questionário respondidos pelo *Google Forms*, assim como procuramos articular os resultados da pesquisa qualitativa com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e com o campo de pesquisa da Educação Histórica, apresentando 4 propostas de aula/oficina que serão detalhadas mais adiante. Fizemos, ainda, um breve histórico do percurso da construção do produto educacional.

Dialogaremos com a Competência 3 – Repertório Cultural da Base Comum Curricular (BNCC), que pretende “valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2005, p. 17). Vale, aqui, destacar uma crítica ao documento, na área de História, visto que ele faz apenas uma atualização nos termos/nomes, como “objetos de conhecimento” no lugar de conteúdos, mas continua com uma proposta de história linear que aborda os fatos de maneira cronológica. E, ainda, na parte das competências gerais, não contempla a educação ambiental, tema tão urgente e necessário no cenário atual e responsável por fortalecer o sentimento de pertencimento. As discussões para a implantação da BNCC em nosso município se iniciaram com a elaboração do Referencial Curricular de Caetité que ficou pronto em 2020, baseado também no Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB). No Currículo Caetité foi inserido, entre outros temas, o estudo da História Local.

3.1 Dialogando com os nossos colaboradores

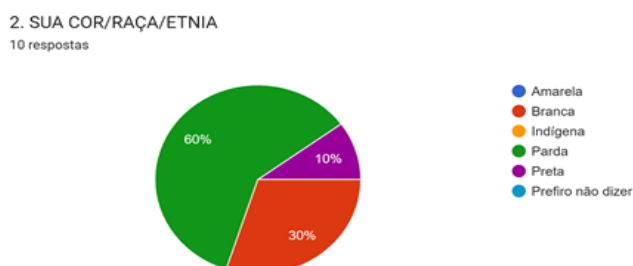
A construção do perfil de nossos colaboradores se deu a partir das respostas ao questionário no *Google Forms*, enviado através de link para 12 estudantes e 11 docentes. Tivemos a colaboração de 10 estudantes, no questionário, e 11 docentes.

Ressaltamos que a participação dos docentes da unidade de ensino ora em discussão foi de fundamental importância em nossa pesquisa visto que acreditamos que o esforço coletivo voltado para o trabalho com educação patrimonial e história oral dentro da escola fortalece o processo de aprendizagem e a construção das identidades. Foi significativo, também, saber o posicionamento desses sujeitos acerca dos temas abordados na pesquisa. Assim, os 11 professores que estão atuando na escola colaboraram conosco através de um questionário online aplicado através do *Google Forms*.

Quanto ao perfil dos docentes, 100% são concursados, 54,5% com apenas a graduação, 36,4% têm especialização e 9,1 % com mestrado, contemplando as áreas de todos os componentes curriculares. Quanto ao pertencimento étnico-racial, foram usadas as mesmas categorias do IBGE, acrescentando o item “prefiro não dizer”: 54,5% se identificam como brancos, 27,3 % como pardos e 18,2 % como pretos. Na variável identidade de gênero, 72,7% se identificam como sendo do sexo feminino e 27,3% do sexo masculino. Quanto à idade, 27,3% têm entre 45 e 50 anos, e 18,2% seguem para as demais idades (35-40,40-45,50-55 e acima de 55 anos). 54,5 % possuem a carga horária semanal de 40 horas aula e 45,5% têm 20 horas semanais. 81,8% trabalham apenas em uma escola enquanto e 18,2% trabalham em mais de uma escola. Algo que se destaca é o período de atuação na unidade de ensino, no qual 90,9% dos docentes atuam há mais de 10 anos na unidade.

No total, 12 estudantes participaram de nossa pesquisa, sendo que 2 deles não responderam ao questionário, mas autorizaram o uso de imagem e da voz, uma vez que já eram maiores de idade. No início, eram nove estudantes moradores da comunidade. Ao final da pesquisa, mais 4 estudantes foram convidadas a participar. Desses, uma só entrou no grupo de *whatsapp*, mas não participou de nenhuma atividade. As outras três participaram de algumas atividades, como as *lives*, registros fotográficos e filmicos, responderam ao questionário, mas, por serem menores de idade, não puderam participar do videodocumentário por recomendações do conselho de ética, ainda que tenham demonstrado interesse e autorização dos responsáveis.

Gráfico 1 – Declaração/Autoidentificação de cor – Estudantes



Fonte: Questionário online no *Google Forms*. Alunos colaboradores, 2023.

Dez estudantes responderam ao questionário online, no *Google Forms*. Em relação à autoidentificação e 60% dos alunos se autodeclararam pardos, 10% pretos e 30% se declararam brancos. Três alunos tinham abaixo de 18 anos e sete alunos tinham

acima de 18 anos. 100% dos participantes se declararam solteiros. 5 moram na comunidade João Barroca, 3 moram em Caetité, uma em Morrinhos (distrito de Guanambi) e um mora em Guanambi. Todos gostaram da experiência de participar da pesquisa, destacando a interação com as pessoas e ampliação dos conhecimentos da história da comunidade. O sentimento de pertencimento é destacado na fala de Ana Soares (2024, dados do questionário): *“Gostei do projeto, aprendi bastante sobre minha comunidade e o quão ela é importante para mim e para as pessoas que vivem nela”*.

Salientamos que só conseguimos desenvolver uma atividade em diálogo com outro componente curricular com a professora de Língua Portuguesa, deixando nossa pesquisa um pouco mais limitada do que foi pensado no projeto inicial (várias foram as circunstâncias que levaram a isso), mas tentamos evitar que a perspectiva de uma única área do conhecimento limitasse o nosso trabalho. Algumas estratégias já planejadas anteriormente contribuíram para dirimir nossas dificuldades. Já no questionário, houve a participação de todos os professores da Unidade de Ensino, onde responderam questões voltadas para as seguintes categorias: aula de campo, visitas às comunidades rurais onde os alunos residem, educação patrimonial, contribuição no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, preservação ambiental e a relevância de um videodocumentário sobre uma das comunidades rurais em que os alunos residem.

No decorrer da pesquisa, entramos em contato com algumas leituras que nos fizeram refletir sobre a questão dos conceitos e da diversidade temática que estão presentes na pesquisa em educação, ainda que saibamos que devemos eleger e priorizar, às vezes não conseguimos realizar tal atividade satisfatoriamente. Como o mestrado profissional tem a proposta de pesquisa para construção da dissertação e do produto, acreditamos que nossa preocupação não deva ser apenas a de responder a um problema imediato, mas também que nossa pesquisa possa ter utilidade social, isto é, a proposição de uma busca permanente e constante de resolução de problemas que, sabemos, continuarão aí após os nossos estudos. O processo da pesquisa é fundamental para alcançarmos elementos que contribuam nessa busca com os nossos pares. O público-alvo desta pesquisa são os estudantes e professores do Ensino Fundamental II e a Comunidade João Barroca que terá parte de sua história contada na dissertação e no videodocumentário.

A princípio, consideramos de suma importância discutirmos o conceito de patrimônio e o papel da escola na sua preservação. A noção de patrimônio do período modernista, indicado como obra de arte, aparece na legislação da década de 1937, que

segue na mesma linha através do Decreto-Lei n. 25/1937, que “Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”: “Essa legislação deu ênfase aos chamados monumentos de “pedra e cal”, em detrimento de outros bens culturais significativos” (Castro et al., 2010). A partir de avanços teóricos metodológicos nas ciências sociais, a expressão “Patrimônio Histórico e Artístico” foi substituída por “Patrimônio Cultural”. Mudava-se, assim, não apenas uma terminologia, mas uma série de elementos passa a incorporar a ideia de patrimônio, efetivando-se em lei com a Constituição de 1988.

O que é considerado Patrimônio Cultural no Brasil hoje? De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Brasil, 1988, p. 126).

Desta forma, a partir da Constituição Federal de 1988, a concepção de patrimônio amplia-se de forma a valorizar alguns conhecimentos, experiências e espaços que antes não eram reconhecidos como patrimônio, como, por exemplo, elementos relacionados ao meio ambiente. Isso nos leva a ter uma responsabilidade maior quando formos tratar pedagogicamente das diversas subdivisões de patrimônio no sentido de ampliar a discussão em relação a nosso objeto de estudo, que tem o seu patrimônio ambiental colocado em risco pelo empreendimento da Bahia Mineração (BAMIN), como afirmado pelos moradores anteriormente.

O trabalho com educação patrimonial nas escolas é fundamental para a familiarização do estudante com o patrimônio que o cerca e, conseqüentemente, a sua necessária preservação. O Guia Básico de Educação Patrimonial aborda sobre essa questão:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo [...]. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da

autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4).

Em conformidade com a citação acima, Eliana Rolim pontua que:

[...] a preservação do patrimônio histórico não deve servir apenas para como musealização do passado, mas sim cumprir seu papel de formador de uma identidade social que leve a um efetivo exercício de cidadania, permitindo à comunidade e aos indivíduos que a integram compreender e questionar o contexto em que estão inseridos e se situam na contemporaneidade. (2013, p. 11).

Nesse sentido, devemos trabalhar esse tema para além da exaltação do patrimônio edificado de uma elite, buscando ressaltar os saberes históricos que o patrimônio pode nos ajudar a construir junto aos nossos estudantes e comunidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), através da habilidade EF03HI04, propõe “Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados”. Para que o conhecimento histórico faça sentido para os estudantes, é preciso que ele seja inserido na vida prática e não algo distanciado da realidade social, “fortalecendo os vínculos da comunidade com o seu patrimônio cultural [...], que dialoga com a História a partir das referências culturais locais para compreender e refletir acerca de processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes” (Viana, 2016, p. 49).

Sobre essa categoria, foi perguntado aos professores qual é o papel da escola no trabalho com a educação patrimonial. Os professores colocaram a escola como espaço de grande responsabilidade na discussão e na promoção de “*metodologias e parcerias (universidades, empresas) para pôr em prática o que sugere o desenvolvimento da habilidade EF03HI04 da Base Nacional Comum Curricular*” (Lara Damaceno, 2023, dados do questionário). A professora Ester ressalta que é importante “*incentivar os alunos a buscarem as memórias do patrimônio e de todo o seu entorno. Patrimônio imaterial (memória dos garimpeiros)*” (Ester Figueiredo, 2023, dados do questionário). No entanto, na fala de outra professora, percebe-se o pouco entendimento da importância da temática, visto que respondeu “*que eu saiba, nenhuma*” (Beatriz Gomes, 2023, dados do questionário), para a responsabilidade da escola em tratar da educação patrimonial, apesar da habilidade da BNCC ter sido destacada na pergunta. E ainda respondeu que não tinha conhecimento se a educação patrimonial está presente no PPP da escola.

Percebe-se, na resposta dessa professora, pouco entendimento do tema educação patrimonial e sua importância na construção das identidades dos grupos. É necessário entendermos que as diversas áreas de estudos trabalhando, de maneira interdisciplinar, a temática do patrimônio, torna o conhecimento acerca desse e de outros conceitos mais dinâmico e completo. Vilma de Lourdes Barbosa (2006) fala da necessidade da oferta de formação continuada aos professores para a implementação efetiva de novas concepções de aprendizagem que abordem a história local e educação patrimonial.

François Hartog ressalta que o patrimônio é um recurso para tempos de crise e o que distingue o crescimento patrimonial dos seus antecedentes é, entre outras coisas, o seu caráter presentista: “é preciso fazer rápido antes que seja muito tarde, antes que a noite caia e o hoje tenha desaparecido completamente” (2006, p. 272). A noção de preservação do patrimônio está presente nessa fala, com um tom discursivo que chama a atenção para o aspecto da vigilância.

No exame da trajetória do patrimônio, há um componente do qual nós não ainda conhecemos todo o alcance: a patrimonialização do meio ambiente. A UNESCO forneceu um bom começo, pois ela é ao mesmo tempo uma possante caixa de ressonância e um vasto laboratório mundial onde se elabora uma doutrina e se proclama os seus princípios. Em 1972, a Conferência geral adotou a “Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural”. O texto parece não deixar nada fora de sua perspectiva: o patrimônio mundial, ele é cultural e natural. Por que uma Convenção internacional? Porque, o preâmbulo parte desta constatação, o patrimônio universal é cada vez mais ameaçado de destruição “não somente pelas causas tradicionais de degradação, mas ainda pela evolução da vida social e econômica que os agrava por fenômenos de alteração ou de destruição ainda mais temíveis”. Estas considerações conduzem também à introdução de uma noção nova: a de proteção, que incumbe a toda a coletividade internacional. (Hartog, 2006, p. 271).

Para François Hartog, a patrimonialização do meio ambiente “abre novas interações entre o presente e o futuro”, pois esse futuro se apresenta como uma ameaça e que devemos nos sentir responsáveis por tal. O desastre ambiental em Brumadinho que ocorreu em 2019³³ despertou mais medo nos moradores da comunidade de João Barroca e outras comunidades vizinhas, ao mesmo tempo em que os estimulou a lutarem

³³ Desastre ocorrido em Brumadinho em janeiro de 2019, onde a barragem 1 da Mina do Córrego do Feijão, da mineradora Vale, rompeu-se, desencadeando uma avalanche de lama, a qual destruiu a comunidade próxima e as construções da própria Vale. O terrível mar de lama não causou apenas prejuízos financeiros, sendo responsável também pela morte de mais de 270 de pessoas. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/desastre-ambiental-brumadinho.htm>. Acesso em: 20 jul. 2023

para que a barragem de rejeito fosse feita com mais segurança ou não fosse construída no local planejado pela empresa. Afinal, o empreendimento da mineração pode colocar em risco o patrimônio histórico-cultural e ambiental da comunidade em estudo e de outras vizinhas.

Os professores concordam que tratar da questão ambiental na escola pode contribuir para o desenvolvimento da consciência ambiental de nossos alunos, ajudando-os a preservar o lugar onde vivem:

“Promover a reflexão sobre a preservação ambiental, em sala de aula e/ou fora dela, é extremamente necessário. Ainda mais nesses tempos caóticos de descrença e desrespeito às causas voltadas para a preservação da natureza, que estamos vivendo. Levar o aluno a conhecer e compreender a importância de valorizar o próprio meio, partindo da ideia de cuidar do que está ao seu redor, e refletir sobre o quanto essa atitude é importante para ele, para a comunidade e para o planeta é um bom começo. A partir dessa iniciativa, pode-se desenvolver atividades que trabalhem a importância da preservação da fauna, da flora e dos mananciais da região. Começar pelo que o aluno conhece, tem contato direto, é fundamental para que ele desenvolva em si a vontade de cuidar do todo: a natureza, o planeta.” (Graziela Santos, 2023, dados do questionário).

Corroborando com o que foi dito pela professora acima, Selva Guimarães Fonseca afirma que a educação histórica acontece em diversos espaços, além da escola:

O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas. (2006, p. 3).

E, para fortalecer o trabalho com a memória e história das comunidades rurais onde nossos estudantes vivem, os professores pontuam que seria importante a escola fazer projetos que envolvam as histórias das famílias deles e de seus antepassados: *“Deve-se realizar atividades envolvendo a participação ativa da comunidade como festas locais, culinárias, feiras, oficinas, encontros nas associações, igrejas”* (Ivana de Matos, 2023, dados do questionário). Foi apontada, ainda, a importância do registro para a posteridade e para incentivo ao trabalho com memória e história local: *“Fazendo visitas, levando projetos, conhecendo melhor cada comunidade, suas riquezas, sua história poderemos colher muitos dados para ficar arquivados em vídeos, fotos, documentários etc., servindo assim de incentivo para todos”* (Janaína Cruz, 2023, dados do questionário).

O nosso entendimento de História Local se baseia na contribuição de Erinaldo Cavalcanti, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Ele discute a dificuldade, entre os pesquisadores, em dimensionar o que vem a ser o “local”, delimitar as fronteiras entre o local, o regional, o nacional e o global. Para ele, no entanto, uma das leituras possíveis diz respeito à valorização da experiência cotidiana, o que pressupõe a redução da escala de observação.

[...] o “local” é, por excelência, o espaço de experiências da vida cotidiana de homens e mulheres, e, por conseguinte, o lugar de atuação de diferentes sujeitos, esse se torna, portanto, um espaço privilegiado para problematizar as relações homem/espaço [...]. Por essa leitura interpretativa, o local como campo de microrrelações entre homens/homens e homens/espaço, o conceito de redução de escala de observação, proposto pela micro-história, pode se apresentar como uma ferramenta metodológica viável ao seu estudo. (2018, p. 280).

O Manual Operacional de Educação Integral prevê que sejam desenvolvidos “Processos pedagógicos que favoreçam a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades, competências e atitudes voltadas para a sustentabilidade sócio ambiental” (Brasil, 2014, p. 14). Coadunando com esse pensamento, ressaltamos a estreita relação entre educação patrimonial e educação ambiental, principalmente no que tange à preservação. O Brasil recente viveu uma realidade de intensificação da falta de responsabilidade, de compromisso com a memória e com o patrimônio seja ele cultural ou ambiental (algo histórico que se agravou muito nos últimos anos). Exemplos disso são os recorrentes desastres ambientais (nos quais Brumadinho se insere), documentos perdidos em incêndios previstos e assassinatos de líderes ambientais que tiveram suas vidas ligadas à luta por grupos invisibilizados em nossa história, como foi o caso do recente assassinato do jornalista britânico Dom Philips e do indigenista Bruno Pereira na Amazônia³⁴.

Retomando a importante fala da professora Graziela Santos (2023) sobre a educação ambiental, além de refletirmos sobre os problemas ambientais em nosso país de

³⁴ Em 5 de junho de 2022, o indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados durante uma viagem pelo Vale do Javari, segunda maior terra indígena do Brasil, no extremo-oeste do Amazonas. Bruno Pereira nasceu na cidade de Recife, em Pernambuco, no dia 15 de agosto de 1980. Foi um indigenista e servidor de carreira da Funai, tendo sido considerado um dos maiores especialistas em indígenas isolados ou de recente contato do país. Dom Phillips nasceu no condado de Merseyside em 23 de julho de 1964. Foi um jornalista que colaborou com os jornais Financial Times, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. Ele se mudou para o Brasil em 2007 e morava em Salvador. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_Bruno_Pereira_e_Dom_Phillips. Acesso em: 11 jan. 2023.

uma forma mais geral, devemos, também, levar os alunos a conhecerem e a cuidarem do próprio meio entendendo a importância para ele, para outras pessoas e para o local em que vive.

Foi perguntado aos professores/as se já haviam participado de alguma aula de campo com seus alunos e a grande maioria disse que sim, e foram elencados alguns objetivos para a atividade, tais como: visitar o garimpo Paraguai para conhecer a extração de pedras e também observar o desperdício de água com essa atividade; conhecer o cemitério antigo; conhecer o sítio arqueológico; ensinar cálculo de áreas; entre outros. De acordo com Selva Guimarães Fonseca (2006), apesar de, desde as últimas décadas do século XX, estarmos vivendo um movimento de repensar a história, as metodologias e a prática de ensino, no que diz respeito à história local e às relações com o global, ainda carregam muitos problemas. Importante refletir sobre a história local para a construção da identidade que é plural nas palavras da autora. Então é muito importante que possamos inserir os alunos nas discussões acerca da realidade e problemáticas existentes no lugar em que eles vivem. A Base Nacional Comum Curricular enfatiza que “O ensino de História se justifica na relação do presente com o passado, valorizando o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo, para que ele possa participar ativamente da construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2017, p. 416).

Ainda sobre os contatos com as comunidades de origem dos estudantes, foram feitas algumas visitas por parte da escola às comunidades rurais onde os estudantes residem, no intuito de captação de público (principalmente estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA), conhecer o trajeto que eles faziam de casa até a escola (atividade mais direcionada pela direção da escola) e conhecer a história da comunidade e produzir crônicas sobre o lugar onde vive. Essas atividades foram pontuais, e poucas comunidades foram contempladas, sendo importante para que os professores e outros estudantes pudessem conhecer o lugar onde seus colegas viviam e trocar experiências diversas. Mais da metade dos professores disseram nunca terem participado dessas atividades, outros participaram quando estavam na direção.

Foram apontadas pelos professores algumas dificuldades para a materialização de tais atividades: a questão de trabalhar no noturno, visto que as visitas, quando acontecem, ocorrem no período diurno, e a demanda burocrática com transporte acaba dificultando essas atividades. Ainda assim, a grande maioria apontou planos de visitar às comunidades rurais e o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas para essas visitas. Algo importante que foi levantado, e que nos chamou atenção, foram as restrições

impostas pelo período da pandemia que, mesmo se quiséssemos, não poderíamos fazer esse tipo de atividade e, também, com o retorno, houve a necessidade termos mais cautela com lotação de transporte, visita em casa de pessoas idosas, entre outros cuidados que fizeram o planejamento desse tipo de atividade demorar para ser retomado. Por parte da gestão, de acordo com Deisiane Brito (2023), “a gestora realizou visitas por vinte vezes em cada comunidade que os estudantes residem, entregando atividades assíncronas no período da pandemia” (2023, dados do questionário), por ocasião dos protocolos sanitários e da impossibilidade de aulas presenciais. Passando o período pandêmico, voltamos à normalidade, inclusive nas dificuldades burocráticas para agendar aula de campo que precisasse de transporte.

Todas as propostas de atividades pedagógicas devem estar previstas no plano de ação do PPP para que facilite a execução durante o ano letivo e que a prática possa ser respaldada por um planejamento. Faz parte da filosofia da unidade escolar Clemente Ferreira de Castro, como consta em seu Projeto Político Pedagógico – PPP, “a busca do desenvolvimento integral dos estudantes, tendo-os como sujeitos capazes de transformar o ambiente em que vivem” (SMEC, 2018). Dessa forma, promover a discussão sobre o patrimônio cultural e ambiental, bem como sobre o trabalho com a história local ajuda os estudantes na transformação de uma consciência e na necessidade de apropriação da história de sua comunidade, na preservação da memória cultural e ambiental e também na luta pela transformação das condições sociais em que vivem.

A cada início de ano se faz necessária a revisão do Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar para alinhar as necessidades e planejamentos às necessidades do público que se matriculou para o ano letivo em questão, bem como algumas demandas externas que interferem no planejamento pedagógico. Os docentes, com a mediação da coordenação e direção, em planejamento do ano letivo, sugerem coletivamente as mudanças ou inclusão de propostas pedagógicas ou em outras etapas do documento que sejam necessárias as devidas revisões e atualizações. Foi perguntado aos professores se a Educação Patrimonial está prevista no PPP de sua escola. Sendo que, dos 11 que responderam ao questionário, 9 professores responderam que sim, 1 respondeu que não e 1 afirmou não ter conhecimento. Sobre a sua contribuição na construção e/ou revisão do mesmo documento, todos demonstraram participação no coletivo para a construção/revisão do PPP, sendo que alguns deram mais detalhes como: “*discussão e participação na construção de metas, ações, do plano de ação do PPP*” (Ivana de Matos, 2023, dados do questionário).

Trabalhar com a história local faz o estudante enxergar-se dentro de uma história mais geral, se sentir parte dessa história. Revisando alguns temas e conceitos importantes no estudo da história, como fontes orais, conceitos como liberalismo, trabalho, capitalismo, bem como discutindo a temática referente à segunda fase da Revolução Industrial e aos materiais mais utilizados nessa fase, e também os impactos ambientais causados pela indústria, fizemos relação no 8º e 9º Anos com um assunto que era a tragédia que tinha acabado de acontecer em Brumadinho (MG), em 25 de janeiro de 2019. Após a discussão dessa temática, alunos da Comunidade de João Barroca falaram sobre a realidade de seu lugar temendo que acontecesse o mesmo com a barragem de rejeitos que a BAMIN iria construir nas proximidades da comunidade. Assim, foi apresentada a eles a proposta de trabalhar com a história da comunidade, buscando a memória dos moradores com o intuito de registrar sua história através de produções textuais, imagéticas e filmicas, a partir das quais teríamos documentos históricos organizados para conhecimento das gerações futuras e para a construção da identidade do grupo a partir do conhecimento sistematizado de sua história e do desenvolvimento do senso crítico da realidade social.

Decidimos submeter o projeto na seleção do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Linguagem e Sociedade (PPGELS) de 2019, para cursar a partir de 2020. O título do projeto inicial era: *Antes que a lama nos apague: história local e preservação da memória dos moradores da comunidade de João Barroca*. Uma vez aprovado, iniciáramos os trabalhos em março de 2020, mas veio a inesperada e tão fatídica pandemia da Covid-19, que atrasou o início das aulas, trouxe problemas psicológicos e de restrições sociais devido aos protocolos sanitários. Fizemos o que foi possível cumprindo os créditos, fazendo a prova de proficiência e demais exigências do programa. Além disso, aguardamos até a quarta análise do conselho de ética para que tivéssemos a liberação para pesquisa, visto que a nossa temática e produto desejados eram delicados e poderiam colocar em risco a in adequação dos colaboradores.

Após a qualificação e outras sugestões do orientador sobre mudanças dentro dos estudos, houve alteração no título, que passou a ser: *Antes que a lama nos apague: história local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca*. Já no período do trabalho, com as entrevistas, percebemos que esse título poderia causar desconforto para algumas pessoas e, ainda que tenha sido pensado nos diálogos com os alunos, pareceu-nos nesse momento muito forte e acabamos afunilado para *História local, patrimônio e memória da comunidade João Barroca*. Por fim, após a defesa e acatando as sugestões

da banca, ajustamos o título para “*Na minha comunidade não tem nada. É um fim de mundo!*”: *História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca*”. Essa fala sobre as mudanças no título da pesquisa é só para percebermos o quanto a nossa pesquisa precisou de algumas alterações dentro da proposta inicial, fato já esperado no meio acadêmico, mas que nos levou a um período de longa espera e de desânimo durante o processo.

3.2 Questões metodológicas

Ainda no momento de sensibilização, em 2019, fizemos a exibição e análise do filme *Narradores de Javé* (2004), de Eliane Caffé, que nos deu fundamentação para a discussão acerca do trabalho que iríamos desenvolver posteriormente. A produção filmica é fundamental para discussão da importância da história oral e da memória popular dando indícios das características dessa metodologia que foram abordadas nas oficinas feitas posteriormente.

Além desse filme, assistimos e analisamos em 2023, de maneira remota pelo *Google Meet*, o filme *As memórias de Marnie* (2014), uma animação japonesa dirigida por Hiromasa Yonebayashi, que mostra como é importante conhecer nosso passado para a construção da identidade. Trazendo novamente o que diz Michael Pollak (1992), destacado no capítulo I, a pessoa pode ter uma memória de determinado acontecimento, apesar de não ter vivido diretamente e sim pela experiência do grupo, da família, ao que ele chama de “acontecimento vividos por tabela”. Corroborando com o pensamento de Pollak (1992), pudemos entender essa característica da memória na animação: *As memórias de Marnie*. Em nossas discussões sobre o filme, foi pontuado que às vezes lembramos de algum fato parecendo que a gente viveu aquilo de tanto ouvir falar.

Apresentaremos a seguir informações sobre os três momentos em que foram desenvolvidas as oficinas com os estudantes colaboradores aplicadas por essa pesquisadora, contando também com a colaboração de mais pessoas.

A oficina de História Oral colaborou para que os alunos tivessem um entendimento de como deve ser feito o trabalho com investigação através de entrevistas, trabalhando com textos, elaboração de questionários e simulações de entrevistas. Como atividade pedagógica da escola, havíamos feito, anteriormente, uma visita ao Museu Arqueológico da BAMIN, localizado na Mina Pedra de Ferro, na comunidade de João Barroca, para que os alunos pudessem conhecer o trabalho proposto pela empresa, na

tentativa de conservação da memória local, resultado de exigências dos órgãos ambientais. Fomos, também, à comunidade João Barroca para que os alunos pudessem ter uma visão geral e conhecimento prévio da história da comunidade. Essas duas atividades preliminares nos ajudaram com elementos fundamentais nas discussões durante as oficinas e também na preparação dos trabalhos com entrevistas e filmagens. Essa e outras oficinas tinham sido pensadas no formato presencial, mas dadas as circunstâncias já mencionadas acima e, apesar de já ter passado o período pandêmico, ele nos legou a experiência e a possibilidade de desenvolvermos atividades *online*, assim resolvemos aplicá-las nessa modalidade.

Foi desenvolvida a oficina de Produção Textual, sob a orientação da professora de Língua Portuguesa, para a construção de textos na modalidade de poema e/ou conto sobre a história da comunidade, de alguns pontos específicos ou de alguns moradores que se destacam. O material produzido durante a oficina supracitada foi utilizado na produção fílmica, que será detalhada mais adiante. Tínhamos como objetivo, ao término das oficinas, promover um maior conhecimento da história de sua comunidade, ouvindo os mais velhos fortalecer os laços de pertencimento e despertar o senso crítico da realidade vivenciada por eles.

Para Lucília Neves a metodologia da história oral:

É uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva. (1999, p. 112).

Realizamos, ainda, a oficina de Fotografia e Filmagem com a colaboração de Gai Léo, estudante de Comunicação Social e Audiovisual da UNB (Universidade de Brasília) que tinha como objetivo entender as possibilidades e estratégias de utilização do celular em gravação e fotos como recurso viável na produção de videodocumentário. Foram dois momentos de formação e uma atividade prática como tarefa para casa: gravar vídeos curtos, seguindo as orientações dadas na oficina. No segundo momento, houve a exposição dos vídeos gravados e comentários complementares.

Se quisermos promover a autonomia do educando, devemos estimular a sua capacidade inventiva, incentivando a curiosidade, a pesquisa, apontando caminhos para intervir na sociedade. Paulo Freire (2018, p. 39) fala que a reflexão sobre a prática é uma relação dialética na qual, a partir da autoavaliação entre o fazer e o pensar sobre o fazer,

podemos melhorar a nossa prática educativa, ressaltando, assim, a importância da relação teoria/prática. Como pesquisadores e professores, precisamos estar abertos a essa reflexão e mudanças, ainda que isso gere desconforto e muito trabalho.

A ideia de que o conhecimento é transmitido de forma democrática a todos na escola já foi refutada há muito tempo. Segundo Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2011), os estudantes pertencentes às classes sociais mais favorecidas conseguem se sair melhor do que os das classes sociais menos favorecidas, haja vista o nível de capital cultural que já trazem de casa. Assim, os estudantes que tiveram pouco acesso à leitura ou a outros objetos e lugares que poderiam formar seu capital cultural terão mais dificuldades na escola. Segundo os autores,

O sucesso de toda educação escolar e, mais geralmente, de todo TP [Trabalho Pedagógico] secundário depende fundamentalmente da primeira educação que a precedeu, mesmo e sobretudo quando a Escola recusa essa prioridade em sua ideologia e em sua prática fazendo da história escolar uma história sem pré-história: sabe-se que através do conjunto de aprendizagem ligadas à conduta cotidiana da vida e em particular através da aquisição da língua materna ou a manipulação dos termos e das relações de analogia, criam-se disposições lógicas que são dominadas pelo estado prático, disposições essas mais ou menos complexas e mais ou menos elaboradas simbolicamente, segundo os grupos ou as classes, que predis põem inegavelmente para o domínio simbólico das operações implicadas por uma demonstração matemática assim como pela decifração de uma obra de arte. (Bourdieu; Passeron, 2011, p. 65).

A dinâmica apresentada acima, com oficinas e *lives* de formação, exibição e discussão de filmes, contribuiu na ampliação do capital cultural dos alunos através de todo o envolvimento e do protagonismo que as atividades suscitaram. Proporcionou, ainda, o fortalecimento das identidades através do trabalho com a memória das pessoas de sua comunidade. “A relação entre escola e cultura foi incorporada nas políticas educacionais visando três objetivos: o reforço à autoestima dos alunos; o fortalecimento das identidades sociais; e a ampliação dos repertórios culturais” (Napolitano, 2010, p. 73).

Na resposta ao questionário sobre a sua reação quando os professores pediam para fazer algum trabalho sobre a história da comunidade, dois estudantes disseram que sempre gostavam porque tinha bastante coisa para comentar. Mas a maioria respondeu que a reação era sempre negativa, pois “*não tinha o que se mostrar lá*” (Catarina Silva, 2024, dados do questionário), ou “*Eu não via o ‘porque’ de falar sobre a comunidade, não achava que tinha algo interessante para explorar*” (Fábio Santos, 2024, dados do

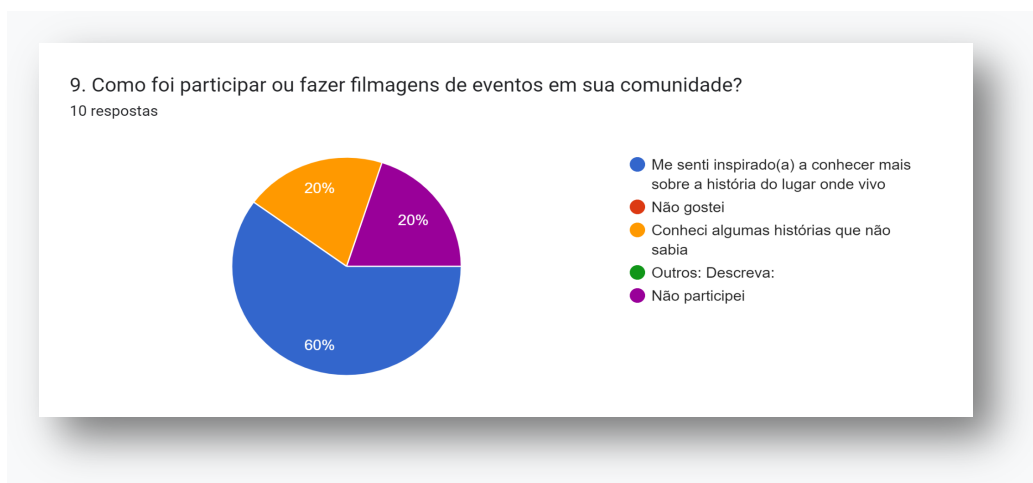
questionário). Todas as falas foram importantes, mas sobretudo a fala de Helena nos chama a atenção para a importância de nossa pesquisa e do produto que pretende fazer os registros da memória e da história de João Barroca. Ela destaca que “*não sabia de muitas coisas, pois a maioria das tradições e costumes que muitos tinham na região acabaram não sendo passados para os mais jovens, então muitas coisas ficavam no oculto*” (Helena da Silva, 2023, dados do questionário). Acreditamos, então, que essa imersão dos jovens estudantes em atividades ligadas à história e à memória da comunidade e também os registros filmicos irão ajudar a preencher uma lacuna nesse sentimento dela e de outros jovens.

Fizemos uma pergunta aos estudantes sobre a contribuição dos filmes *Narradores de Javé* e *As memórias de Marnie* para a formação deles e para ajudá-los no trabalho com história oral e local. As respostas deles foram um tanto vagas. Pensamos em duas justificativas para tal: o filme *Narradores de Javé* ter sido exibido em 2019, quando estávamos gestando a ideia e teria ficado muito distante na memória deles; e o filme *As memórias de Marnie* ter sido exibido na plataforma *Google Meet*. Talvez alguns tenham entrado na sala, mas não assistiram ao filme por completo. Outros haviam justificado, anteriormente, que não poderiam assistir. Outra possibilidade é de a pergunta ter sido elaborada de uma maneira muito ampla, dificultando um pouco a compressão para alguns, ficando assim a pergunta: “Os filmes que você assistiu (*Narradores de Javé* e *As Memórias de Marnie*) contribuíram para sua formação e para lhe ajudar no trabalho com história oral e local? Lembra de alguma parte do filme?” (Dados do questionário). Fábio Santos consegue relatar o que lembra:

“Em narradores de Javé lembro que era um povoado onde as pessoas teriam que deixar o lugar, por causa da construção de uma usina hidrelétrica e assim os moradores pensaram, em escrever sobre o lugar. Na Memórias de Marnie fala sobre, Anna uma jovem que por motivos de saúde vai passar o tempo numa cidade à beira-mar, como os tios se não me engano, é lá vive bons momentos, onde acaba também encontrando uma casa abandonada e conhece uma garota loira que somente ela conseguia ver.” (2023, dados do questionário).

Ana (2023) também se lembra de *Narradores de Javé*: “*Sim. A cena em que eles ‘decidem’ escrever a história*”.

Gráfico 2 – Como foi participar? – Estudantes



Fonte: Questionário online no *Google Forms*. Alunos colaboradores, 2023.

Tanto no questionário *online* como no vídeo os alunos relatam que a experiência em ter participado da pesquisa foi muito boa. Muitos relataram até as atividades desenvolvidas no período de sensibilização em 2019. Os dados do gráfico acima nos mostram que mais da metade das pessoas que responderam ao questionário online se sentiu inspirado em conhecer mais sobre a história do lugar onde vive e 90% disseram ter aumentado o interesse pela história da comunidade como nos mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Interesse pela história da comunidade



Fonte: Questionário online no *Google Forms*. Alunos colaboradores, 2023.

Apesar de esse gráfico ser mais simples e de respostas de múltipla escolha, nas próximas perguntas, eles puderam especificar melhor, bem como falar de suas

preocupações sobre os problemas que a comunidade enfrenta. Sobre a experiência de fazer entrevistas às pessoas mais velhas, Fábio Santos (2023) disse que *“foi algo bem desafiador, pelas palavras que usávamos as vezes eles não entendiam muito bem, mas foi algo novo”*. A partir dessa fala e de outros colaboradores, podemos destacar o elemento *diferença* dentro de nossos estudos, nesse caso a diferença cultural das gerações que, apesar de partilharem algumas coisas em comum, o costume de cada geração leva a algum estranhamento. Isso ocorreu até na maneira de falar, visto que mais de um estudante relata que o entrevistado não entendia muito bem as palavras usadas. Apesar de ter sido trabalhado na oficina de História oral a importância do uso de expressões que se aproximam do entrevistado, já esperávamos que os estudantes, ainda que moradores da mesma comunidade, tivessem o seu repertório próprio de palavras e às vezes, quando a entrevista era através das perguntas elaboradas e ainda não tinha caminhado para respostas livres, isso poderia acontecer. Podemos retomar a citação de Tomaz Tadeu da Silva (2014) feita no capítulo 1: *“como se configuraria uma pedagogia em um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença [...] uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las?”* (2014, p. 73-74).

Já Isabela Santos (2023) nos relata que *“foi muito bom, é uma honra poder observar o amor deles falando do lugar onde se vive”*. A fala de Isabela Santos mostrada acima, e a de Fábio Santos dita posteriormente em sua participação no documentário, de que *“Conhecer mais sobre o lugar onde passei toda a minha infância foi maravilhoso”* (2024), nos leva para a questão da identidade: jovens que tiveram a oportunidade de estudar em outra cidade, viveram algumas experiências diferentes do que estavam acostumados na comunidade demonstram em suas falas uma relação de pertencimento. Em resgate ao pensamento de Stuart Hall (2001) utilizado no capítulo 1, no qual que ele identifica um movimento de fortalecimento das identidades locais, regionais e comunitárias havendo uma nova articulação entre o “global” e “local”, como afirmamos, o autor coloca como uma das possíveis consequências da globalização o fortalecimento das identidades locais ou o surgimento de novas identidades.

Ainda no questionário, foi perguntado aos estudantes se a participação deles na pesquisa fez refletir sobre os problemas que a comunidade enfrenta e, se sim, quais eram os problemas. Dois estudantes disseram que não. A grande maioria disse que sim e elencaram os problemas. Citaremos alguns:

1. “O conhecimento que poucos moradores jovens têm do **local** onde vive, o que está por vir com projetos de empresas, os **danos** que pode causar para comunidade etc” – Ana Soares (2023);

2. “A falta de valorização da própria **comunidade** tanto pela parte política, como pelos próprios moradores” – Catarina Silva (2023);

3. “A falta de comunicação e socialização entre as pessoas da **comunidade** foi uma questão que foi bastante comentada” – Fábio Santos (2023);

4. “Acredito que um grande **problema** da **comunidade** é deixar o seu passado, a sua trajetória apagados, esquecidos” – Helena da Silva (2023);

5. “Sobre os **problemas** que as pessoas da **comunidade** vem enfrentando, seja com água ou a infraestrutura de suas casas” – Isabela Santos (2023).

Percebemos, nas falas acima, a preocupação com a identidade de grupo e com o futuro da comunidade relacionado aos problemas enfrentados advindos da presença da empresa de mineração na região.

Foi perguntado aos estudantes como era seu sentimento em relação ao lugar que vivem quando a história da comunidade é abordada na escola, se eles compreendiam melhor as aulas. Em suas respostas, os estudantes demonstraram muito interesse pela história do lugar onde vivem, orgulho e sentimento de pertencimento, consciência das mudanças etc. Esses sentimentos podem ser observados nas falas seguintes: “Assim quando a gente ver um assunto de antiguidades, de como era a realidade antiga a gente fica, sim, surpreso, por conta que tem uma sensação de alegria por ter melhorado muitas coisas” (Dércio Pires, 2023, dados do questionário); “Eu me sinto privilegiada em ter a história de minha comunidade exposta de maneira que quase nenhuma é. Sim” (Elisabete Caldas, 2023, dados do questionário); “Se sentia emocionante por estar falando do lugar onde vivi toda minha infância” (Fábio Santos, 2023, dados do questionário); “Me sinto meio que importante, pois sabendo um pouco sobre, entendo melhor” (Gabriela Fernandes, 2023, dados do questionário).

Ademais, destacamos a fala de Helena da Silva (2023) que diz: “Me sinto incluída naquele ambiente. Ouvir alguém falar de uma história interessante sobre o lugar onde você vive é algo prazeroso”. Assim, observa-se que Helena Silva demonstra sentimento de pertencimento ao local.

Eles reconheceram que a pandemia acabou dificultando o nosso trabalho justificando o período de afastamento e também o fato de que os estudantes que iniciaram conosco no momento de gestação do projeto haviam saído do Ensino Fundamental, dado

o tempo que foi transcrito, apesar de muitos terem continuado como colaboradores. Interrogamos sobre a participação na pesquisa e muitos falaram que fizeram entrevistas, registros fotográficos e filmicos, conversas e conhecimentos com os entrevistados. “*Fizemos visitas na própria comunidade [...] visita na Bahia Mineração, participei da criação do cordel, entrevista com os moradores da comunidade e falas sobre visita em Brumadinho-MG*” (Fábio Santos, 2023, dados do questionário). Fábio destaca a sua participação na visita que fizeram a Brumadinho logo após o desastre de janeiro de 2019, importante essa memória, pois foi a partir da fala dele que despertou em nós, professores, o interesse por um estudo mais aprofundado sobre a história da comunidade, e os trabalhos de sensibilização foram iniciados. Quando retornamos em João Barroca em 2023, fizemos questão de deixar em evidência a grande contribuição e responsabilidade dele em nossa pesquisa. Em conversa posterior ele dá mais detalhes da visita a Brumadinho, relatada no capítulo 2.

3.2.1 Questões metodológicas e sequências didáticas

A partir da experiência que tivemos com a nossa pesquisa em João Barroca e diante de algumas fontes produzidas durante o percurso de pesquisa de campo, resolvemos elaborar algumas propostas de oficina que possam servir de inspiração para os colegas professores que desejam trabalhar com História Local. Na elaboração das propostas de oficinas, baseamo-nos na perspectiva da Educação Histórica. Esse campo de investigação se relaciona com a Didática da História e esta, por sua vez, “se situa nessa relação direta com a ciência da história na medida em que se concebe como ciência do aprendizado histórico” (Rüsen, 2012, p. 16).

É nesse ponto que a Didática da História contribui com a Educação Histórica porque vai se preocupar com a aprendizagem histórica que é o sentido do ensino. Para Jorn Rüsen, historiador e filósofo alemão, não existe consciência histórica sem processo de aprendizagem e isso teria mudado a direção da didática da história. Muitos estudiosos vão buscar em Rüsen o arcabouço conceitual em relação à aprendizagem histórica para desenvolver suas pesquisas.

De acordo com Rüsen, a aprendizagem se dá de quatro formas: a **tradicional**, que acontece através da “aquisição da tradição”; a **exemplar**, que acontece “a partir de experiências baseadas no conhecimento de regras”; na forma **crítica**, o “sujeito adquire novas formas de auto interpretação e de interpretação temporal da história”; e, por fim, a

aprendizagem histórica de **sentido genético**, que permite aos sujeitos mudarem a si mesmos e a seu mundo. E ainda essas quatro formas estão interligadas, uma colaborando com as outras, caminhando para a consciência histórica.

A concepção da Educação Histórica nos ajudou a direcionar as propostas didáticas a partir das experiências com os nossos colaboradores da comunidade João Barroca. Esse campo investigativo tem se desenvolvido a partir da década de 1970.

A investigação em educação histórica tem-se centrado na cognição histórica das crianças e jovens e na forma de colocar questões que desenvolvam as competências necessárias a uma aprendizagem significativa. Esta linha de investigação iniciou-se em Inglaterra, como resposta aos ataques à disciplina de História por parte de quem (seguindo a teoria de desenvolvimento por estádios etários, de Piaget) considerava que o seu saber era demasiado abstrato e complexo para os mais novos. (Barca, 2016, p. 42).

De acordo com Geysso D. Germinary, as pesquisas nessa área têm muitos pontos em comum, entre eles a ideia de que “vários fatores influenciam a cognição histórica, tais como as vivências prévias dos sujeitos” (2011, p. 59). Corroborando com esse pensamento, propomos atividades que valorizassem o conhecimento prévio dos estudantes.

Diante de tantos modelos de história, de escala (local, regional) e temas dentro das escalas, Isabel Barca acredita que a melhor alternativa seria

A adoção de um modelo de História narrativa explicativa, que integre uma análise fundamentada de perspectivas diversas, que não esqueça a escala local e global, parece ser mais consentânea com os debates sobre a ciência histórica e com as exigências de desenvolvimento, no respeito por várias identidades. (2007, p. 6).

Nessa perspectiva, baseado no modelo de aula oficina, faremos o uso de fontes diversas que foram produzidas pelos sujeitos colaboradores e que dizem respeito à sua história e cultura. Apresentaremos abaixo quatro sugestões didáticas por meio da aula oficina na qual devemos “ter em atenção as ideias prévias dos sujeitos aprendentes” (Barca, 2007). A perspectiva da aula oficina é traduzida aqui no Brasil como aula histórica, denominação dada pela pesquisadora Maria Auxiliadora Schmidt (2016). A aula história obedece a uma sequência de forma interdependente, como detalha Maria Auxiliadora Schmidt (2016):

- 1- Investiga a carência dos sujeitos em relação ao novo conteúdo;
- 2- Seleciona conceitos substantivos e de segunda ordem para serem trabalhados;

- 3- Organiza o trabalho com fontes históricas problematizando-as e interpelando-as;
- 4- Comunicação por meio de narrativas que expressam sua consciência histórica;
- 5- Avaliação contínua a partir da perspectiva da metacognição (o que os sujeitos sabem acerca do que aprenderam).

Na verdade, a aula oficina é uma metodologia criada pela pesquisadora portuguesa Isabel Barca, professora da Universidade do Minho, de Portugal. Sua base didática é o trabalho com fontes em sala de aula. O lema é valorizar as ideias prévias dos alunos, o conhecimento do passado com base na interpretação de fontes, no cruzamento de fontes diferentes acerca de um mesmo acontecimento, buscando desenvolver a compreensão de temporalidade, os sentidos de mudanças e permanências. Tudo isso para atingir um objetivo primordial: ensinar a aprender a pensar historicamente (Barca, 2004). Em entrevista para a revista *Nova Escola*, Isabel Barca traz uma explicação sucinta sobre essa metodologia da aula oficina.

É um modo de trabalhar que organizei em 1999, resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais ou menos próximas às dos historiadores. No entanto, elas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, as crianças tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado³⁵.

Baseado nessa metodologia da aula oficina, produzimos sequências didáticas. O nosso roteiro, que segue abaixo, conta com propostas didáticas baseadas na análise de fontes históricas que dizem respeito à comunidade e foram produzidas por pessoas da própria comunidade. Importante discutir o que é fonte histórica e sua importância, bem como abordar os tipos de fontes históricas (iconográficas, audiovisuais, cultura material, escritas, orais). As quatro fontes históricas escolhidas para as aulas oficina foram: Cordel,

³⁵ NICOLIELO, Bruna. *Isabel Barca fala sobre o ensino de História [entrevista]*. Nova Escola, 1 mar. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia>. Acesso em: 8 mai. 2024.

Fotografias, Filme e Patrimônio Imaterial. Tais propostas servem de sugestão, de modelo didático para ser trabalhado em sala de aula.

Quadro 2 – Plano de Aula – Aula Oficina 1

AULA OFICINA 1	
Tema	Cordel como fonte: conflitos no garimpo da Serra do Salto (documento em anexo)
Apresentação	O termo cordel é de origem portuguesa e foi introduzido no Brasil por volta do século XVIII. “Esse tipo de manifestação tem como principais características a oralidade e a presença de elementos da cultura brasileira. Sua principal função social é de informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores” (FERNANDES, s/d). Utilizaremos como fonte o cordel feito pelo Sr. Antônio Neto (morador de João Barroca), por ocasião dos <i>Conflitos no garimpo da Serra do Salto</i> , em Licínio de Almeida, na década de 1980. Apresentaremos a transcrição do cordel declamado por Sr. Antônio Neto e a declamação em vídeo também. Sr. Antônio Neto afirma que começou a trabalhar em garimpo ainda criança e “via os velhos jogando piada nos outros lá e por aí eu fiz”. O seu filho, mais velho, Fernando Naedson, se espelhou no pai jogando versos e se especializou na arte do cordel publicando dois folhetos, onde um trecho é declamado no filme <i>Comunidade João Barroca: cultura e memória</i> . Esta aula oficina pode ser desenvolvida no 6º Ano em função da abordagem sobre fontes históricas e também dentro dos conteúdos de História do Brasil, para turmas de 6º, 7º e 8º e 9º Ano, adaptando-a ao conteúdo trabalhado. Está organizada em 4 ações e prevista para ser desenvolvida em 6 aulas.
Habilidades e competências (BNCC/DCRB)	<p>C2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica;</p> <p>C3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito;</p> <p>(EF07HI03BA) Analisar a diversidade étnico-racial e étnico-cultural no território em que reside, por meio de hábitos e costumes (alimentação, festas e festejos; moda) e pelas relações entre povos e etnias (indígena, africana e europeia);</p> <p>(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.</p>
Objetivos	<p>a) Discutir de que maneira o cordel pode ser uma fonte histórica.</p> <p>b) Identificar e discutir o espaço geográfico envolvido no conflito.</p> <p>c) Destacar as formas de articulações políticas realizadas pelos garimpeiros.</p>
Conceitos	<p>a) Fonte histórica</p> <p>b) Resistência</p> <p>c) Garimpo e realidade social</p>
Metodologia	
Recursos	Papel ofício, lápis ou caneta
Estratégias de ensino	Ação 1 (levantamento dos conhecimentos prévios): Neste primeiro momento deve-se buscar saber o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema proposto (cordel) e sobre o conteúdo histórico apresentado no cordel proposto. A partir das perguntas disparadoras: Garimpo da Serra do Salto, o que se sabe a respeito? Você sabe o que é um cordel, já leu algum?

	<ul style="list-style-type: none"> ● Perguntas disparadoras: Garimpo da Serra do Salto, o que se sabe a respeito? Você sabe o que é um cordel, já leu algum? ● Atividade: Produção escrita do aluno sobre as perguntas disparadoras. ● Material de apoio: <ol style="list-style-type: none"> 1- Literatura de Cordel. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/. Acesso em: 25 abr. 2024. 2- A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. Disponível em: https://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0477.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024. <p>Ação 2 (socialização e discussão): Após o término da escrita por parte dos estudantes a(o) docente pedirá que eles socializem com a turma a sua escrita através da leitura de suas respostas. A partir daí o docente apresenta os objetivos da atividade e o texto de cordel que será analisado a partir dos conceitos-chave e dos objetivos propostos.</p> <p>Ação 3 (Leitura, interpretação): Neste momento será feita a leitura e discussão do texto a partir dos conceitos e objetivos propostos no plano da aula-oficina</p> <p>Ação 4 (produção): A partir das discussões será pedido que o estudante faça uma produção sobre o tema trabalhado, deixando à sua escolha entre cordel, desenho ou uma cena teatral, que pode ser feita em grupo.</p>
Avaliação	A avaliação será feita de maneira processual através da participação e realização das atividades propostas.
Referências	<p>BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental. Superintendência de Políticas para Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2019.</p> <p>BARCA, Isabel. A Educação Histórica Numa Sociedade Aberta. Currículo sem Fronteiras, v. 7, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2007.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.</p> <p>FERNANDES, Márcia. Literatura de Cordel. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/. Acesso em: 25 abr. 2024.</p> <p>NASCIMENTO. Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Disponível em: https://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0477.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.</p> <p>NETO, Antônio Fernandes. Conflitos no Garimpo da Serra do Salto. Texto transcrito de entrevista oral. Depoimento [15 de janeiro de 2024]. Duração 6:45. Entrevistadora: Nadir de Souza Lédo Aguiar. Entrevista concedida para a dissertação de mestrado com a titulação: HISTÓRIA LOCAL, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE JOÃO BARROCA.</p> <p>SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. “Aula histórica”: uma metodologia reconstrutivista da história. In: _____. Didática reconstrutivista da história. Editora CRV, ISBN DIGITAL: 978-65-86087-49-9, 2020.</p>

Fonte: A própria autora.

Quadro 3 – Plano de Aula – Aula Oficina 2

AULA OFICINA 2	
Tema	Fotografia como fonte histórica: artefatos encontrados em João Barroca, na localidade Regapé
Apresentação	Foram selecionadas quatro fotografias de artefatos encontrados na comunidade João Barroca (Fazenda Regapé) que representam a cultura e o labor das pessoas do passado através de suas práticas cotidianas. Essa aula oficina pode ser desenvolvida no 6º Ano em função da abordagem sobre fontes históricas e também dentro dos conteúdos de História do Brasil, para turmas de 6º, 7º e 8º e 9º Ano, adaptando-a ao conteúdo trabalhado. Está organizada em 4 ações e prevista para ser desenvolvida em 5 aulas.
Habilidades e competências (BNCC/DCRB)	<p>C1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo;</p> <p>C2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica;</p> <p>C3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito;</p> <p>(EF07HI03BA) Analisar a diversidade étnico-racial e étnico-cultural no território em que reside, por meio de hábitos e costumes (alimentação, festas e festejos; moda) e pelas relações entre povos e etnias (indígena, africana e europeia);</p> <p>(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.</p>
Objetivos	<p>a) Discutir de que maneira a fotografia pode ser uma fonte histórica;</p> <p>b) Identificar e discutir a função de cada artefato fotografado;</p> <p>c) Entender como cada fotografia registra os indícios de como viviam nossos antepassados;</p> <p>d) Identificar e discutir as relações de trabalho e culturais do tempo histórico a que os artefatos pertencem e estabelecer relações com o presente.</p>
Conceitos	<p>a) Fonte histórica</p> <p>b) Trabalho</p> <p>c) Cultura</p>
Metodologia	
Recursos	folha de papel ofício, fotografias impressas, tv e pen drive, lápis de cor
Estratégias de ensino	<p>Ação 1 (levantamento dos conhecimentos prévios): Neste primeiro momento deve-se buscar saber o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema proposto (Fotografias de artefatos encontrados em João Barroca). A partir das questões disparadoras, descrever o plano objetivo de cada fotografia. Descreva o plano subjetivo de cada fotografia. O(a) docente pedirá que o(a)s estudantes escrevam a respeito, em uma folha de papel ofício, demonstrando o conhecimento que eles têm a respeito do conteúdo das fotografias. O professor pode usar a definição de plano de análise de fotografia em Thiago Silva (2016): Plano objetivo (conteúdo mais imediato) e plano subjetivo (conteúdo explicativo para a realidade vista).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pergunta disparadora: Descreva o plano objetivo de cada fotografia. Descreva o plano subjetivo de cada fotografia. • Atividade: Produção escrita do aluno a partir das questões disparadoras. • Material de apoio: A FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA. Disponível em: file:///C:/Users/Windows%2010/Documents/Downloads/anajuliafurg,+HISTORIAE07.pdf. Acesso em: 25 abr. 24.

FOTOGRAFIAS: ARTEFATOS ENCONTRADOS EM JOÃO BARROCA (NA LOCALIDADE REGAPÉ)

Figura 1 – Pedra que era parte de um moinho de moer cereais, fazenda Regapé.



Fotografia: Maria Angélica, 2019.

Figura 2 – Lambedor de sal para gado, fazenda Regapé



Fotografia: Maria Angélica, 2019.

Figura 3 – Pilão de madeira, fazenda Regapé



Fotografia: Maria Angélica, 2019.

Figura 4 – Lavatório, fazenda Regapé



Fotografia: Maria Angélica, 2019.

Ação 2 (Socialização): Após o término da escrita por parte dos estudantes a(o) docente pedirá que eles socializem com a turma a sua escrita através da leitura de suas respostas.

	<p>A partir da socialização o professor o(a) docente observará o grau de conhecimento (pré-íconográfico, íconográfico e íconológico) apresentado pelo aluno. Ver Silva (2016).</p> <p>Ação 3 (Discussão): A partir dos resultados obtidos na socialização o(a) docente vai propor a discussão a partir dos conceitos previstos no planejamento da aula oficina usando outros recursos como slide etc.</p> <p>Ação 4 (produção): A partir das discussões será pedido que o estudante faça uma releitura das fotografias usando os conhecimentos adquiridos depois da atividade inserindo elementos do plano subjetivo na releitura.</p>
Avaliação	A avaliação será feita de maneira processual através da participação e realização das atividades propostas observando a metacognição do estudante.
Referências	<p>BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental. Superintendência de Políticas para Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2019.</p> <p>BARCA, Isabel. A Educação Histórica Numa Sociedade Aberta. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, p. 5-9, jan./jun. 2007.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.</p> <p>SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. “Aula histórica”: uma metodologia reconstrutivista da história. In: _____ . Didática reconstrutivista da história. Editora CRV, 2020. ISBN DIGITAL:978-65-86087-49-9.</p> <p>SILVA, Tiago Fernandes. A fotografia no ensino de História. In: ALVES, Luís Alberto Marques, BARCA, Isabe (Orgs). Educação Histórica: Perspectivas de invenção internacional e nacional. CITCEM. ISBN 978-989-8351-60-9 Porto, 2016.</p> <p>SÔNEGO, Márcio Jesus. A fotografia como fonte histórica. História, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/Windows%2010/Documents/Downloads/anajuliafurg,+HISTORIAE07.pdf. Acesso em: 25 abr. 24.</p>

Fonte: A própria autora.

Quadro 4 – Plano de Aula – Aula Oficina 3

AULA OFICINA 3	
Tema	Filme como fonte
Apresentação	<p>Para esta aula oficina será utilizado o filme documentário <i>Comunidade João Barroca: cultura e memória</i>. O documentário foi desenvolvido como produto final da dissertação de mestrado em Ensino, Linguagem e Sociedade- PPGELS (UNEB CAMPUS VI) com o título: <i>História local, patrimônio e memória da comunidade João Barroca</i>. Conta a história da comunidade através do olhar de seus moradores e está dividido em cinco seções: <i>História e memórias, Festejos e comemorações, Trabalho e organização social, Artistas do lugar e Estudantes colaboradores</i>. O documentário foi dirigido pela pesquisadora Nadir de Souza Lédo Aguiar e orientado pelo professor Jairo Carvalho do Nascimento, no ano de 2024, com duração de 45 minutos: “Filmes, associados às outras linguagens, como uma fotografia [...] podem contribuir satisfatoriamente para a construção do conhecimento histórico entre os alunos” (NASCIMENTO, 2008). Assim, faremos essa associação a fotografias da comunidade. Esta aula oficina pode ser desenvolvida no 6º Ano em função da abordagem sobre fontes históricas e também dentro dos conteúdos de História do Brasil, para turmas de 6º, 7º e 8º e 9º Ano, adaptando-a ao conteúdo trabalhado. Está organizada em 4 ações e prevista para ser desenvolvida em 4 aulas.</p>
Habilidades e competências (BNCC/ DCRB)	<p>C1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo;</p>

	<p>C2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica;</p> <p>C3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito;</p> <p>(EF07HI03BA) Analisar a diversidade étnico-racial e étnico-cultural no território em que reside, por meio de hábitos e costumes (alimentação, festas e festejos; moda) e pelas relações entre povos e etnias (indígena, africana e europeia);</p> <p>(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.</p>
Objetivos	<p>a) Discutir de que maneira o cinema pode ser uma fonte histórica;</p> <p>b) Identificar e discutir os temas abordados no documentário;</p> <p>c) Associar alguns elementos abordados no filme aos temas retratados nas fotografias narrando e problematizando o contexto dessa relação.</p>
Conceitos	<p>a) Cinema como fonte histórica</p> <p>b) Trabalho</p> <p>c) História da comunidade</p> <p>d) Memória</p> <p>e) Festas populares</p>
Metodologia	
Recursos	folha de papel ofício, fotografias impressas, tv e pen drive, lápis e caneta
Estratégias de ensino	<p>Ação 1 (levantamento dos conhecimentos prévios): Será feito o trabalho prévio de exploração do contexto de produção do filme e a partir da pergunta disparadora: Qual é a história de João Barroca? E conteúdo histórico abordado;</p> <p>Pergunta disparadora: Qual é a história de João Barroca?</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Atividade: Esta etapa será desenvolvida através da comunicação oral do aluno a partir da questão disparadora. Será pedido que a partir do título do filme que o estudante apresente o seu conhecimento prévio acerca da história da comunidade João Barroca. ● Material de apoio: O Cinema e o ensino de História: Realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 26 abr. 2024. <p>Ação 2 (Socialização e exposição): Após a socialização das ideias prévias dos estudantes será feita e leitura dos conceitos e objetivos planejados para a aula oficina e a exibição do filme;</p> <p>Ação 3 (Discussão): Após a exibição do filme será feita a discussão a partir dos conceitos e objetivos previstos no plano da aula oficina;</p> <p>Ação 4 (Produção): Será pedido ao estudante que estabeleça relações entre as fotografias apresentadas e os temas abordados no filme incentivando a problematização suscitada pelo cruzamento das fontes. Essa etapa será feita através de discussão e sistematização em painel artístico utilizando fotografias e textos produzidos pelos estudantes.</p>

FOTOGRAFIA E CINEMA

Figura 1 – Barrageam de João Barroca



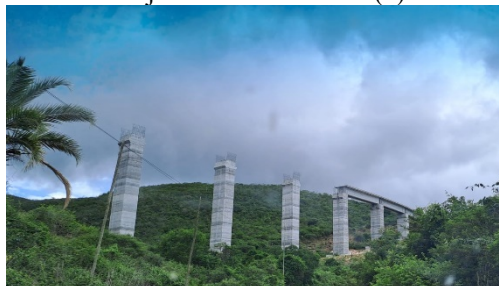
Fonte: Fotografia da autora, 2024.

Figura 2 – Sanfoneiro na missa de Santo Antônio



Fonte: Fotografia da autora, 2023.

Figura 3 – Trecho da estrada de ferro (FIOL), de Brejinho a João Barroca (2)



Fonte: Fotografia da autora, 2024.

Figura 4 – Um dia de filmagem para o documentário



Fonte: Fotografia da autora, 2024.

Avaliação	A avaliação será feita de maneira processual através da participação e realização das atividades propostas observando a metacognição do aluno.
Referências	BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental . Superintendência de Políticas para Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2019.

	<p>BARCA, Isabel. A Educação Histórica Numa Sociedade Aberta. Currículo sem Fronteiras, v. 7, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2007.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.</p> <p>NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. O Cinema e o ensino de História: Realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v. 5, nº 2, Ano V, abr./mai./jun. 2008. ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 26 abr. 2024.</p> <p>REIGADA, Tiago dos Santos. Ensinar com a sétima arte – o espaço do cinema na didática da história. In: ALVES, Luís Alberto Marques, BARCA, Isabel (Orgs.). Educação Histórica: Perspectivas de invenção internacional e nacional. CITCEM. Porto, 2016. ISBN 978-989-8351-60-9.</p> <p>SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. “Aula histórica”: uma metodologia reconstrutivista da história. In: _____ . Didática reconstrutivista da história. Editora CRV, 2020. ISBN DIGITAL:978-65-86087-49-9.</p>
--	--

Fonte: A própria autora.

Quadro 5 – Plano de Aula – Aula Oficina 4

AULA OFICINA 4	
Tema	Patrimônio imaterial como fonte histórica: as festas populares
Apresentação	As festas populares são importantes para a identidade de uma comunidade. No ano de 2023, a prefeitura de Caetitê sancionou a lei n. 975, que estabelece a Festa de Reis como patrimônio cultural imaterial do município de Caetitê, em 26 de dezembro de 2023: “Ao ser registrada como ‘patrimônio imaterial’ uma festa passa a ter prioridade nas linhas de financiamento para bens culturais, sejam de programas municipais, estaduais, federais ou até internacionais” (BAHIA, [s/d]). Para esta aula oficina serão trabalhadas as festas populares presentes na comunidade João Barroca, sobretudo a Festa de Reis. Para esta aula oficina serão utilizados vídeos do <i>YouTube</i> com apresentação de reis de João Barroca e de outras localidades, documentário: <i>Comunidade João Barroca: cultura e memória</i> , com cortes das cenas que apresentam algumas festas populares de João Barroca. Pode ser desenvolvida no 6º Ano em função da abordagem sobre fontes históricas e também dentro dos conteúdos de História do Brasil, para turmas de 6º, 7º, 8º e 9º Ano, adaptando-a ao conteúdo trabalhado. Esta aula oficina está organizada em 4 ações e prevista para ser desenvolvida em 4 aulas.
Habilidades e competências (BNCC/DCRB)	<p>C1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo;</p> <p>C2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica;</p> <p>C3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito;</p>

	<p>(EF07HI03BA) Analisar a diversidade étnico-racial e étnico-cultural no território em que reside, por meio de hábitos e costumes (alimentação, festas e festejos; moda) e pelas relações entre povos e etnias (indígena, africana e europeia).</p> <p>(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, compreendendo fontes e documentos como patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa e de conhecimento científico.</p>
Objetivos	<p>a) Discutir as festas populares (patrimônio imaterial), em especial o reisado, como fontes históricas;</p> <p>b) Identificar a diversidade étnico-raciais presentes nas festas populares.</p>
Conceitos	<p>a) Fonte histórica</p> <p>b) Mudanças e permanências</p> <p>c) Manifestações culturais</p>
Metodologia	
Recursos	folha de papel ofício, fotografias impressas, tv e pen drive, pincel atômico, papel metro ou cartolina, vídeos
Estratégias de ensino	<p>Ação 1 (levantamento dos conhecimentos prévios): Neste primeiro momento deve-se buscar saber o conhecimento prévio dos estudantes acerca do tema proposto (Festas populares). A partir da questão disparadora: Festas populares, o que são? Será pedido ao estudante para fazer um desenho representado alguma festa popular.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pergunta disparadora: Festas populares, o que são? • Atividade: Produção de desenho a partir da questão disparadora. <p>Ação 2 (Socialização): Após o término da atividade por parte dos estudantes a(o) docente pedirá que eles socializem com a turma o seu desenho.</p> <p>Ação 3 (Exposição e Discussão): Após a socialização dos desenhos o(a) docente vai propor a exibição de vídeos e a discussão a partir dos conceitos previstos no planejamento da aula oficina usando outros recursos como slide com fotografias.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Material de apoio: <ol style="list-style-type: none"> 1- Especial Folia de Reis na Bahia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8 Acesso em: 27 abr. 2024. 2- 36º Encontro de Ternos de Reis e 6º Encontro de Violeiros - Caetitê/BA (14/01/2024). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rLuRzz33vmg&t=671s. Acesso em: 27 abr. 2024. 3- A história da Folia de Reis. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7Xf6iCNr1zg. Acesso em: 27 abr. 2024. <p>Ação 4 (Pesquisa e produção): A partir das discussões será pedido aos estudantes que, para o próximo encontro, traga registros fotográficos de festas populares de sua comunidade ou de outro lugar que tenha participado. Será montado um painel com as fotografias das festas de cada região para exposição no pátio da escola.</p>
Avaliação	A avaliação será feita de maneira processual através da participação e realização das atividades propostas observando a metacognição do aluno.
Referências	<p>BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental. Superintendência de Políticas para Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2019.</p> <p>BAHIA, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da (IPAC). Todas as festas devem ser Patrimônio Imaterial? Disponível em: http://www.ipac.ba.gov.br/noticias/todas-as-festas-devem-ser-patrimonio-imaterial. Acesso em: 27 abr. 2024.</p>

	<p>BARCA, Isabel. A Educação Histórica Numa Sociedade Aberta. Currículo sem Fronteiras, v. 7, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2007.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.</p> <p>SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. “Aula histórica”: uma metodologia reconstrutivista da história. In: _____. Didática reconstrutivista da história. Editora CRV, 2020. ISBN DIGITAL: 978-65-86087-49-9.</p>
--	---

Fonte: A própria autora.

As propostas de aula oficina se apresentam como material de apoio ao professor que contribuirão na discussão, no trabalho sobre educação patrimonial e no uso de fontes históricas em sala de aula. Apontamos sugestões que podem ser adaptadas à realidade de cada unidade de ensino. O público-alvo das oficinas são os alunos do Ensino Fundamental II, atentando para a articulação com os objetos de conhecimento propostos no planejamento anual.

As quatro fontes históricas apresentadas para estudo nas propostas de aula oficina englobam, também, uma variedade de linguagens artísticas que são cinema, fotografia, poema, música e dança (presente na festa de Reis), atendendo ao que propõe a Competência 3 da BNCC, citada neste capítulo, que é a valorização das diversas linguagens artísticas e culturais, possibilitando, assim, um diálogo entre História e os demais componentes curriculares e fortalecendo a discussão sobre patrimônio, identidade e história local.

Consideramos que as propostas contribuirão para o ensino de História e para o processo de construção de identidade, de pertencimento ao lugar que o estudante vive, à medida que busca discutir elementos de sua história, muitas vezes não vistos como importantes por eles, por não terem tido a oportunidade de uma discussão aprofundada que pudesse promover a relação de pertencimento. As atividades propostas nas oficinas se relacionam diretamente com o produto educacional elaborado.

3.3 Atores sociais em cena

Pela proposta de nosso estudo com memória, o videodocumentário da história da comunidade de João Barroca servirá, também, de material didático para as escolas de Caetitê. Denominamos o documentário com o seguinte título: *Comunidade João Barroca: cultura e memória*.

O Produto Educacional é um objeto de aprendizagem (ex. cartilha, pequeno livro, manual de atividades, sequência didática, software, jogo educativo, etc.) desenvolvido com base em trabalho de pesquisa científica que visa disponibilizar contribuições para a prática profissional de professores da Educação Básica, futuros professores, professores do Ensino Superior e Formadores de professores. (Bahia, p. 15, 2019).

O percurso metodológico para o desenvolvimento do produto educacional se iniciou na realização das entrevistas, que deram subsídios para compor uma história documentada em vídeo, em formato *live action*³⁶, que contou com a participação dos moradores da comunidade (assim como os alunos dessa comunidade) como sujeitos da pesquisa e atores sociais do videodocumentário, bem como outras etapas que serão detalhadas mais adiante. As gravações foram feitas entre junho de 2023 e fevereiro de 2024.

Michael Pollak fala que o filme é o melhor elemento para o enquadramento da memória e que esse enquadramento se alimenta dos elementos fornecidos pela história:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e, portanto, no enquadramento da memória [...]. O filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva. (Pollak, 1989, p. 11).

Com o documentário, nós, pesquisadores e atores sociais, contamos uma história através dos registros das memórias com o poder de vermos também as emoções, os gestos que em outra forma de registro seria mais difícil.

No documentário, os atores em cena são os próprios atores sociais protagonistas daquela história contada, ainda que eles se preparem para a participação no documentário,

Nos documentários esperamos que os atores sociais se apresentem assim, não que desempenhem o papel de um personagem criado pelo cineasta, mesmo que o ato de filmar exerça uma influência evidente sobre a maneira como eles se apresentam. (Nichols, 2016, p. 33).

Assim como nossos atores sociais não foram treinados como atores, a pesquisadora não tem habilidades de cineasta, mas, com a proposta de fazer o registro da história da comunidade com recursos simples como celulares e com a participação dos

³⁶ Em cinematografia e videografia, *live-action* é o termo que define os trabalhos que são realizados por atores e atrizes reais, ao contrário das animações. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Live-action#Ver_tamb%C3%A9m. Acesso em: 22 abr. 2024.

estudantes, enfrentamos essa tarefa que não foi fácil em sua execução. Na realização do documentário, passamos pelas três fases características que são a pré-produção, a produção e a pós-produção.

Durante o processo de pré-produção, realizamos reuniões com os estudantes colaboradores e com o nosso orientador para definirmos o que iríamos abordar no documentário, levando em consideração as recomendações do conselho de ética no que diz respeito aos sujeitos e aos temas permitidos. Assim, construímos um roteiro prévio com algumas perguntas e pessoas que iríamos convidar para participar da produção a partir das temáticas que iriam compor o documentário: *História e memórias, Festejos e comemorações, Trabalho e organização social, Artistas do lugar e Estudantes colaboradores*. Tivemos que nos planejar com uma logística para a filmagem que demandou entrar em contato com as pessoas convidando-as para participar do filme. Como a comunidade fica distante de Caetité, tentamos marcar com algumas pessoas em um mesmo dia e isso dificultava o fechamento de uma data, pois todos estavam em suas demandas sociais.

Na etapa da produção, as gravações foram feitas em quatro momentos distintos, contando também com material de arquivo em vídeo, fotografia e áudio enviados por alguns colaboradores. No primeiro momento, visitamos a comunidade no dia da missa de Santo Antônio, 13 de junho de 2023, juntamente com o nosso orientador. Para essa visita, fizemos contatos prévios e combinamos de fazer uma filmagem do evento sem realizar nenhuma entrevista devido ao tempo que eles teriam que ficar envolvidos com as atividades da festa.

No segundo momento, combinamos de entrevistar o presidente da associação de moradores e alguns colaboradores. Fizemos a previsão de voltar às 11h30, mas como houve a solicitude da comunidade com uma recepção calorosa, almoço preparado e pessoas que não estavam previstas no planejamento para serem entrevistadas e no dia quiseram participar, acabamos extrapolando o tempo e saímos da comunidade depois das 15h00.

No terceiro momento, entrevistamos dois ex-alunos aqui em Caetité, no Centro Social Urbano, local onde eles participavam de ensaios do grupo de capoeira. Tivemos que adiar o quarto momento, pois na data prevista a comunidade estava de luto devido ao falecimento do pai de uma sócia da cozinha industrial, onde iríamos entrevistar as mulheres protagonistas desse espaço. Passados alguns dias, conseguimos remarcar e realizar nosso trabalho de filmagem e entrevista.

Na parte técnica da gravação, utilizamos materiais como celular, caneta, papel e tripé para apoio do celular. Apesar de termos passando por orientações na oficina de fotografia e filmagem, por todas as recomendações e pela disponibilização de material escrito por nosso orientador, ainda nos deparamos com muitos deslizes durante a filmagem que só percebemos no momento em que fomos assistir aos vídeos, haja vista que tivemos pouco tempo para regravação de algumas cenas, falta de percepção dessa necessidade no momento de envolvimento com as entrevistas e pouco pessoal disponível para esta atividade em cada momento. Isso tudo resume as limitações previsíveis de nosso trabalho, dada a formatação de nossa proposta, apresentada à banca de seleção do PPGELS, que era de fazer um documentário com a colaboração dos estudantes e com recursos simples. O uso de poucos recursos tecnológicos atrelados a pouca experiência que tínhamos nos sinalizou algumas falhas, que poderemos melhorar da próxima vez, mas também confirmou a nossa crença na possibilidade de, com poucos recursos, registrar a história da comunidade em um videodocumentário.

Conseguimos produzir dados em vídeo totalizando uma minutagem de 102,59 minutos, englobando as entrevistas, filmagens de paisagens e artistas se apresentando. Recebemos de nossos colaboradores um total de 18,20 minutos de vídeos de arquivos pessoais e produzimos ainda 1,44 de áudio. Além dos arquivos em vídeos e áudios, que totalizaram mais de duas horas de material, produzimos e recebemos de arquivos pessoais, algumas imagens que selecionamos para usar no vídeo documentário.

Depois de todo material captado, passamos para a etapa da pós-produção, dividida em análise e seleção do material gravado, construção do roteiro final e edição. Essa etapa demandou muito tempo e cuidado de nossa parte, para fazer as transcrições das entrevistas e a elaboração do roteiro final com o processo de minutagem que durou seis dias para ficar pronto, tendo alguns ajustes posteriores. Ao selecionarmos o material para compor o vídeo, estamos selecionando a história que queremos compor a partir do que ouvimos de nossos colaboradores: “A história que um documentário conta tem origem no mundo histórico, mas, ainda assim, é contada do ponto de vista do cineasta e na voz dele” (Nichols, 2016, p. 35). Os arranjos, os modos e os modelos escolhidos refletem também o ponto de vista de um documentarista, seja ele profissional ou não (Aranha, 2022, p. 59).

Na edição usamos computador, programa de edição, e a base do trabalho foi o programa *Adobe Premiere Pro*. Vale ressaltar que a parte de edição foi terceirizada, visto que nem a pesquisadora e tampouco os colaboradores dominavam as técnicas de edição.

Nessa etapa contamos com a colaboração de Gai Lédo, bacharelada em Comunicação Social – Audiovisual da UNB (Universidade de Brasília).

A relevância dessa produção está reforçada na fala de nosso colaborador:

“[...] e pra encerrar eu digo que a importância que tem esse documentário para a cultura de nossa comunidade que é uma comunidade que, como eu acabei de dizer a cultura é... as tradições ela tem a tendência de acabar se não forem repassadas né? Então esse documentário é uma forma de registro dessas, uma forma de registrar as memórias que tem na nossa comunidade, incluindo que já é de conhecimento geral que a nossa comunidade também está em constantes conflitos, né? Seja com a mineradora, seja pela água, seja pela própria terra né. E aí a gente já não tem... já não sabe as perspectivas de futuro como vai ser, se vai conseguir manter essas tradições e se essa comunidade vai continuar se seguindo da maneira em que tá, né? Então é... já agradeço pela oportunidade, agradeço pelo espaço e principalmente agradeço por tá fazendo esse trabalho, agradeço a professora Nadir por tá fazendo esse trabalho também né? Porque ele tem uma grande importância para a preservação da cultura da nossa comunidade.”³⁷

A fala de Naldo Pires dá indícios de alguns temas mais sensíveis que não pudemos retratar no documentário para preservar a integridade de nossos colaboradores seguindo as orientações presentes no parecer do Conselho de Ética:

No sentido de esclarecer, o risco da pesquisa é pensado na integralidade da vida humana, partindo da observação do objeto, dos objetivos da pesquisa, da comunidade estudada e sua vulnerabilidade frente às questões políticas, sociais, mercadológicas ou qualquer aspecto que ponham em sofrimento ou dificultem a vida dos participantes da pesquisa. (Bahia, 2023, p. 2).

No que tange à ética na produção de um documentário, nossos colaboradores assinaram o termo de cessão de direito de uso de imagem e voz, dando-nos o poder de uso do que foi captado, desde que não façamos uso de má-fé.

Após o produto passar por quatro versões de edição, consideramos que ele estava finalizado, faltando apenas a avaliação por parte dos sujeitos sociais e dos colaboradores de nossa pesquisa. Marcamos a exibição e contamos com a participação da comunidade que colaborou mais uma vez na avaliação e, por fim, fizemos uma última revisão para chegarmos ao produto que foi apresentado à banca de defesa para validação.

³⁷ Naldo Pires, 26 anos. Entrevista concedida em: 15 jan. 2024.

No que diz respeito aos direitos autorais, preocupamo-nos em utilizar os próprios atores sociais fazendo suas apresentações, inclusive as músicas tocadas serviram de trilha sonora para o filme. Assim, evitamos a complicação com os direitos autorais, baseando-nos em alguns critérios de uso aceitável, visto que nossa produção não tem fins comerciais.

Atendendo ao objetivo de elaborar um produto educacional, documentário, sobre a comunidade e tentando entender em que medida a preservação da memória local e do patrimônio cultural contribui para fortalecer os laços de pertencimento social de uma dada comunidade e como o resultado desta pesquisa pode contribuir para uma aprendizagem significativa no âmbito do ensino na rede municipal de Caetité é que realizamos este produto – o videodocumentário. Consideramos que ele responde à pergunta/problema de estudo oriundo do campo da prática profissional.

A possibilidade de replicabilidade do produto por outras escolas (e suas comunidades) é grande, bem como de elas narrarem em vídeo, fazendo os registros de suas histórias. O alcance desse documentário vai até locais mais longínquos, visto que o acesso será livre através do repositório institucional e das plataformas de vídeos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a história da comunidade de João Barroca, em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial. Para fins de conclusões parciais, apresentaremos, a seguir, as considerações sobre os resultados da pesquisa.

Propusemo-nos a investigar em que medida a preservação da memória local, do patrimônio cultural e ambiental contribuem para fortalecer os laços de pertencimento social de uma dada comunidade? E como o resultado desta pesquisa pode contribuir para uma aprendizagem significativa no âmbito do ensino na rede municipal de Caetité, a partir de sugestões de sequências didáticas a serem aplicadas em sala de aula? Estas foram nossas principais questões de pesquisa.

“*Na minha comunidade não tem nada, é um fim de mundo!*”. Essa resposta vem me acompanhando há alguns anos quando indago sobre o lugar em que o aluno vive para fazermos atividades sobre educação patrimonial. “*Tenho medo do que vai acontecer com João Barroca*”: afirmação feita em 2019 por um aluno de João Barroca. Essas inquietações me levaram à atual pesquisa.

Durante todo o processo de produção de dados, foi interrogado sobre a pessoa João Barroca, nome que deu origem ao lugar, e as informações que obtivemos nos leva a crer, necessitando de mais estudos, que ele teria vivido por volta de meados do século XIX. Segundo nossos colaboradores, ele não teria deixado descendentes e vendeu suas terras para Antoninho, assim este adquiriu o apelido de Toninho de João Barroca. A filha deste, nascida em 1928, ainda está viva, com 95 anos, mas há muito o que pesquisar sobre essas origens e descendência.

Acreditamos que os objetivos propostos tenham sido satisfatoriamente alcançados. Analisamos as categorias Memória e Identidade e, do ponto de vista teórico metodológico, tais conceitos contribuíram para a condução do problema da pesquisa. Historicizamos a comunidade de João Barroca, elaborando uma breve história dessa localidade. É a primeira vez que João Barroca tem sua história escrita de forma acadêmica, do ponto de vista historiográfico.

Propusemo-nos, além disso, a discutir a relação da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro (Brejinho das Ametistas) com propostas didáticas direcionadas para a produção de atividades com a história local e a educação patrimonial. Utilizamos os dados produzidos através das respostas aos questionários no *Google Forms*

com a colaboração dos professores da escola municipal Clemente Ferreira de Castro e de dos estudantes colaboradores moradores da comunidade. Fizemos a discussão das categorias educação patrimonial e história local articulando com as respostas de nossos colaboradores. Desenvolvemos propostas de aula oficina na perspectiva teórico-metodológica da Educação Histórica.

A pesquisa revelou algumas ações da BAMIN na região e a preocupação da população presente nas falas de algumas pessoas com a desestruturação de suas culturas locais. Mostrou, ainda, o entendimento dos professores sobre a importância de se trabalhar a educação patrimonial e a história local na escola, seja por meio de aulas, seja através de projetos culturais. Evidenciou o processo de construção de conscientização dos estudantes em relação ao sentimento de pertencimento e valorização de seu lugar, pois, no início deste estudo, eles achavam que não havia nada importante para relatar sobre sua comunidade. Com a participação na pesquisa, como colaboradores, puderam entrar em contato com temas e espaços que às vezes passavam despercebidos e ouvir os mais idosos falarem sobre a história do lugar. Com isso, uma nova perspectiva de olhar para a comunidade emergiu.

A proposta de uma pesquisa a partir de elementos da história local contribui para o fortalecimento dos laços de pertencimento à medida que temas ainda não conhecidos por todos da comunidade vieram à tona através dos relatos dos mais idosos. A produção do documentário deixou a história registrada para a posteridade, como nossos colaboradores frisaram em suas narrativas. Eles puderam relatar a indignação com a presença da BAMIN na região – apesar de não podermos utilizar esse conteúdo no documentário, em nossa dissertação, abordamos esse aspecto do perigo ambiental e esperamos ter contribuído para essa discussão.

Esta pesquisa contribui para o campo de estudo da História, ao qual nosso objetivo está vinculado. A discussão sobre memória, patrimônio e história local levanta pontos importantes para fortalecer não apenas o pertencimento dos sujeitos, mas sua aprendizagem histórica.

No percurso de nossa pesquisa, entramos em contato com alguns temas e consideramos importante fazer o levantamento aqui: os artefatos registrados pelos estudantes, por si só, apresentam indícios de como os antepassados viviam e se relacionavam com a natureza e o trabalho; a fala recorrente “*no tempo dos escravos*”, os relatos sobre a casa antiga da fazenda Regapé e a grande presença de pessoas negras na fazenda Flores dão indícios do uso do trabalho escravo na localidade e de Flores ser um

lugar de remanescentes de escravos. Novas questões e questionamentos precisarão ser mais sistematicamente explorados em estudos futuros e que esta pesquisa não deu conta, pois iria abrir muito campo novo para analisar.

O documentário *Comunidade João Barroca: cultura e memória*, por sua vez, traz uma nova perspectiva para as pesquisas desenvolvidas em programas profissionais de pós-graduação: o seu reconhecimento como um produto científico e a valorização do audiovisual como produto educacional. O documentário, em seu formato digital, ficará disponível em conta do *YouTube*, com acesso livre. As pessoas da comunidade terão a oportunidade de assistir e rever o filme quantas vezes quiser. A linguagem audiovisual é mais atraente, mais simples do que um texto dissertativo, elaborado de acordo com as regras do conhecimento científico. Portanto, nosso produto educacional, para os sujeitos que residem em João Barroca e em Brejinho das Ametistas, terá um alcance social e cultural muito maior do que a dissertação. Uma audiência maior, em tempos de história pública.

Procuramos contribuir com a produção historiográfica trazendo à tona as histórias que, através da memória de seus sujeitos, compuseram nossa pesquisa e, também, o documentário. Se ao fim de nossa caminhada não conseguimos ter uma fala bonita, parafraseando Rubem Alves, além de outras limitações, não pudemos ter uma longa e silenciosa escuta. Apesar de todos os percalços, a história vivida e as memórias construídas e reconstruídas fizeram a caminhada valer a pena.

À guisa de conclusão, nossas ideias coadunam com a de Marli André (2001) que fala sobre a necessidade do rigor de qualidade na pesquisa em educação, chamando-nos atenção da seguinte maneira: para “assegurar a qualidade da pesquisa em educação é preciso promover o debate nas universidades, nas escolas [...]”. Que possamos trilhar constantemente esses caminhos tão necessários e que esta pesquisa possa contribuir nesse debate.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

CALDAS, Joana: Depoimento [29 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

CERQUEIRA, Dóris: Depoimento [29 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

FERREIRA, Joaquim: Depoimento [14 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: S. M. L. Pereira, Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

GOMES, Mara: Depoimento [15 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

MATOS, João: Depoimento [18 de fevereiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

PIRES, Bárbara: Depoimento [29 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

PIRES, Dércio: Depoimento [15 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

PIRES, Dércio: Depoimento [15 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

PIRES, Napoleão: Depoimento [15 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

RAMOS, Rodrigo: Depoimento [15 de janeiro, 2024]. Entrevistadora: M. A. R. Souza. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

SANTOS, Fábio. Depoimento [18 de fevereiro, 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

SILVA, Catarina: Depoimento [03 de março de 2024]. Entrevistadora: Nadir de S. L. Aguiar. Caetité, 2024. Gravador smartphone. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado com a titulação: História Local, Patrimônio e Memória da Comunidade João Barroca.

Filmografia

ABREU, L. A.; CAFFÉ, E. *Narradores de Javé*: roteiro – 17ª versão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

AGUIAR, Nadir de S. L. *Comunidade João Barroca*: Cultura e Memória. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, 2024.

NIWA, K.; YONEBAYASHI, H. *As Memórias de Marnie*. Califórnia filmes, 2015.

Fontes iconográficas

AGUIAR, Nadir S. L. *Barragem de João Barroca*. 2024. 1 fotografia.

_____. *Produção de xiringa da cozinha industrial*. 2024. 1 fotografia.

_____. *Trecho da estrada de ferro (FIOL), de Brejinho a João Barroca*. 2024. 1 fotografia.

_____. *Trecho da estrada de ferro (FIOL), de Brejinho a João Barroca (2)*. 2024. 1 fotografia.

_____. *Sanfoneiro na missa de Santo Antônio*. 2023. 1 fotografia.

_____. *Um dia de filmagem para o documentário*. 2024. 1 fotografia.

_____. *Vista da barragem de João Barroca com casa e torres eólicas ao fundo*. 2019. 1 fotografia.

Caetité no mapa da Bahia. *Wikipedia*. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bahia_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 31 jan. 2024.

KOENE, André. *Mapa do município de Caetité*. 2007. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MapaCAETIT%C3%89.jp>. Acesso em: 31 jan. 2024.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Procissão de Santo Antônio*. 2023. 1 fotografia.

_____. *Vista frontal da capela de Santo Antônio em dia de missa*. 2023. 1 fotografia.

PIRES, Dércio. *Capela de Santo Antônio*. 2019. 1 fotografia.

TERRA. Comissão Pastoral da Terra – CPT Nacional. *Mapa de atuação da Bamin e seus impactos ambientais*. 2014. 1 mapa. Disponível em:

<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/2122-cpt-bahia-ajuda-comunidades-impactadas-por-projeto-de-mineracao-a-criarem-mapas-georreferenciadas-com-a-delimitacao-de-areas-de-uso-comum> Acesso em: 31 jan. 2024.

_____. *Reunião representantes da população de João Barroca e Araticum com a prefeitura de Caetité*. 2022. Disponível em: <https://cptba.org.br/populacao-de-joao-barroca-e-araticum-apresenta-reivindicacoes-em-reuniao-com-a-prefeitura-de-caetite/> Acesso em: 31 jan. 2024.

Música

OLIVEIRA, José Fernandes de. Marian e Brumadinho. In: OLIVEIRA, José Fernandes de. *Mariana e Brumadinho (single)*, formato digital, 2019.

Artigos, livros e teses

ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação, buscando o rigor e a qualidade*. Cadernos de pesquisa. 113, p. 51-64, abr. 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/TwVDtwynCDrc5VHvGG9hzDw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2022.

_____, Marli E. D. A.; LUDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2020. 111 p.

ALMG. *Rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho, completa quatro anos*. Disponível em: [https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Rompimento-da-barragem-da-Vale-em-Brumadinho-completa-quatro-anos/ - :~:text=No dia 25 de janeiro,a tragédia completa quatro anos .](https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Rompimento-da-barragem-da-Vale-em-Brumadinho-completa-quatro-anos/-:~:text=No dia 25 de janeiro,a tragédia completa quatro anos .) Acesso: 11 mai. 2022.

ARANHA, Leila Tânia Azevedo. *Perspectivas sobre trabalho e escola: o que dizem os/as jovens concluintes do curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio do ano de 2020/2021 no CETEP do Sertão Produtivo, Caetité – Bahia*. Dissertação (Mestrado Profissional), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, MG, 2022.

BAHIA. *Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Superintendência de Políticas para Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2019.

_____. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da (IPAC). *Todas as festas devem ser Patrimônio Imaterial?* Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/noticias/todas-as-festas-devem-ser-patrimonio-imaterial>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BAHIA. Universidade do estado da Bahia. *Edital n° 047/2020*. Disponível em: https://www.ppgels.uneb.br/wp-content/uploads/2020/10/Edital_047_2020_Aviso_075_2020_Edital_aluno_regular_Ensino_Linguagem_e_Sociedade_PPGELS_VI_15102020_1_-1.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

_____. *Parecer: 5.983.362*. Plataforma Brasil, Salvador, Bahia, 2023.

BARBOSA, Antônio Cláudio. *Debaixo d'água: a inundação da Comunidade Quilombola de Riacho das Pedras, Rio de Contas Bahia*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade – PPGELS, UNEB – Campus VI, Caetité, 2021.

BARBOSA, Vilma de Lourdes. *Ensino de História Local: redescobrimos sentidos*. SAECULUM, Revista de História [15] João Pessoa, julho/dezembro de 2006.

BARCA, Isabel. A Educação Histórica Numa Sociedade Aberta. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2007.

_____, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. *Rev. Hist. UEG – Porangatu*, v. 2, n. 1, p. 301-321, jan./jul. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

_____. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Educação. *Manual Operacional de Educação Integral*. Brasília, 2014. Disponível em: http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wpcontent/uploads/2016/01/manual_operacional_de_educacao_integral.pdf. Acesso em: 1 ago. 2022.

_____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRITTO, C.; ALVES, S. (Orgs.). *Relicário de Sonhos: Memórias de água, de terra e de vida*. Produção: Olho de Peixe Filmes. Realização: BAMIN. Coordenação editorial: Versal Editores. Produzido entre agosto 2011 e maio de 2012. Lançado em 2023.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: SP. T.A. Editor, 1979.

CAETITE, Prefeitura Municipal de Caetité. *Prefeitura de Caetité conhece projeto Mina Pedra de Ferro da BAMIN*. Disponível em: <https://caetite.ba.gov.br/prefeitura-de-caetite-conhece-projeto-mina-pedra-de-ferro-da-bamin/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

CASTRO, Magali de; MALTEZ, Camila R.; SOBRINHO, Cristiane P. C.; BITTENCOURT, Daphne Lorene A.; MIRANDA, Kelly dos Reis; MARTINS, Lilian Nascimento. *Educação Patrimonial: O papel da escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural*. *Pedagogia em ação*, v. 2, n. 2. p. 11-117, nov. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4840>. Acesso em: 6 ago. 2022.

CÁRITAS, brasileiras. Área atingida pela alternativa 2 e 4 da barragem de rejeito da Bamin. Mapa elaborado em 2018 por Alex Martin. Disponível em: <https://agenciasertao.com/2019/02/06/barragem-de-rejeitos-da-bamin/> Acesso em: 13 mar. 2022.

CASTELLS, Manuel. Identidades territoriais: a comunidade local. In: *O poder da identidade*. Tradução de Klaus Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 78-83. v. II.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 272-292, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393/271>. Acesso em: 1 mai. 2024.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. População de João Barroca e Araticum apresenta reivindicações em reunião com a prefeitura de Caetité. Disponível em: <https://cptba.org.br/populacao-de-joao-barroca-e-araticum-apresenta-reivindicacoes-em-reuniao-com-a-prefeitura-de-caetite/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

COTRIM, Carla Graciela Chaves de Castro. “*As bellas amethystas*”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930). Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/bea7/b7bb352a791e088d7a6f009274f7be0dfc6b.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DOSSE, François. Uma história social da memória. In: *A história*. São Paulo: Unesp, 2012. p. 265-307.

DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Org.). *O que é memória social?*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. *Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004)*. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

FERNANDES, Márcia. *Literatura de Cordel*. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/literatura-de-cordel/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FONSECA, Selva Guimarães. *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*. História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

_____. *História Local e Educação Patrimonial: Perspectivas e abordagens pedagógicas nas aulas de história*. História Oral, v. 9, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/193>. Acesso em: 11 jul. de 2022.

GARRIDO, Joan del Alcàzar i. *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*. Tradução de Alberto Aggio. Revista Brasileira de História, São Paulo. v. 13, n. 25/26. Set. 92/ago. 93.

GERMINARI, Geysa D. *Educação Histórica: A constituição de um campo de pesquisa*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 42, p. 54-70, jun., 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p. 11-26.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. São Paulo: Editora DP&A, 2005.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeus da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-130.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HORTA, Maria de Lourdes, Pereira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia de Educação patrimonial*. Brasília Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6599978-Guia-basico-da-educacao-patrimonial-maria-de-lourdes-parreiras-horta-evelina-grunberg-adriane-queiroz-monteiro-museu-imperial-deprom-iphan-minc.html> Acesso em: 27 mar. 2022.

IBGE. *População de Caetité*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caetite/panorama> Acesso em: 17 jul. 2023.

JUNIOR, Francisco das Chagas F. Santiago. *Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da 'problemática dos lugares'*. Projeto História, São Paulo, n. 52, p. 245-279, abr. 2015.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTINI, Verena (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990. p. 366-420.

MACEDO, Alleks Endriw Pereira. “(Re)Historicizando as Folias de Reis”: Reflexões críticas sobre a dicotomia cultural em uma perspectiva Decolonial. Disponível em: https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1589509764_ARQUIVO_e97e4461964f1783b10bb1134c5d53bd.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. *ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina*, 2005. Disponível em: <https://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0477.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2022.

_____. *Cinema e música na trajetória de Waldick Soriano: os filmes Paixão de um homem (1972) e O poderoso garanhão (1973)*. Revista Binacional Brasil Argentina: Diálogo entre as Ciências, v. 12, p. 259-290, 2023.

_____. *O Cinema e o ensino de História: Realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. v. 5, Ano V, n. 2 abr./mai./jun. 2008. ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 26 abr. 2024.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. *História Oral*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 109-116, jun. 2000.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2016.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 11 mai. 2022.

O caso de Caetité, BA: Progresso para quem? Contradições da exploração minerária. *Ecodebate*, 2011. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2011/06/01/o-caso-de-caetite-ba-progresso-para-quem-contradicoes-da-exploracao-mineraria/>>. Acesso em: 11 mai. 2022.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

_____. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral”. Revista Projeto História, n.15, p.13-15-16, 1997.

QUINTÃO, André (Org.). *Opção pelo risco: Causas e consequências da tragédia de Brumadinho: a CPI da ALMG*. Belo Horizonte: Scriptum, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%2010/Documents/Downloads/Op%C3%A7%C3%A3o%20pelo%20risco.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

REIGADA, Tiago dos Santos. Ensinar com a sétima arte – o espaço do cinema na didática da história. In: ALVES, Luís Alberto Marques, BARCA, Isabel (Org.). *Educação Histórica: Perspectivas de invenção internacional e nacional*. CITCEM. Porto, 2016. ISBN 978-989-8351-60-9.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Fernanda Oliveira. *A tragédia fáustica do capital no campo: mineração e conflitos por terra e água nas comunidades camponesas de Caetité e Pindaí-Bahia*./ Fernanda Oliveira Rodrigues. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo, Vitória da Conquista, 2019.

RODRIGUES, Fernanda Oliveira; SILVA, Jamile Jorge Ferreira da; NUNES, Paula Idma Chaves. Parecer da Nascente do Riacho Pedra de Ferro nos Municípios de Caetité e Pindaí-Bahia. *II Simpósio Baiano de Geografia Agrária: entre a teoria e a prática, articulações e resistências*, 2017. Disponível em:

https://2sbga2017.ufba.br/sites/2sbga2017.ufba.br/files/eixo2_fernanda_jamile_paula.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

ROLIM, Eliana de Souza. Patrimônio Histórico, Memória, História e Construção de Saberes-XXVII. *Simpósio nacional de História – ANPUH – Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal-RN, 2013.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In.: AMADO, Janaína; Ferreira. Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 93-101.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. *Acidente em Mariana (MG) e seus impactos ambientais*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm>. Acesso em: 11 mai. 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. “Aula histórica”: uma metodologia reconstrutivista da história. In: *Didática reconstrutivista da história*. Curitiba: CRV, 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CAETITÉ. *Projeto Político Pedagógico: A Identidade da Escola*. Grupo Escolar Clemente Ferreira de Castro, Caetité, 2018.

SILVA, Tiago Fernandes. A fotografia no ensino de História. In: ALVES, Luís Alberto Marques; BARCA, Isabel (Org.). *Educação Histórica: perspectivas de invenção internacional e nacional*. Porto: CITCEM, 2016. p. 109-124.

SILVA, Tomaz Tadeus da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SOUZA, Maria Luíza Lina. “O lugar onde é nascido e criado a gente não esquece”: trajetórias das comunidades negras de Palmito e Antas (1932-2014). Monografia (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, Caetité, 2015.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-71, 1997.

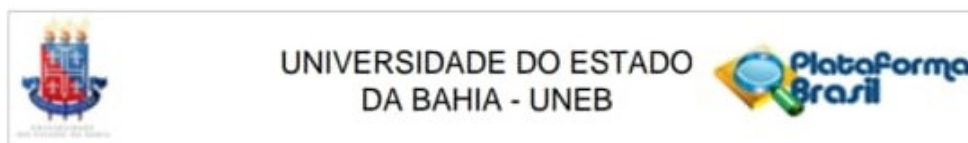
TOMAZ, Paulo César. *A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil*. Revista de História e Estudos Culturais, revista Fênix, v. 7, 2010. ISSN 18076971.

VIANA, José Italo Bezerra. *História Local*. INTA – Instituto Superior de Teologia Aplicada PRODIPE – Pró-Diretoria de Inovação Pedagógica, Sobral, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/534863874/Historia-Local>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ZHOURI, Andréa (Org.); R. Oliveira et al. *Mineração: violências e resistências [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. 1.ed. Marabá,

PA: Editorial iGuana; ABA, p. 8-28. 2018. 711 kb; e-PUB. Disponível em:
https://br.boell.org/sites/default/files/ebook_mineracaoviolenciaresistencia1.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANTES QUE A LAMA NOS APAGUE: História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca

Pesquisador: NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 61092821.7.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Ciências Humanas - Campus VI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.983.362

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE – PPGELS, da UNEB de Caetité.

Desenho informado pela pesquisadora, versão do projeto em 14/03/2023:

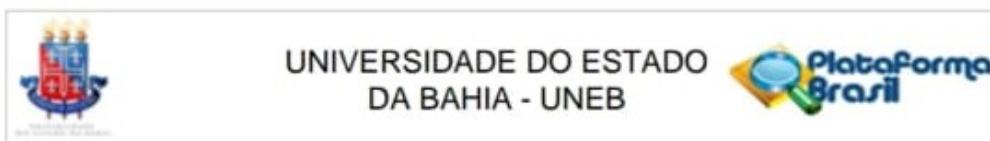
"Este estudo pretende analisar de que maneira a preservação da memória local contribui para fortalecer os laços de pertencimento social de uma dada comunidade. E como o resultado desta pesquisa pode contribuir para uma aprendizagem significativa no âmbito do ensino na rede municipal de Caetité, registrando a história dos sujeitos que residem, ou residiram, na comunidade de João Barroca na perspectiva da preservação da memória local. A partir das categorias memória e identidade, será desenvolvido um trabalho com a metodologia da história oral. Pretende-se compor um vídeo documentário como produto final, que possa fazer o registro da história do lugar e, ainda, contribuir para a construção da identidade do grupo a partir do conhecimento sistematizado de sua história".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- a) Conhecer e analisar a história da comunidade de João Barroca em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,			
Bairro: Água de Meninos	CEP: 40.460-120		
UF: BA	Município: SALVADOR		
Telefone: (71)3612-1330	Fax: (71)3612-1300	E-mail: cepuneb@uneb.br	



Continuação do Parecer: 5.983.362

Objetivo Secundário:

- a) Analisar as categorias Memória e Identidade, do ponto de vista teórico metodológico, e como tais conceitos são úteis para a condução do problema da pesquisa;
- b) Historicizar a comunidade de João Barroca, elaborando uma breve história dessa localidade, uma contextualização local e regional;
- c) Discutir a relação da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro (Brejinho das Ametistas) com propostas didáticas direcionadas para a produção de atividades com a história local e educação patrimonial;
- d) Elaborar um produto educacional, documentário sobre a comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

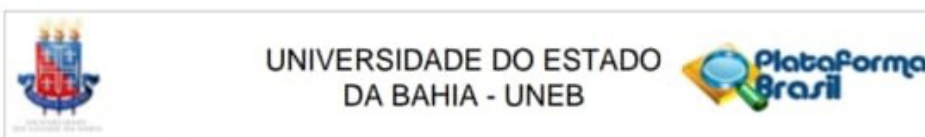
A pesquisadora descreve no formulário da plataforma Brasil: "A participação nessa pesquisa é livre e voluntária, os participantes serão convidados a participar adotando como critério residir na comunidade João Barroca. E após assinatura de TCLE e autorização dos responsáveis (para os estudantes menores). No entanto, ao participar das oficinas e responder os questionários poderá surgir algum tipo de desconforto, seja por não saber alguma pergunta ou não gostar da atividade proposta pela oficina, assim será esclarecido que só será necessário responder e participar do que quiser, sem nenhum prejuízo. Os questionários serão direcionados para responder individualmente e sem identificação. Destaca-se que a imagem e a identificação dos estudantes de menor serão preservadas também na produção do documentário e a respeito dos outros participantes de maior serão seguidos todas as orientações constantes nas resoluções do Conselho de Ética"

Nos TCLEs e Assentimento: Informa possíveis desconfortos e constrangimentos.

Comentário sobre os riscos da pesquisa: A pesquisadora ao modificar os objetivos da pesquisa para a história oral sobre a cultura da população estudada, retirou as questões conflitantes que identificariam as pessoas da comunidade deixando-as expostas, além de retirar os menores de idade que participarão da oficina formativa e poderiam ser expostos a inadequações. Adequando o protocolo de pesquisa as questões éticas.

Observação: No sentido de esclarecer, o risco da pesquisa é pensado na integralidade da vida humana, partindo da observação do objeto, dos objetivos da pesquisa, da comunidade estudada e sua vulnerabilidade frente as questões políticas, sociais, mercadológicas ou qualquer aspecto que ponham em sofrimento ou dificultem a vida dos participantes da pesquisa. Por está razão, é dever do (a) pesquisador (a) pensar como evitará ou minimizará este risco para que o malefício não

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.983.362

ultrapasse os benefícios e a pesquisa não se justifique.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana de forma integrada a vida real.

A pesquisadora mudou os objetivos que exporiam a comunidade de João Barroca e adequou-se ao risco do possível desconforto ou constrangimento.

O recurso sobre o documentário inserido na Plataforma Brasil, argumentou sobre o direito de identificar os participantes, essa prerrogativa é aceita a partir do cruzamento da integralidade da vida humana, partindo da observação do objeto, dos objetivos da pesquisa, da comunidade estudada e sua vulnerabilidade frente as questões políticas, sociais, mercadológicas ou qualquer aspecto que possam causar sofrimento, retaliações, punições ou dificultem qualquer aspecto da vida dos participantes da pesquisa. Se os riscos ultrapassarem os benefícios (o princípio da não maleficência ficará maculado) a pesquisa não se justifica em execução, conforme indicam as Resoluções que regulam a pesquisa científica no Brasil.

O documentário tratará o registro sistemático das questões culturais da Comunidade de João Barroca em Caetitê. O compromisso do orientador e da orientanda de não expor a comunidade a questões que os deixem vulneráveis ou que os exponham a inadequações adequa-se a eticidade.

A título de informação, os projetos que envolvam comunidades com conhecimentos tradicionais devem seguir os preceitos da Lei 13.123/15, embora não haja intensão explícita neste protocolo fica a dica para pesquisas que as considere ou envolva.

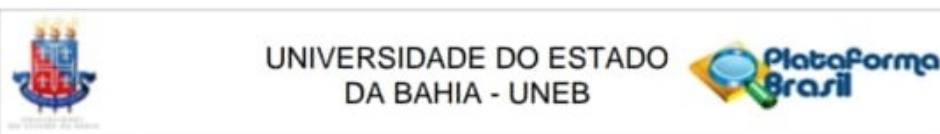
Orçamento: Dentro dos aspectos da pesquisa.

Cronograma: Exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue;

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.983.362

- 1- Compromisso do pesquisador: Apresentado dentro eticidade;
- 2- Termo de confidencialidade: Apresentado dentro da eticidade;
- 3- A autorização institucional da proponente: Em conformidade.
- 4- A autorização da instituição coparticipante: Deveria estar no papel timbrado da Escola Municipal Clementino F. Castro e não no timbre da UNEB. Aceitaremos por conta do carimbo identificando a escola desta vez; Favor enviar a anuência da comunidade no relatório final, se houver liderança na comunidade;
- 5- Folha de rosto: Em conformidade;
- 6- Modelos de TCLEs: Apresentado dentro da eticidade e contendo o documentário;
- 7- Modelo de TCLE para os responsáveis dos menores de idade e assentimento: Em conformidade;
- 8- Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Apresentado dentro da eticidade;

Recomendações:

Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial com a anuência da comunidade após o término da pesquisa.

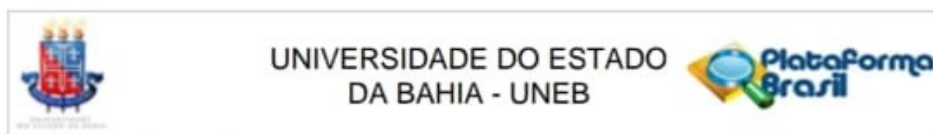
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.61092821.7.0000.0057

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.983.362

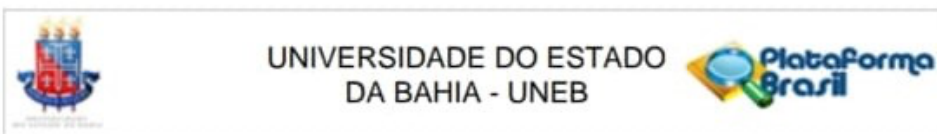
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1811681.pdf	14/03/2023 22:03:15		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Recurso.pdf	14/03/2023 22:02:59	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_moradores.docx	10/01/2023 15:13:14	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	Termo_de_assentimento_do_menor.docx	10/01/2023 15:12:36	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	TCLE_reponsavel_pelo_menor.docx	10/01/2023 15:12:01	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.docx	10/01/2023 15:11:20	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projotodetalhado.docx	10/01/2023 15:10:39	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	10/01/2023 15:10:17	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA.pdf	10/01/2023 15:10:06	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	02/11/2022 15:53:03	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	TCLE_professoraDePortugues.docx	02/11/2022 15:51:27	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	02/11/2022 15:48:16	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	Texto_teste14.pdf	16/09/2022 19:41:02	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Texto_teste15.pdf	16/09/2022 19:40:45	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Outros	Texto_teste7.pdf	26/01/2022 13:39:34	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Text_teste4.pdf	04/09/2021 20:17:03	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Texto_teste2.pdf	04/09/2021 20:13:19	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito
Declaração de concordância	Texto_teste1.pdf	04/09/2021 20:12:13	NADIR DE SOUZA LEDO AGUIAR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
 Bairro: Água de Meninos CEP: 40.460-120
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3612-1330 Fax: (71)3612-1300 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.983.362

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 04 de Abril de 2023

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

ANEXO B – CORDEL SOBRE O GARIMPO NA SERRA DO SALTO

Texto feito de cabeça e declamado por Sr. Antônio Neto, quando era garimperito na Serra do Salto, em Licínio de Almeida-BA (limita-se ao norte com Caetité)

Gravado, pela pesquisadora, em entrevista em João Barroca em 15.01.2024

Peço força de Jesus Cristo, meu Deus onipotente

Pra mim contar essa história que me deixou comovente

Tão mesmo injustiçados foi os garimpeiros inocentes

Na fazenda Serra do Salto existia uma mineração

há muitos anos que não explorava e o povo para sobreviver

Foi em busca dessa lavra

Era mais de duzentas famílias que trabalhavam ali dentro

derramando o suor para adquirir o sustento

Pra tocar o serviço até dormia no tempo

Tomando neblina e sereno naquela barra de vento

Um dia os garimpeiros tomou uma decisão

De fazer barraca de palha e taquara

E cama de vara para não dormir no chão

Poucos dias depois o oficial de justiça chegou

Chamou os garimpeiros presente

Estou aqui autorizado, delegado, juiz e tenente

Desocupar urgente senão vai haver uma guerra brevemente

Que vai ouvir em cima da terra pedaço de árvore e osso de gente

Poucos dias depois o batalhão chegou botou fogo no barraco

Na mesma da hora incendiou tudo que tinha dentro o fogo devorou

Até a perna de uma velha o fogo queimou

Os garimpeiros sentaram e fizeram uma concentração

Morrer de fome nós não vai não,

Voltar pro serviço é a nossa solução

Quando o garimpeiro chegou só viu fumaça levantar

Quando chegou no barraco a roupa estava acabando de queimar

Até as panelas no fogo mal pode prever

O povo saiu correndo com medo de tiroteio

Andando em procissão naquela triste aflição

Passaram o dia sem comer

Tinha um tal Henrique Catarino falado

Não era um grande fazendeiro

Mas era um pouco mais abradado

Deu apoio ao nosso serviço na hora que foi procurado

Expulsou os garimpeiros até fora do portão

E para o lado de dentro ficaram os soldados de arma na mão

Cheia até a tampa e bala no cinturão

Pedi ao Henrique catarino uma permissão e ele deu logo a solução

Pode ficar aqui em meu terreno até vocês tomar a decisão

No mesmo instante os garimpeiros reuniram e tomaram uma decisão

Para ir pra Salvador fazer uma manifestação

No instante decidiu, escolheu oitenta garimpeiros

No outro dia cedo embarcamos em dois buzão

Chegando em Salvador no amanhecer do outro dia

Invadimos terra, estrada, pista, fachada

E gritando justiça até chegamos a governadoria

Chegou à governadoria e contou a situação,

O governo pediu uma audiência

Com três dias de antecedência para dar uma solução

Nós sentamos na porta da governadoria ali pelo chão

Os guardas chegou e disse aqui vocês não podem ficar não

Vai para prédio da governadoria

lá vocês tem conforto e alimentação

Chegou o terceiro dia houve a reunião

O governo disse já tomei uma decisão

Vocês podem voltar e acampar que brevemente

Eu vou ajeitar para você voltar a trabalhar

Já conversei com as prefeituras da região

Para dá vocês alimentação

E vocês podem ficar lá na frente do portão

No outro dia cedo já chegou cesta básica do município de Ibiassucê

Tauape e Caculé, Licínio e Urandi, Guanambi e Caetité

Trinta dias depois o governo mandou chamar a atenção

Para ir vinte garimpeiros em Brasília para uma reunião

O capanga da fazenda sorria, batia palma e gritava:

O fazendeiro tem dinheiro que dá para tirar o Brasil do trilho

O quê que esses bestas vai caçar em Brasília?

Nós chegamos lá em Brasília muito bem acompanhado

Prefeito e advogado, garimpeiro e delegado

Juiz e deputado e o glorioso Waldir Pires ,

Governador do nosso Estado

No outro dia seguinte o tribunal deu o veredicto

Os garimpeiros ganhou a questão e o fazendeiro achou esquezito

Mesmo assim ele dizia com a voz macia:

está muito bem, briguei na justiça mas não matei ninguém

Aí,por isso eu agradeço a Deus

e agradeço padre e freira na nossa região doal

E agradeço D Alberto no palácio Episcopal

E agradeço vocês que tá me ouvindo

porque se eu for contar a história toda

três dias não dá para falar.

APÊNDICE A – TCLE PROFESSORES



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM
PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME
RESOLUÇÃO Nº466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE
SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do

Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: _____

Endereço: _____ Complemento: _____

____ Bairro: _____ Cidade: _____ Cep: _____

Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1.TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca.

2.PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Cargo/Função: DISCENTE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca de responsabilidade da pesquisadora: Nadir de Souza Lédo Aguiar, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: **conhecer e analisar a história da comunidade de João**

Barroca em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como: contribuir como ferramenta para as aulas da Escola Vereador Clemente Ferreira de Castro e de outras unidades de ensino, bem como contribuir para formação de uma visão crítica sobre o meio em que a comunidade escolar vive e se relaciona, promovendo também e preservação da memória local da comunidade de João Barroca.

Caso aceite, o Senhor(a) responderá questionário on-line com perguntas envolvendo o tema da pesquisa e sua prática na escola. Durante sua participação na pesquisa o senhor(a) poderá ter algum desconforto, visto que, ao se deparar com alguma pergunta do questionário, seja por não saber alguma pergunta ou não querer expor suas ideias. Por isso, serão tomados todos os cuidados para evitar ou reduzir qualquer desconforto, devendo responder apenas às perguntas que quiser, sem ter que se justificar ou sofrer qualquer prejuízo. O questionário não exigirá sua identificação. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr.(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Endereço: Rua São Miguel, Bairro: Santa Rita, Caetité-BA, CEP: 46400-000

Telefone: (77)99994-8108

E-mail: nadirledo4@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.:

(71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa: História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Caetité, 28 de abril de 2023.



Assinatura do participante da pesquisa

Nadir de S. b. Aguiar

Nadir de Souza Lédo Aguiar
responsável

Assinatura do professor



APÊNDICE B – TCLE OFICINA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (____) _____/(____) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: ANTES QUE A LAMA NOS APAGUE:** História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca.

2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Nadir de Souza Lédo Aguiar

Cargo/Função: DISCENTE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **ANTES QUE A LAMA NOS APAGUE:** História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca de responsabilidade da pesquisadora: Nadir de Souza Lédo Aguiar, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: **conhecer e analisar a história da comunidade de João Barroca em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial.**

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como: contribuir como ferramenta para as aulas da Escola Vereador Clemente Ferreira de Castro e de outras unidades

de ensino, bem como contribuir para formação de uma visão crítica sobre o meio em que a comunidade escolar vive e se relaciona, promovendo também e preservação da memória local da comunidade de João Barroca.

Caso aceite, o Senhor(a) responderá questionário on-line com perguntas envolvendo o tema da pesquisa e sua prática na escola e participará do desenvolvimento de oficina de produção textual. Durante sua participação na pesquisa o senhor(a) poderá ter algum desconforto, visto que, ao se deparar com alguma pergunta do questionário, seja por não saber alguma pergunta ou não querer expor suas ideias. Na oficina também poderá surgir imprevistos como falhas das tecnologias, dificuldade na aplicação das oficinas com os estudantes. Por isso, serão tomados todos os cuidados para evitar ou reduzir qualquer desconforto, devendo responder apenas às perguntas que quiser, sem ter que se justificar ou sofrer qualquer prejuízo. O questionário não exigirá sua identificação. Ao longo da oficina a pesquisadora garantirá todo suporte cuidando para evitar ou reduzir qualquer desconforto ou imprevisto. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr.(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Endereço: Rua São Miguel, Bairro: Santa Rita, Caetité-BA, CEP: 46400-000

Telefone: (77)99994-8108

E-mail: nadirledo4@yahoo.com.br

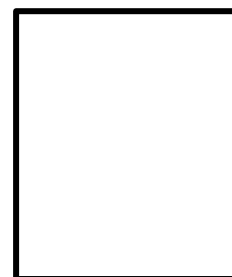
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **ANTES QUE A LAMA NOS APAGUE:** História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Caetité, 28 de abril de 2023.



Assinatura do participante da pesquisa

Nadir de S. b. Aguiar

Nadir de Souza Lédo Aguiar

(orientando)

Assinatura do professor responsável

(orientador)

APÊNDICE C – TCLE – MORADORES DE JOÃO BARROCA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA
COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº466/12 DO
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____

Sexo: F () M () Data de Nascimento: / /

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____

- DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca.

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Cargo/Função: DISCENTE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento

**- EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE
SOBRE A**

PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca** de responsabilidade da pesquisadora: Nadir de Souza Lédo Aguiar, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo: **conhecer e analisar a história da comunidade de João Barroca em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial.**

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como: contribuir como ferramenta para as aulas da Escola Vereador Clemente Ferreira de Castro e de outras unidades

de ensino, bem como contribuir para formação de uma visão crítica sobre o meio em que a comunidade escolar vive e se relaciona, promovendo também e preservação da memória local da comunidade de João Barroca. Desse modo, a pesquisa contribui para preservar a memória e recordar sua história e de seus ancestrais.

Caso aceite, o Senhor(a) responderá a entrevista gravada com perguntas sobre a história da comunidade João Barroca e participará do vídeo documentário que será produzido pela pesquisadora a partir das entrevistas.

Durante sua participação na pesquisa o Senhor(a) poderá ter algum desconforto, pois as perguntas feitas pela pesquisadora e estudantes poderá trazer recordações não agradáveis ou ainda o Senhor(a) pode não se sentir confortável em ser gravado durante as perguntas. Por isso, o Senhor(a), pode participar apenas do que quiser, sem ter que se justificar ou sofrer qualquer prejuízo. Serão tomados todos os cuidados para evitar ou reduzir qualquer desconforto

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua entrevista será utilizada apenas no documentário e para fins desta pesquisa, isso se o Senhor(a) permitir. Caso queira (a) Senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Quaisquer dúvidas que o (a) Senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr.(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Endereço: Rua São Miguel, Bairro: Santa Rita, Caetité-BA, CEP: 46400-000

Telefone: (77)99994-8108

E-mail: nadirledo4@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

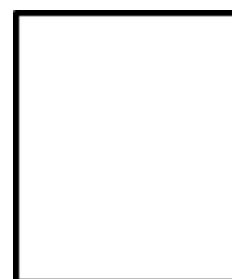
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W

5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Caetité, 28 de abril de 2023.



Assinatura do participante da pesquisa

Nadir de S. b. Aguiar

Nadir de Souza Lédo Aguiar
responsável

(orientando)

Assinatura do professor

(orientador)

APÊNDICE D – TALE – MENORES

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO SRIC TU SENSU**

**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA
COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos **conhecer e analisar a história da comunidade de João Barroca em Brejinho das Ametistas, na perspectiva da memória local e da educação patrimonial**. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será convidado a responder um questionário de perguntas on-line e participar de algumas oficinas que envolvem aulas por videochamada com orientações para produção textual e aula de campo na comunidade em que você mora.

É possível que você sinta algum desconforto ao participar das atividades, seja por não saber responder alguma pergunta do questionário, ou ter que se deslocar de sua casa para participar da aula de campo em sua comunidade. Caso você queira poderá desistir de participar da pesquisa ou optar por não participar de algum momento da oficina, a pesquisadora irá respeitar sua vontade.

Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua participação poderá gerar aprendizagens, contribuir com a produção do documentário que poderá ser uma ferramenta para tornar as aulas da Escola Vereador Clemente Ferreira de Castro e de outras unidades de ensino mais interessantes. Bem como, contribuir para formação de uma visão crítica sobre o meio em que a comunidade escolar vive e se relaciona, promovendo também a preservação da memória local da comunidade de João Barroca. Desse modo, a pesquisa contribui para preservar a memória e recordar sua história e de seus ancestrais.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terão acesso a eles. Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nadir de Souza Lédo Aguiar

Endereço: Rua São Miguel, Bairro: Santa Rita, Caetité-BA, **CEP:**

46400-000 **Telefone:** (77)99994-8108 **E-mail:** nadirledo4@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de

Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250 e-mail: cepuneb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa :História local, patrimônio e memória da comunidade de João Barroca. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Caetité, ____ de _____ de 20__

Assinatura do participante da pesquisa

Nadir, de S. B. Aguiar

Assinatura do pesquisador

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob número de parecer: **5.983.362** em **04.04.2023**, consulta disponível no link :

<https://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgripador.jsf>

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO – DOCENTES**E-mail**

1. Nome: _____**2. Qual seu vínculo com a Rede Municipal de Ensino de Caetité?** concursada(o) contratada(o)**3. Já foi gestor(a) da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro?** Sim Não

Se sim, por quanto tempo? _____

4. Formação Graduação Graduação Mestrado Doutorado**5. Ano de formação, curso e local de formação.**

6. Sou professor(a) da Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro há: 1 a 4 anos 5 a 10 anos Mais de 10 anos**7. Trabalha com quais componentes curriculares?****8. Você já fez ou participou de alguma aula de campo com seus alunos? Caso a resposta seja afirmativa, qual era o objetivo dessa aula?****9. Você já participou de alguma visita as comunidades onde os alunos residem? Caso a resposta seja afirmativa, descreva os objetivos da(s) visitas.****10. Você tem planos, juntamente com outros colegas e a gestão, de fazer visitas à comunidade? Quais os objetivos destas visitas?**

11. Você acha que tratar da questão ambiental pode contribuir para a consciência de preservação ambiental em nossos alunos ajudando-os a preservar o lugar em que vive? De que maneira poderíamos fazer isso?
12. O que a escola, os professores e gestores podem fazer para fortalecer o trabalho com a memória e história das comunidades onde nossos alunos residem?
13. Sabe-se que a educação patrimonial está prevista na Base Nacional Comum Curricular na habilidade EF03HI04: “Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados”. Qual o papel da escola no trabalho com a educação patrimonial?
15. Qual sua contribuição na construção/revisão do PPP de sua escola?
16. Qual a relevância da elaboração de um vídeo documentário sobre a história de uma das comunidades em que os alunos residem?

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO – ESTUDANTES

1. Idade: _____

2. Sua cor/raça/etnia

() Amarela

() Branca

() Indígena

() Parda

() Prefiro não dizer

3. Estado civil

() Casado(a)

() Solteiro(a)

4. Cidade/local onde mora

5. O que você achou de participar dessa pesquisa com a professora Nadir?

6. Antes dessa atividade, quando os professores lhe perguntavam sobre o que tinha em sua comunidade ou quando pediam para fazer trabalho sobre o lugar onde mora, qual era sua reação?

7. Os filmes que você assistiu (Narradores de Javé e As Memórias de Marnie) contribuíram para sua formação e para lhe ajudar no trabalho com história oral e local? Lembra de alguma parte do filme?

8. Como foi participar das oficinas (de vídeo/fotografia, de produção textual e história oral)? Fale lembrando da oficina que participou.

9. Como foi participar ou fazer filmagens de eventos em sua comunidade?

() Me senti inspirado(a) a conhecer mais sobre a história do lugar onde vivo

() Não gostei

() Outros: Descreva:

10. Como foi fazer entrevistas às pessoas mais velhas?

11. Este trabalho aumentou o seu interesse pela história de sua comunidade?

() Sim

() Não

() Mais ou menos

12. Este trabalho fez você refletir sobre os problemas que a comunidade enfrenta? Se sim, quais foram os problemas?

13. Em sua opinião, discussões de assuntos como o tratado nas oficinas (de vídeo/fotografia, de produção textual e história oral. As oficinas realizadas pelas professoras Nadir, Edineusa e pela estudante de cinema (Gabriela) estão sempre presentes nas aulas?

14. Quando temas voltados para história da sua comunidade são discutidos na escola, como você se sente em relação ao lugar que vive? Isso ajuda a compreender melhor as aulas?

15. Você acha que o período da pandemia deu uma esfriada nas atividades do projeto da história da comunidade?

16. Qual foi sua participação no projeto (atividades desenvolvidas)?

APÊNDICE H – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nota: Aqui consta um roteiro para entrevista semiestruturada. As perguntas foram feitas de acordo com o tema e pessoas pré-selecionadas para responder sobre os determinados temas.

NOME:

IDADE:

CASADO(A) () SOLTEIRO(A) ()

LOCAL ONDE MORA:

SOBRE A HISTÓRIA DA COMUNIDADE PARA O FILME

1- HISTÓRIA

- 1.Sr. _____ como essas terras foram povoadas?
- 2.Porque o nome da comunidade é João Barroca? Já teve outro nome?
- 3.Quantas gerações antes da sua, que você tem conhecimento, habitaram essa terra (pais,avós,bisavós)?
- 4.Quais os sobrenomes dos habitantes da comunidade? (Que você sabe)
- 5.Quais são as localidades que fazem parte de João Barroca?
- 6.Como é a relação de João Barroca com as outras localidades? Vocês frequentam as outras localidades? Eles frequentam aqui?
- 7.Algum antigo já contou histórias de pessoas que foram pegas no laço por aqui no mato? Como é isso?
- 8.Quem era a pessoa mais velha que o senhor conheceu na comunidade? O que fazia? E hoje quem é?
9. Tem localidades aqui que tem muitas pessoas negras?

2- TRABALHO

1. Qual o nome da associação? Quanto tempo tem e quantos presidentes já teve? Qual trabalho desenvolvido por ela?

2. Quais atividades econômicas são desenvolvidas na comunidade?(as pessoas trabalham em quê)
3. E sobre a lagoa de João Barroca, qual a importância para a comunidade? Como vocês usam ela? Quando e como foi construída? As águas vêm de que riacho/nascente?
4. Antigamente havia divisão do porco ou outro animal entre alguma família? Compartilham o uso de terras para o pastoreio do gado, a colheita de lenha e de ervas medicinais e acesso a água?
5. Tem de tudo na comunidade? Ou vocês têm que fazer feira fora?
6. Sobre a escola, estudo, como era antes e agora?
7. Quais atividades econômicas são desenvolvidas na comunidade?(as pessoas trabalham em quê)
8. E sobre a lagoa de João Barroca, qual a importância para a comunidade? Como vocês usam ela? Quando e como foi construída? As águas vêm de que riacho/nascente?
9. Antigamente havia divisão do porco ou outro animal entre alguma família? Compartilham o uso de terras para o pastoreio do gado, a colheita de lenha e de ervas medicinais e acesso a água?
10. Tem de tudo na comunidade? Ou vocês têm que fazer feira fora?
11. Conta a história da cozinha para a gente. Como começou? De quem foi a ideia e como vocês se organizam para a produção? Vendem para onde? Quais benefícios que a cozinha industrial trouxe para vocês? (para as mulheres da cozinha)

3- FESTEJOS E COMEMORAÇÕES DO LUGAR

1. Como é a organização das festas religiosas? O festeiro, a participação da comunidade?
2. Vocês têm cemitérios antigos aqui? Onde enterram seus mortos? Há alguma celebração aos mortos além da missa de 7 dia? Excelência? Alguém que canta?
3. Como é a organização da cavalgada? Tem quantos anos que acontece e a participação da comunidade, como é?

4- ARTISTAS DO LUGAR

1. Conta para gente como o sr. aprendeu a arte de tocar ou cantar?
2. O sr. apresenta em todos os eventos da comunidade ou só de vez em quando?
4. É uma profissão?
5. Como o sr. se sente fazendo arte com esses instrumentos?

5- ESTUDANTES COLABORADORES

1. Como foi participar da pesquisa sobre a história de sua comunidade?
2. Este trabalho aumentou o seu interesse pela história de sua comunidade? O que mais lhe marcou?
3. Qual foi sua participação no projeto?

SOBRE A HISTÓRIA APÓS A CHEGADA DA BAMIN- APENAS PARA A DISSERTAÇÃO (MAIORIA DAS PERGUNTAS FORAM CRIADAS PELOS ALUNOS)

1. O que o sr/ sra sabe sobre os moradores de Palmito e Antas?
2. O que mudou depois da Bamin na região? (Os riachos e outros acidentes geográficos, rochas mudaram de nome ou foram destruídos?)
3. Há divulgação de que os trabalhos da empresa irão gerar emprego na região? O que o sr. pode nos dizer a esse respeito?
4. Há a possibilidade de a comunidade ficar sem água? Porque? Como vocês ficam caso haja essa possibilidade?
5. A Bamin ajudou a comunidade com um poço artesiano, mas ao mesmo tempo ela acabou com as raras nascentes dos Gerais. Isso lhe preocupa com o que pode ainda acontecer? Quais as consequências para a barragem de João barroca?
6. O que aconteceu com a pastagem comum?
7. O Riacho Pedra de Ferro já tinha esse nome ou foi a empresa que deu esse nome ao riacho?
8. A Bamin trouxe ou vai trazer algum benefício para a comunidade? O que você acha?
9. De que maneira os projetos da Bamin (Mina Pedra de ferro e Barragem, Exploração de minério) irá prejudicar a comunidade?

10. Na sua opinião quais serão as consequências para as gerações futuras com a construção da barragem
11. Para estender suas propriedades a Bamin, precisou retirar cerca de 38 famílias da comunidade de Antas Velho. Você tem medo que ocorra isso também com sua família, vizinhos e sua comunidade?
12. Depois do rompimento da barragem de Mariana e Brumadinho vocês ficaram preocupados? O que vocês fizeram?
13. Quem foi visitar Brumadinho e porquê?
14. Depois que mudou o método de alteamento vocês ficaram mais tranquilos ou ainda tem medo e porquê?
14. Antes dos desastres em Brumadinho e Mariana já tinha tido alguma manifestação contra a construção da barragem aqui?

APÊNDICE I – CORDEL

Cordel escrito na oficina de textos pelos alunos de João Barroca

Professora: Edineusa Cruz

Meu Deus, criador!	Quem já veio, vem de novo
Não sei por onde começar?	Quem não veio quer conhecer
As histórias que conheço	XXXXXXXXXX
Em versos não dá para narrar	Quando chove em João Barroca
O lugar é bem pequeno	A magia acontece
Mas tenho muito o que falar	Tudo que era chato fica bom
XXXXXXXXXX	O que era velho, rejuvenesce
Os mais antigos me disseram	Até as pessoas mudam
Como foi dado o nome	O que era pequeno se engrandece
Seu primeiro morador	XXXXXXXXXX
Da Barroca era esse homem	Além dos belos córregos
O seu nome ao lugar foi empregado	Cheios de água a correr
Depois de erguer a capela	A umidade aparece
Podemos iniciar o batizado	Tem água para beber
XXXXXXXXXX	As crianças vão brincar
Conhecido por João Barroca	Antes da seca aparecer
Homem de muito significado	XXXXXXXXXX
Depois da homenagem	A barragem também enche
O cabra teria se mandado	Muitos correm, vêm pescar
Comunidade João Barroca Araticum	De vários lugares vem gente
Já com o nome oficializado	Nossa história apreciar
XXXXXXXXXX	Muitos vêm pela pescada
Um lugar de muita história	Outros, só observar
De cultura e de lazer	XXXXXXXXXX
Aqui em João Barroca	No momento de diversão
Se tem muito a aprender	Um “baba” vamos bater

Saímos de nossa casa
 Para apreciar e torcer
 No campinho pequeno
 Um jogo bom de se ver
 XXXXXXXXXXXX
 Também tem outro campo
 Esse é só para torneios
 Se você quiser jogar
 Arrume o seu goleiro
 Não esqueça do atacante
 E do resto do time inteiro
 XXXXXXXXXXXX
 Igreja de Santo Antônio
 O santo casamenteiro
 Comemorado em 13 de junho
 Do amor é hospedeiro
 O devotamos com afeto
 Pois é nosso padroeiro
 XXXXXXXXXXXX
 Também tem a cavalgada
 Tem cavalo e gente só
 De noite tem a festa
 Com um belo de um forró
 Só não dança quem não quer
 Mas quem gosta levanta o pó
 XXXXXXXXXXXX
 No centro da comunidade
 Se encontra a sede de reunião
 Onde as pessoas se encontram
 Para chegar a uma conclusão

Sobre o que vai acontecer
 Às vezes dá até confusão
 XXXXXXXXXXXX
 Aqui também tem um prédio
 Que era prédio escolar
 Antes se dava aula
 Agora ele está lá
 No centro de João Barroca
 Onde todos vão se encontrar
 XXXXXXXXXXXX
 Nos fins de semana
 Vou comer um pastel
 Na cozinha industrial
 Que parece mais o céu
 Lá também se faz biscoitos
 Que são doces como mel
 XXXXXXXXXXXX
 Aqui também tem árvores
 De alto e pequeno porte
 Embaixo de uma delas
 Você sente uma brisa forte
 Que parece ser do paraíso
 E veio trazer a sorte
 XXXXXXXXXXXX
 Uma fonte de trabalhado
 Que foi desperdiçada
 É a “casa de roda”
 Que está toda abandonada
 Onde os pais trabalhavam

E traziam as criançadas
 Xxxxxxxxxx
 O trabalhador rural
 Faz sua pequena plantação
 Cultiva sua horta
 Na maior aflição
 Esperando cair a chuva
 Para molhar o seu sertão
 Xxxxxxxxxx
 Aqui se planta milho
 Mandioca e pimentão
 Alface e cheiro verde
 E temperos de montão
 Basta ter coragem
 Para cultivar nesse chão
 Xxxxxxxxxx
 Na roça de meu pai
 Tem vários coqueiros
 Que fazem uma sombra boa
 Como se fosse um juazeiro
 No calor do sol quente
 Que arde o dia inteiro
 Xxxxxxxxxx

Também tem muitos animais
 Das mais belas criações
 Tem bois e tem bezerros
 Tem vacas e tem leitões
 Tem bodes dos pequenos
 E cavalos dos grandões
 Xxxxxxxxxx
 Vou terminar assim
 Falando das amizades
 Pois aqui em João Barroca
 Não reina a falsidade
 Uma coisa eu afirmo
 Só tenho amigos de verdade
 Xxxxxxxxxx
 Por isso que eu gosto daqui
 Simplicidade no viver
 Alegria no falar
 Histórias de prazer
 Obrigada por me prestigiar
 Eu só tenho a agradecer.